

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (ICH)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**A IMPORTÂNCIA MORAL DO RECONHECIMENTO: UM ESTUDO DE CASO**

**Priscila Gomes de Azevedo**  
**(Orientador: Prof. Dr. Jessé Souza)**

Dissertação de mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Setembro de 2007

# **A IMPORTÂNCIA MORAL DO RECONHECIMENTO: UM ESTUDO DE CASO**

por

Priscila Gomes de Azevedo

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Jessé José Freire de Souza (Orientador, ICH – UFJF)

---

Prof. Dr. Octavio Andres Ramon Bonet (ICH – UFJF)

---

Prof. Dr. Luís Augusto Sarmiento Cavalcante de Gusmão (UnB)

Juiz de Fora  
Setembro 2007

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Juiz de Fora e ao Programa de Mestrado em Ciências Sociais pela oportunidade de crescimento intelectual.

Ao professor do departamento de Ciências Sociais desta instituição e amigo Marcelo Soares Dulci, primeiro incentivador a que eu fizesse o mestrado e a quem devo muito do que sou.

Aos professores do programa Jessé Souza, Rubem Barboza Filho, Gilberto Barbosa Salgado, Eduardo Salomão Condé, José Alcides Figueiredo Santos, Octavio Andres Ramon Bonet e Raul Francisco Magalhães pela qualidade das disciplinas ministradas.

Em especial ao professor Octavio Bonet, sempre acessível e dedicado, esteve presente quando eu mais precisei.

Ao também professor do programa Euler David de Siqueira, pela solicitude com que aceitou ler meu trabalho em tão pouco tempo e pelas fecundas sugestões.

Ao secretário do programa Francisco da Rocha Filho, pela presteza e desvelo com que sempre me atendeu.

À ex-diretora Antônia Maria de Oliveira e à atual diretora Vera Lúcia de Castro Dias da escola onde leciono, pela flexibilidade dos meus horários nesses dois anos e meio. Sem essa compreensão, certamente não teria conseguido conciliar trabalho e estudo.

Às pessoas que me ajudaram no levantamento das pessoas que entrevistei, em especial à minha mãe Tereza, às minhas tias Neuza, Janice e Áurea, à minha amiga Roberta e à sua mãe Nina, à Neusa Vaz de Melo e à dona Isaura.

Às pessoas que entrevistei, pela gentileza com que aceitaram me conceder a entrevista, pela oportunidade de fazer valer a pena tudo o que estudei e pela motivação para continuar.

Aos amigos de turma, pela troca de experiência e pelos felizes momentos de descontração. Em especial ao Leandro e ao Nilo, pela leitura cuidadosa do trabalho e pelos comentários.

Aos novos amigos que fiz nessa instituição no decorrer desse processo, em especial à Daniele de Assis Pinheiro, à Fabíola Paulino da Silva, à Fernanda Junqueira, à Anete

Negreiros, à Gheysa Gama, à Juliana Anacleto, à Aline Gomes, ao Rodrigo Mello, ao Wagner Rezende e ao Daniel Albergaria.

À Luciana Ferrera da Silva, grande amiga, pelo carinho com que ouviu minhas infinitas lamentações nesse período e pelas palavras de força e apoio.

Aos meus familiares, principalmente à Maria Alice Fonseca Martins Bonafini e à Gabriela Bonafini D'Epiro, pela preocupação e pelas preces em minha intenção.

À minha mãe Tereza e ao meu irmão Renato, pela compreensão dos momentos em que não pude estar presente e pelo incondicional amor.

Ao meu companheiro Daniel, pela paciência com que aturou meu nervosismo decorrente da insegurança em relação à qualidade e ao término do trabalho e por estar sempre ao meu lado, amável e diligente, me dando força no que eu precisar.

A todos vocês, muito obrigada!

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	8
<b>CAPÍTULO 1 - Apresentação da teoria utilizada .....</b>	<b>14</b>
1.1 - Pierre Bourdieu e a cumplicidade ontológica entre <i>habitus</i> e campo.....	15
1.2 - Charles Taylor e a objetividade moral.....	26
1.3 - Bourdieu e Taylor: a possibilidade de articulação da prática .....	35
<b>CAPÍTULO 2 - Estudo dos casos.....</b>	<b>40</b>
2.1 - “Eu sou o ‘para-raios’ da casa” .....	45
2.2 - “Cumprir a minha missão” .....	68
2.3 - “Eu lutei por isso” .....	90
2.4 - “Eles querem jogar eu fora” .....	103
2.5 - “O que adianta eu ser rico, mas não ter amigo?” .....	117
2.6 - “O inferno é aqui” .....	133
2.7 - Tudo na camaradagem! Graças a Deus!.....	149
<b>CAPÍTULO 3 - A importância moral do reconhecimento: da subalternidade à dignidade .....</b>	<b>167</b>
3.1 - Das disposições à sua gênese.....	168
3.2 - A dignidade como <i>illusio</i> .....	175
3.3 - A tríade do reconhecimento .....	181
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>185</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>187</b>

## RESUMO

Este trabalho consiste em compreender a lógica específica, de determinado "campo", que fomenta, naturaliza e perpetua relações de submissão e exploração. Trata-se de um estudo de casos de "adoção", não legalizada, em duas cidades do interior de Minas Gerais, Guiricema e Visconde do Rio Branco. Nessas cidades, era comum famílias mais abastadas terem o que é conhecido na região por "filhos-de-criação". Os filhos-de-criação eram acolhidos por estas famílias ainda bebês ou crianças e apresentados como filhos, mas tratados como "empregados". A educação que recebiam não era a mesma dada aos filhos biológicos: estes estudavam, trabalhavam, saíam de casa, se casavam etc. Em todos os casos analisados, os filhos-de-criação foram educados para dedicarem suas vidas ao cuidado dos pais, da casa. É um dever de retribuição não explícito, mas incorporado no habitus e na própria "estrutura objetiva" em que foram socializados. Assim, a relação de submissão e exploração acontece de forma natural. A subordinação se dá à família enquanto instituição, ou seja, enquanto algo dotado de "vida própria", de um "espírito coletivo".

A sociedade, que não possui as estruturas subjetivas (habitus) necessárias para o reconhecimento deste "jogo", bem como dos seus "alvos", admira os filhos-de-criação e lhes presta respeito ("atitudinal") exatamente pela submissão, a seus olhos voluntária, que estes prestam à família "adotiva". Desse modo, a sociedade contribui para a preservação dessa relação na medida em que só reconhece (e respeita) os filhos-de-criação mediante essa condição.

Esse é um jogo muito complexo, também muito articulado, nutrido pelos próprios filhos-de-criação, pela família e pela sociedade. Tudo acontece de forma natural, como se fosse uma escolha. O que está realmente "em jogo" não é percebido por nenhuma das partes. A compreensão dessa realidade empírica se deu à luz das teorias de Pierre Bourdieu e de Charles Taylor.

Palavras-chaves: *habitus*, moral, família, submissão, exploração.

## ABSTRACT

The writing herein aims at comprehending the specific logic of a given “field”, which encourages and naturalizes and perpetuates the relations of submission and exploitation. It consists of a study on “adoption” cases, not legalised, in two towns, named Guiricema and Visconde do Rio Branco, located in the countryside of the State of Minas Gerais. In those towns, it was habitual that wealthier families were allowed to have what became known as “fostered-children”. The so-called fostered-children were housed by those families at early ages and held as legitimate children, but treated as servants. The education they were given differed from that of the family’s legitimate children, who could study and work, leave home and marry. In all cases put under analysis, the fostered-children were raised to devote their lives to taking care of the house and of their “parents”, an unwritten law of reward, but grown into the *habitus* and into its own "objective structure", where they were socially adapted. Thus, the relations of submission and exploitation happen naturally and the dependence is aroused, having the family as an entity, that is, as something with particular life and spiritual collection.

Once it does not bear the subjective structures (*habitus*) necessary for the apprehension of such a plot, as well as of this plot’s targets, the Society praises those fostered-children and imparts respect to them ("assertion") because of their submission itself, seen as voluntary, which they concede to their fostering family. Thereby, the Society contributes to the preservation of that relation as long as it only recognises and respects the fostered-children under such condition.

That is a quite complex, wittily woven plot, nurtured by the fostered-children, by the fostering family and by the Society. It all takes place just as natural as a choice can be. The things which are at stake cannot be perceived by any of the parts involved. The understanding of that empirical reality was achieved by means of Pierre Bourdieu & Charles Taylor’s theories.

Keywords: *habitus*, morality, family, submission, exploitation.

## INTRODUÇÃO

O “objeto” de estudo em questão fez, de certa forma, parte do meu próprio universo social. Guardo nas minhas lembranças da infância, das férias em que passava com meus avós em duas pequenas cidades vizinhas do interior de Minas Gerais, Guiricema e Visconde do Rio Branco, o estranhamento a uma forma de relação familiar comum naquelas cidades, mas bastante diferente dos “padrões” de uma cidade como São Paulo, nos quais fui socializada. Saltava-me aos olhos, ainda sem qualquer acuidade sociológica, naturalmente, apenas por puro estranhamento, pessoas que eram apresentadas como filho, mas tratadas como “empregado”. Essas lembranças datam cerca de vinte anos. Ainda nos idos de 1980, era comum os “filhos-de-criação”; pessoas que eram dadas, ainda crianças, pela família biológica que não tinha condições econômicas de cuidar. Não se trata de casos de adoção, nada é legalizado.<sup>1</sup> As famílias que “acolhiam” essas crianças as apresentavam como filho para a sociedade. No entanto, a relação pais/filho-de-criação era bastante diferente da relação pais/filho biológico. Todos os filhos estudavam, “trabalhavam fora”, saíam de casa, se casavam etc.; menos o filho-de-criação. Este ficava servindo à casa; cuidando e dedicando sua vida até a morte dos pais. Lembro-me de algumas visitas informais nas quais acompanhei minha avó ou alguma tia à casa de conhecidos delas, em que havia sempre uma pessoa que nos recebia, fazia e nos servia o café, mas não se sentava à mesa conosco; voltava logo a seus afazeres e só aparecia novamente quando era solicitado (ou quando terminasse) algum serviço. Esta pessoa não era o (a) empregado (a), era o filho-de-criação.

Este trabalho é um estudo destes casos.

Minhas recordações foram reavivadas no início deste ano, 2007, quando fui a campo. Reencontrei um dos casos de que me lembrava e conheci outros. Não há indícios de novos, acredito que apenas por uma questão burocrática, pois, ainda hoje, essa relação é vista com naturalidade tanto pela sociedade, quanto pela família, como também pelos próprios filhos-de-criação. Esse tipo de relação foi muito freqüente naquela região no decorrer do século XX. Durante a pesquisa fiquei sabendo de vários casos, mas que ficaram

---

<sup>1</sup> Um dos casos, o de Laura, constitui uma exceção.



no passado, na memória das cidades. Tive acesso a oito casos, cinco em Guiricema e três em Visconde do Rio Branco.<sup>2</sup>

Não há na literatura algo que aborde com exatidão esse tipo de relação. A figura do “agregado” é a que mais se aproxima, porém o agregado não é educado, socializado, pela família à qual se agrega. Isso, como veremos, faz toda diferença, pois a relação que se estabelece com a família está inscrita no *habitus* dos filhos-de-criação. Como mostra o trabalho de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997), a relação do agregado (ou “morador em terra alheia”) com o proprietário baseou-se em uma afirmada cordialidade.<sup>3</sup> O proprietário era visto, apesar da “amizade” que se estabelecia, como patrão e não como pai, como no caso dos filhos-de-criação. “*Se ia agradando, dava um jeitinho de ficar na terra. O fazendeiro também ia gostando dele, ia-lhe fazendo as vontades e ele acabava encostando na fazenda. Era amigo, por isso estava lá; se não fosse, ia embora*”, conta o trecho de uma das entrevistas elencadas por Carvalho Franco (1997: 100). Dentre os casos analisados, o de Ainita e, de certa forma, o de João Paulo<sup>4</sup>, se encaixam na classificação de “agregado”.

Guiricema e Visconde do Rio Branco são duas cidades provincianas, cujos costumes ainda preservam características da vida rural. Ambas possuem parte significativa da sua população na zona rural, sobretudo Guiricema, onde não há muita divisão entre o rural e o urbano. Visconde do Rio Branco é maior, demograficamente, e possui mais estrutura (escolas, faculdades, comércio, indústrias, lazer, hospital etc.) do que Guiricema.<sup>5</sup> As relações sociais ainda são marcadas, nas duas cidades, pela pessoalidade. É grande, como mostra algumas entrevistas, a importância para a organização social que os habitantes dessa região atribuem ao que pode ser expresso pela noção bourdieusiana de “capital social de relações pessoais”; diferente, por exemplo, do capital social no sentido de “virtude cívica” como aborda Robert Putnam (2000). Por serem cidades pequenas, há bastante

---

<sup>2</sup> Os casos de Joana e de Maria foram estudados juntos, pois as duas são irmãs e sempre moraram na mesma casa com a mesma “família de criação”.

<sup>3</sup> Dois belos romances, *Dom Casmurro* e *São Bernardo*, já haviam mostrado, no final do século 19 e início do 20, respectivamente, a figura do agregado no cenário rural brasileiro.

<sup>4</sup> Por razões de anonimato, os nomes dos entrevistados, bem como os citados durante as entrevistas, foram cuidadosamente trocados, preservando consonâncias ou referências implícitas contidas nos originais.

<sup>5</sup> De acordo com a contagem de 2007 do IBGE, Guiricema possui 8.906 habitantes distribuídos em um território de 294 km<sup>2</sup> e Visconde do Rio Branco possui 35.346 habitantes em uma unidade territorial de 242 km<sup>2</sup>. Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>

proximidade entre os habitantes. Todos se conhecem, mesmo que apenas “de vista”, como costuma-se dizer por lá. Em Guiricema isso é ainda mais comum; dada a pouca estrutura que a cidade oferece, todos freqüentam os mesmos lugares. Há apenas duas escolas; um posto de saúde; as típicas “vendas”<sup>6</sup>; e a praça da igreja como lazer. A religiosidade das duas cidades também é peculiar. Em ambas, predomina o catolicismo, mas de forma “magicizada”: benção; rezas; superstições, feitiçaria etc. Todas essas e outras crenças “funcionando” com uma lógica de causa e efeito intimamente ligada ao cotidiano.

Uma pergunta norteou a investigação deste trabalho: o que leva os filhos-de-criação a se subordinarem de forma voluntária? Interesse-me pelo horizonte prático-moral que condiciona suas ações; que fundamenta seus *habitus*, suas “disposições”. Nesse sentido, outras questões extremamente importantes, mas não determinantes para o que analiso, não foram aprofundadas. Dentre elas, a de maior relevância é a questão racial. Dos oito filhos-de-criação estudados, apenas um não é negro. No entanto, penso que a questão central deste trabalho, a subordinação, tal como acontece, está além da “cor da pele”. Na terceira parte do trabalho, há uma interface com o estudo de Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classe*, no que tange à sua análise dos fatores psico-sociais na constiuição das práticas “da população de cor” da cidade de São Paulo entre o fim do século 19 e o começo do 20. Minha leitura de Fernandes, bem como dos casos que analisei, esteve atenta à ressalva de não se confundir *habitus* com “cor de pele” feita por Jessé Souza (2003: 159).

Sem muito esforço, logo se observa que esse horizonte prático-moral é composto pela relação que se estabelece entre o *ethos* familiar e o *ethos* religioso. No entanto, também não é através de uma análise detalhada dessas duas esferas que obtenho respostas a para minha pergunta. A questão está antes na particularidade de determinado contexto no qual esse horizonte adquire eficácia. Gostaria de deixar claro que este trabalho não está situado no âmbito de uma sociologia da família e nem no de uma sociologia da religião. Assim, a teoria utilizada aqui tem como objetivo possibilitar o esclarecimento do contexto em questão através de uma articulação da prática das pessoas e do estudo de sua gênese. As teorias de Pierre Bourdieu e de Charles Taylor, bem como a fértil complementaridade

---

<sup>6</sup> Espécie de mercearias que vendem um pouco de tudo e suprem a ausência do comércio. As relações de compra e venda nessas “vendas” são pautadas por uma espécie de “crédito pessoal”; as vendas são feitas a prazo, sem qualquer garantia de pagamento (cheque, cartão de crédito, promissória etc.), apenas são anotadas nas populares “cadernetas” que ficam com o próprio comprador.

existente entre elas alertada por Jessé Souza (2003), atingem esse objetivo e, mais, apesar de não se deterem a nenhuma dessas esferas em particular, ajudam a compreender em profundidade o resultado de sua interface. Luiz Fernando Dias Duarte (2006), nos seus estudos acerca da construção social da pessoa, ressalta que uma análise dos fenômenos que compõem a dimensão moral da definição dos sujeitos sociais acarreta, inevitavelmente, indagações sobre a relação entre essas duas esferas. Ressalta ainda, que cada uma delas suscita, por si só, um manancial constante de bibliografia; porém, o mesmo não ocorre com a sua interface. Encontro aqui respaldo para a proposta deste trabalho.

A “filosofia da ação” ou “disposicional” que Bourdieu propõe, tem como ponto central a “relação de mão-dupla” entre as estruturas objetivas (dos campos sociais) e as estruturas incorporadas (do *habitus*). De acordo com Bourdieu, há uma cumplicidade ontológica entre os indivíduos (ou “agentes”, como prefere) e o mundo social. A filosofia disposicional leva em consideração, na análise das práticas ou comportamentos sociais, o passado incorporado dos agentes e pressupõe a aplicação na prática, pelos agentes, dos princípios da não-consciência. O enfoque da teoria bourdieusiana dado neste trabalho refere-se à sua teoria da reprodução da ordem social e não à da mudança. Para Bourdieu, os agentes são guiados por um conjunto de disposições (*habitus*) adquiridas da estrutura objetiva e incorporadas desde a primeira infância, que funciona como princípios de visão e de divisão do mundo social. Os agentes constroem o mundo social através de estruturas cognitivas constituídas historicamente, das quais, segundo Bourdieu, pode-se traçar a gênese social.

Com um ponto de partida semelhante, Taylor, no seu *As fontes do self: a construção da identidade moderna* (1997), busca articular as ações humanas através do acesso ao que ele chama de “pensamento moral”. Para Taylor, nossas ações são guiadas e orientadas por esse pensamento moral. O ponto desta análise, útil aos propósitos deste trabalho, é a concepção de Taylor da noção de dignidade como um dos eixos do pensamento moral. A dignidade é definida por Taylor associada ao tema do reconhecimento; reconhecimento das pessoas que nos cercam, expresso no que ele chama de “respeito atitudinal”. Apesar de Taylor discutir com mais vagar o princípio da dignidade em *The ethics of authenticity* e em *Multiculturalism*, limito-me à abordagem presente em *As fontes do self*, pois nesses outros

trabalhos a ênfase está no princípio da autenticidade que, junto ao da dignidade, definem a noção de reconhecimento.

A metodologia aplicada a essa pesquisa seguiu algumas das orientações de Bernard Lahire, um dos principais seguidores e, a meu ver, aperfeiçoadores, da filosofia disposicional bourdieusiana<sup>7</sup>. Lahire ressalta que a análise de uma disposição requer um trabalho interpretativo que dê conta de comportamentos, práticas, opiniões etc. “*Uma disposição é uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente*” (Lahire, 2004: 27). Trata-se, segundo ele, de fazer aparecer o ou os princípios geradores das práticas. Desse modo, ao conceber a noção de disposição como um aparato teórico preciso e uma abstração útil para dar conta das práticas, Lahire adverte a importância de o pesquisador conhecer as limitações empíricas que essa noção impõe e dos correlatos metodológicos e teóricos que devemos ter em mente ou utilizá-los. Segue abaixo os parâmetros que segui na montagem e análise das entrevistas<sup>8</sup>:

1º) Toda disposição tem uma gênese que podemos nos esforçar para situar ou para reconstruir. A sociologia disposicional está ligada a uma sociologia da socialização. Desse modo, ela pressupõe que o pesquisador dedique uma parte de seu trabalho ao estudo da constituição (e das condições sociais de produção) das disposições (incorporação);

2º) A noção de disposição supõe que seja possível observar a recorrência, a repetição, de comportamentos, atitudes e práticas. Ela proíbe deduzir uma disposição a partir do registro ou da observação de apenas um acontecimento;

3º) Como uma disposição é o produto incorporado de uma socialização (explícita ou implícita) passada, ela só se constitui através da duração, isto é, mediante a repetição sistemática e cotidiana de experiências relativamente semelhantes. Conseqüentemente, uma disposição pode ser reforçada por solicitação contínua ou pode enfraquecer por falta de treinamento;

4º) Uma disposição não é uma resposta simples e mecânica a um estímulo, mas uma maneira de ver, sentir ou agir que se ajusta com flexibilidade às diferentes situações encontradas. Devido a essa flexibilidade, as disposições podem entrar em estado de “vigília” ou serem transformadas;

---

<sup>7</sup> Lahire levou a cabo a idéia de “flexibilidade do *habitus*”, um ponto desenvolvido por Bourdieu.

<sup>8</sup> Lahire, B. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004, pp. 27-30.

5º) É necessário distinguir “competências” ou “capacidades” de “disposições”, reservando este termo para as situações em que há tendência, inclinação, propensão e não um simples recurso que pode ser utilizado potencialmente.

Como garantia do cumprimento destas e de outras exigências, Lahire propõe um dispositivo metodológico inédito: uma série de seis longas entrevistas realizadas com a mesma pessoa sobre suas práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir, agir em diferentes domínios de prática (escola, trabalho, família, sociabilidade, lazer, práticas culturais, corpo-saúde, alimentação, esporte, estética etc.). Segundo Lahire, para captarmos as disposições e as variações intra-individual dos comportamentos, gostos etc., temos de ter acesso à pluralidade de contextos nos quais os “atores” estão inseridos e os momentos de “ruptura biográfica” nas suas trajetórias (momentos de orientação escolar; de “escolha” no final dos estudos; de saída ou retorno à casa dos pais; de trabalho; de desemprego; de escolha do cônjuge; de chegada dos filhos; de divórcio; de novo casamento ou relação; de escolha ou abandono de determinada atividade cultural, lúdica, esportiva; de mortes em um ambiente mais próximo etc.). No entanto, no caso desta pesquisa, esse dispositivo metodológico não teve aplicabilidade. Os filhos-de-criação não contam com uma pluralidade de contextos de ação e nem há tantos momentos de ruptura biográfica. A vida dessas pessoas segue um curso linear, de tal modo que quase não foi observado variação intra-individual dos comportamentos. Desse modo, com apenas uma entrevista, aliada às observações de campo e às informações de terceiros, foi possível traçar suas principais disposições, bem como o diagnóstico de suas gênese.<sup>9</sup> O roteiro das entrevistas preservou o caráter biográfico sugerido por Lahire.

Este trabalho está dividido em três partes: a primeira é uma apresentação das teorias e da combinação dos pontos que julguei complementares; a segunda é o cerne do trabalho, consiste no estudo dos casos; por fim, a terceira parte trata de algumas considerações acerca do sincronismo e da congruência dos casos e da reconstrução dos mecanismos que estruturam, naturalizam e legitimam a relação de submissão e exploração em questão.

---

<sup>9</sup> Em todos os casos, foram realizadas anotações etnográficas sobre a forma como o contato foi estabelecido, o local das entrevistas e a maneira como se desenvolveram. Em alguns casos, tive oportunidade de observar o pesquisado (em conversas informais, no relacionamento com os pais, com o cônjuge, com vizinhos etc.) e de obter informações sobre ele (por meio de terceiros e conhecidos comuns). Esse material, mencionado ou não em cada estudo de caso, contribuiu para reforçar as impressões sentidas nas entrevistas acerca da recorrência de certas disposições.

## **CAPÍTULO 1 - Apresentação da teoria utilizada**

## 1.1 - Pierre Bourdieu e a cumplicidade ontológica entre *habitus* e campo

O empreendimento científico de Bourdieu consiste em refutar duas reduções: a primeira é a idéia de que para se fazer sociologia é preciso aceitar o que a filosofia clássica chama de “princípio da razão suficiente”, que aborda os indivíduos como agentes racionais, movidos por ações conscientes, guiadas ou orientadas por uma razão. A segunda é a visão economicista onde tudo o que pode motivar os agentes é reduzido ao interesse econômico. Com isso em mente, Bourdieu (1996: 157) propõe um instrumental analítico capaz de pensar além e sobretudo capaz de pensar coisas diferentes; desde, por exemplo, os desafios de honra em uma sociedade aristocrática ou pré-capitalista até o funcionamento do mecenato nas sociedades modernas.

A filosofia da ação ou “disposicional”, com a noção de *habitus*, é uma saída, segundo Bourdieu, a uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou. A noção de *habitus* permite romper com a filosofia da consciência sem anular o agente em sua verdade de operador prático de construção do real. Este *habitus* é definido, em analogia com a *generative grammar* de Noam Chomsky, como o sistema dos esquemas interiorizados que permite engendrar todos os pensamentos, as percepções, as ações, as capacidades ativas, inventivas, “criadoras” dos agentes que, na opinião de Bourdieu (2004: 349), o termo hábito não exprime. O *habitus* funciona como uma espécie de lei tácita (*nomos*) da percepção e da prática que fundamenta o consenso sobre o sentido do mundo social. Bourdieu diz que os agentes podem ter condutas razoáveis, mas não no sentido de racionais; podem ter condutas às quais podemos dar razão, no sentido dos clássicos, a partir da hipótese da racionalidade, sem que essas condutas tenham tido a razão como princípio. A filosofia disposicional consiste em dizer que a maior parte das ações humanas tem por base algo diferente da intenção. Trata-se de disposições adquiridas que fazem com que a ação possa e deva ser interpretada como orientada em direção a tal ou qual fim, sem que se possa, entretanto, dizer que ela tinha por princípio a busca consciente desse fim, desse objetivo.

Nesse sentido, Bourdieu coloca a pergunta: “*que relação bizarra é essa, com o mundo social ou natural, na qual os agentes visam certos fins sem os colocar como tais?*”

(1996: 143). Sua argumentação indica que só podemos compreender a complexidade dessa relação por meio da filosofia disposicional. A filosofia disposicional atualiza as potencialidades inscritas nos corpos dos agentes e na estrutura das suas relações. A noção de *habitus* preenche, de acordo com Bourdieu (1996: 144), uma função que em outra filosofia seria confiada à consciência transcendental: “*é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorpora as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo*”. Em *Le sens pratique* (1980), Bourdieu mostra, como aludido no título, que os agentes são dotados de um “senso prático”; de estruturas cognitivas duradouras (produto da incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. O *habitus* é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação; é o “sentido do jogo”. Os agentes sociais estão envolvidos em seus afazeres (ou no a fazer), que não são postos como objetos do pensar, mas inscritos no presente jogo. Bourdieu (1996: 146) faz uma crítica aos pesquisadores que, inspirados por um desejo de desmistificação, transformam o trajeto em projeto; como se os agentes sempre tivessem tido como objetivo o fim de suas trajetórias.

Para Bourdieu, há uma cumplicidade ontológica entre os agentes e o mundo social, ou entre o *habitus* e o “campo”. Seu objetivo é capturar a lógica mais profunda do mundo social através da imersão na particularidade de uma realidade empírica, historicamente datada e situada, abordando-a como uma figura em um universo de configurações possíveis. No seu *Esquisse d’une théorie de la pratique* (2000), Bourdieu destaca que a prática tem uma lógica própria, que para nós pode não parecer lógica, e aplicar às lógicas práticas a lógica lógica, é arriscar destruir, através dos instrumentos que utilizamos para descrevê-la, a lógica que queremos descrever.

Nesse sentido, Bourdieu desenvolve um modelo analítico, ancorado nas noções de “espaço social” e “espaço simbólico” (ambas sustentadas pelas noções de *habitus*, “capital” e “campo”), útil não apenas à realidade empírica em questão, a sociedade francesa dos anos 70, mas, sobretudo, útil a contextos sociais distintos ou, como ele mesmo diz (1996: 15) utilizando uma expressão de Gaston Bachelard, aplicável a um outro “caso particular do possível”.



O primeiro ponto que Bourdieu destaca é que a análise do espaço social permite superar o impasse da existência ou não de classes sociais, porque aborda o que é essencial nessa discussão: a existência de “diferenças”. Segundo Bourdieu, não se trata de negar a existência de classes, como também não se trata de aceitá-la ou afirmá-la. A noção de espaço social não descarta os antagonismos individuais e os enfrentamentos coletivos entre os agentes situados em posições diferentes no espaço social. O que é colocado em evidência é exatamente a existência e a persistência da diferença. Bourdieu mostra que, até em países como a França, o Japão e os Estados Unidos considerados como uma enorme “classe média” e dos quais se diziam que se tornavam homogêneos, a diferença está por toda parte.<sup>10</sup>

Por sua vez, a noção de espaço simbólico permite resolver problemas, que segundo Bourdieu pareciam insolúveis e bloqueavam a reflexão, colocados pelas antinomias da dominação simbólica: dominação ao mesmo tempo sofrida sob pressão e aceita através do reconhecimento ou da obediência. Compreender o espaço social e o espaço simbólico é um desafio que pressupõe compreender a complexa “relação” entre as estruturas objetivas (dos campos sociais) e as construções subjetivas (estruturas incorporadas – *habitus*) e apanhar o invariante, a estrutura, na variante observada.

Em obras como *La distinction*, *La noblesse d’Etat* e *Les règles de l’art*, Bourdieu enuncia uma leitura relacional, estrutural e sobretudo “geradora” que, segundo ele, coloca seu modelo de análise além das alternativas comuns do objetivismo e do subjetivismo, do estruturalismo e do construtivismo e até do materialismo e do idealismo. O modelo proposto dá primazia às relações e se opõe veementemente ao “senso comum esclarecido”, onde as atividades ou preferências de indivíduos e grupos são abordadas como propriedades “substanciais”, ou seja, em si mesmas e por si mesmas, independente do universo das práticas intercambiáveis. A noção de espaço social permite acessar o princípio do comportamento quer dos indivíduos, quer dos grupos, exatamente porque tem como essência uma abordagem relacional do mundo social. Os agentes sociais se relacionam com base na “diferença”, enquanto ocupam posições relativas no espaço social (Bourdieu, 2002: 97-111).

---

<sup>10</sup> Bourdieu destaca (em outubro de 1989) que nos Estados Unidos não há um dia em que não apareça uma nova pesquisa mostrando a diversidade onde queríamos ver homogeneidade, conflito onde queríamos ver consenso, reprodução e conservação onde queríamos ver mobilidade. *Razões Práticas*, 1996, 8ª edição, p.26.

O que Bourdieu analisa em *La distinction* é exatamente a noção de diferença como propriedade relacional. Essa é a raiz da noção de espaço social: um conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras. A organização das posições desse espaço ocorre de acordo com três dimensões: na primeira dimensão, os agentes são distribuídos de acordo com o volume global do capital que possuem; na segunda, de acordo com a estrutura desse capital, isto é, de acordo com o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no conjunto de seu patrimônio; e na terceira dimensão, de acordo com a evolução, no tempo, do volume e da estrutura de seu capital, ou seja, de acordo com a trajetória passada e potencial.<sup>11</sup>

Bourdieu (2002: 99-111) deixa claro que não se trata de posições sociais no sentido marxista de classe. A construção do espaço social possibilita, destaca Bourdieu, recortar classes no sentido teórico, isto é, “classes no papel”, que se refere a um conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda probabilidade, atitudes e interesses semelhantes. Entre várias demonstrações, em *Les règles de l'art* (1996) Bourdieu mostra a correspondência que se estabelece entre o espaço de posições ocupadas no espaço social, o espaço de disposições (ou de *habitus*) de seus ocupantes, e o espaço de tomadas de posição. Segundo Bourdieu (Idem: 105), os defensores da “arte pela arte” estão objetivamente muito próximos, entre si, pela trajetória social, pela posição social e, conseqüentemente, por suas tomadas de posição políticas e estéticas. Do mesmo modo, estão também muito próximos entre si os defensores da “arte social” ou da “arte burguesa”. As classes que se pode produzir recortando as regiões do espaço social agrupam agentes homogêneos do ponto de vista de suas práticas culturais, de consumo, de suas opiniões políticas etc. Isto é o cerne da noção de “*habitus* de classe”. No entanto, Bourdieu (2006: 136) é enfático: não se passa das “afinidades eletivas” que constituem “classe no papel” à “classe real”; a não ser por meio de um trabalho político de mobilização e, mesmo assim, “classe real” apenas no sentido de classe “mobilizada”. A questão para Bourdieu (1996: 27) não é a existência de classes e sim a existência de espaços sociais no interior dos quais as classes existem não como um dado,

---

<sup>11</sup> Ver diagrama das páginas 124 e 125 de *La distinción: criterios y bases sociales del gusto*. México: Taurus, 2002.

mas como “algo que se trata de fazer”. Trata-se de construir e descobrir o princípio de diferenciação que permite reengendrar teoricamente o espaço social empiricamente observado.

A análise de espaço social compreende a análise da relação entre as posições sociais, as disposições e as tomadas de posições, as “escolhas” que os agentes fazem nos domínios mais diferentes da prática – o que o operário come e, principalmente, a maneira como ele come, o esporte que ele pratica e como ele pratica etc. A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de “gosto”), ou seja, um conjunto de princípios de visão e de divisão geradores e classificatórios de práticas distintas e distintivas (Bourdieu, 2002: 169/170). O ponto essencial para Bourdieu é que as diferenças nas práticas, ao serem percebidas por meio desses princípios de visão e de divisão, tornam-se diferenças simbólicas. As distinções são transfigurações simbólicas das diferenças reais. Assim, o espaço social poderia ser concebido como “espaço dos estilos de vida”; cujos princípios de organização transformam práticas e, sobretudo, “maneiras” em “signos distintivos” (Bourdieu, 2006: 144).

Quanto à redução economicista, Bourdieu, de modo explicativo, atribui a noção de espaço social à lógica de funcionamento dos “campos”; isto é, universos com leis próprias, autônomos. “*As leis fundamentais são, com freqüência, tautologias. A do campo econômico, elaborada pelos filósofos utilitaristas: negócios são negócios; a do campo artístico, explicitamente colocada pela escola que se diz da arte pela arte*” etc. (Bourdieu, 1996: 147). Bourdieu concebe a idéia de “espaço social global”: o espaço social visto ao mesmo tempo como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados (conforme sua posição na estrutura do campo de forças). Cada campo possui princípios e critérios (um *nomos*) independentes e irreduzíveis aos dos de outros campos e que são o lugar de formas específicas de interesse. São interesses que, do ponto de vista de outros campos, podem parecer desinteressantes, ou, até mesmo, como observa Bourdieu, “*absurdo, falta de realismo, loucura*” (Idem: 149).

É na relação entre o *habitus* e o campo que se engendra o que é o fundamento de todo e qualquer interesse: a *illusio*, ou seja, o reconhecimento do jogo e da utilidade do jogo, crença no valor do jogo e de sua aposta que fundam todas as atribuições de sentido e

de valor particulares. “*O que é vivido como evidência na *illusio* parece ilusório para quem não participa dessa evidência*” (Idem: 142). Cada campo produz sua forma específica de *illusio*. A *illusio* é uma espécie relação de “encantamento” com um jogo; fruto da cumplicidade ontológica entre as estruturas subjetivas e as estruturas objetivas. Bourdieu coloca como exemplo dessa relação o episódio da querela dos barretes de Saint-Simon:

Se você não nasceu em uma sociedade de corte, se não tem o *habitus* de um cortesão, se não tem na cabeça as estruturas que estão presentes no jogo, essa querela lhe parecerá fútil, ridícula. Se, ao contrário, você tiver um espírito estruturado de acordo com as estruturas do mundo no qual você está jogando, tudo lhe parecerá evidente e a própria questão de saber se o jogo vale a pena não é nem colocada (Idem: 139).

Bourdieu diz que é uma propriedade muito geral dos campos que a competição pelo o que aí se aposta dissimule o conluio a propósito dos próprios princípios do jogo. Trata-se dos “eufemismos”, inclusive eufemismos práticos, como no caso do intervalo temporal entre a “troca de dádivas”, analisados em *Le sens pratique* (1980: 180-183). Segundo Bourdieu, todo campo social (religioso, artístico, científico, econômico etc.) tem suas relações pautadas na *illusio*. “*Ela é tanto a condição como o produto do funcionamento de qualquer campo*” (1996 (1): 258/259).

Para compreender como essa *illusio* funciona, é preciso, segundo indicação de Bourdieu, lançar mão de tudo o que diz respeito ao “simbólico” (capital simbólico, poder simbólico, lucro simbólico, interesse simbólico etc.). Bourdieu atribui à noção de capital simbólico um sentido, segundo ele, mais “rigoroso” do que o que Weber atribuiu à noção de “carisma” como equivalente ao que a escola durkheimiana chamava de “mana”.<sup>12</sup> O capital simbólico é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento. É uma propriedade qualquer (força física, valor guerreiro, capital econômico, cultural, escolar ou social) atribuída de valor pelas categorias de percepção e de avaliação dos agentes que a reconhecem.<sup>13</sup> Percebida como tal, essa propriedade torna-se

---

<sup>12</sup> Sobre a crítica à noção de carisma, ver Bourdieu, P. “Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber”, in *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 92.

<sup>13</sup> Na análise que Bourdieu faz da organização social e familiar, da percepção de tempo e do espaço e da visão de mundo dos cabilas (sociedade tribal do Norte da África), a honra é uma forma típica de capital simbólico

simbolicamente eficiente, como uma “força mágica”: uma propriedade que, ao responder às “expectativas coletivas”, socialmente constituídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico. Isso é o que Bourdieu chama de “poder simbólico”; poder capaz de transformar a visão do mundo e, conseqüentemente, a ação sobre o mundo. “*Poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica). Damos uma ordem e ela é obedecida; é um ato quase mágico*” (Bourdieu, 2006: 14).

De acordo com Bourdieu (1996: 177-120), o mundo social está repleto dessas “ordens”, que só funcionam como tais porque reanimam disposições corporais profundamente enraizadas, que não passam pelas vias da consciência e do cálculo. São estruturas cognitivas que devem parte de sua consistência e de sua resistência ao fato de serem, pelo menos na aparência, coerentes e sistemáticas e estarem objetivamente em consonância com as estruturas objetivas do mundo social. Quando as estruturas incorporadas e as estruturas objetivas estão de acordo, quando a percepção é constituída de acordo com as estruturas do que é percebido, tudo parece evidente, tudo parece “natural”. A submissão a essas ordens é uma submissão “dóxic”, que reconhece como universal um ponto de vista particular (dominante). Bourdieu dá um exemplo de submissão dóxica que reflete claramente o acordo entre estruturas cognitivas que a história coletiva (filogênese) e individual (ontogênese) inscreveram nos corpos e nas estruturas do mundo ao qual se aplicam:

O capital simbólico que faz com que reverenciamos Luís XIV, que lhe façamos a corte, com que ele possa dar ordens e que essas ordens sejam obedecidas, com que ele possa desclassificar, rebaixar, consagrar etc., só existe na medida em que todas as pequenas diferenças, as marcas sutis de distinção na etiqueta e nos níveis sociais, nas práticas e nas vestimentas, tudo o que compõe a vida na corte, sejam percebidas pelas pessoas que conhecem e reconhecem, na prática (que incorporaram), um princípio de diferenciação que lhes permite reconhecer todas essas

---

que só existe pela reputação, isto é, pela representação que os outros fazem dela, na medida em que compartilham um conjunto de crenças apropriadas a fazer com que percebam e apreciem certas propriedades e certas condutas como honrosas ou desonrosas. Ver Bourdieu, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève, Droz, 1972.

diferenças e atribuir-lhes valor, em uma palavra, pessoas prontas a morrer por uma querela de barretes (Idem: 149/150).

É uma espécie de “alquimia simbólica” que transforma relações de dominação e de submissão em relações afetivas. Essa “violência simbólica” extorque submissões que sequer são percebidas como tais, apoiando-se em “expectativas coletivas”, em crenças socialmente inculcadas. São disposições comuns que fundamentam uma *doxa* compartilhada. Segundo Bourdieu (Idem: 170/171), para que a Alquimia Simbólica se realize é preciso que um trabalho anterior, opaco e recalcado, tenha produzido, naqueles submetidos ao ato de imposição, de injunção, as disposições necessárias para que eles tenham a sensação de ter de obedecer sem se colocar a questão da obediência. Assim, violência simbólica é fruto da consonância entre as estruturas constitutivas do *habitus* dos dominados e a estrutura da relação à qual se aplicam: o dominado percebe o dominante através de categorias que a relação de dominação produziu e que, assim, estão de acordo com os interesses do dominante (Idem: 194).

A análise de Bourdieu acerca da gênese do Estado e de seu característico poder simbólico mostra claramente como essa eficácia simbólica não se restringe às sociedades pré-capitalistas. Não cabe aqui uma reconstrução desta análise, porém alguns pontos devem ser destacados, dada a sua relevância para a pesquisa em questão neste trabalho.

De acordo com Bourdieu, a gênese do Estado está atrelada a um processo de unificação dos diferentes campos sociais, econômico, cultural (ou escolar), político etc., que acompanha a constituição progressiva do monopólio estatal da violência física e simbólica. Bourdieu diz que o Estado é o lugar por excelência da concentração e do exercício do poder simbólico. Tanto é assim que, além da reivindicação do monopólio do uso legítimo da violência física em um determinado território, como diz Weber (1982), Bourdieu (1996: 97) acrescenta que o Estado reivindica também com sucesso o monopólio do uso legítimo da violência simbólica. Dessa unificação, o Estado saiu detentor de diferentes tipos de capital (econômico; cultural ou de informação; simbólico), formando uma espécie de “metacapital”, que exerce poder sobre os outros tipos de capital e sobre seus detentores. Esse ponto é importante, pois, por meio desse metacapital que concentra recursos materiais e simbólicos, o Estado tem a capacidade não só de regular o

funcionamento dos diferentes campos como também de moldar as “estruturas mentais”, através de princípios duráveis de visão e de divisão de acordo com suas próprias estruturas. Enquanto estrutura organizacional e instância reguladora das práticas, ele cria as condições de uma espécie de “orquestração imediata de *habitus*” que é, ela própria, o fundamento do consenso sobre esse conjunto de evidências compartilhadas; comumente conhecido por “identidade nacional”. Bourdieu diz (Idem: 99/116) que se o Estado pode exercer a violência simbólica, é exatamente porque ele se “encarna” tanto na objetividade quanto na mente das pessoas.

Bourdieu mostra que a submissão que prestamos às injunções estatais é também uma submissão dóxica. O Estado pode inculcar de modo universal, no âmbito de certo território, estruturas mentais que criam um acordo tácito, pré-reflexivo, sobre o sentido do mundo; assim como o “conformismo lógico” e o “conformismo moral”, analisados por Durkheim e Mauss em “Algumas formas primitivas de classificação” (1903). O Estado contribui de maneira determinante na produção e reprodução dos instrumentos de construção da realidade social; que nada mais é do que uma ficção coletivamente reconhecida. Nas sociedades modernas, ele é o principal responsável pela construção de categorias oficiais, de acordo com as quais são estruturadas tanto as populações quanto os espíritos. É também o fundamento da eficácia simbólica de todos os “ritos institucionais”, dos quais a família, como ressalta Bourdieu, é o principal exemplo.<sup>14</sup>

O Estado realiza atos que, segundo Bourdieu, constituem a identidade familiar como um dos princípios de percepção mais poderosos do mundo social e uma das unidades sociais mais reais. Bourdieu adianta (1996: 135) que uma história social do processo de institucionalização estatal da família revelaria o quanto o público está presente no privado; o que torna a família “um negócio público”. No entanto, nos discursos, seja no do senso comum seja no dos especialistas, a família aparece como uma realidade que transcende seus membros, uma personagem dotada de vida e de espírito coletivos e de uma visão específica do mundo. É consenso a idéia de que ela existe como um universo social separado, empenhado em um trabalho de perpetuação das fronteiras e orientado pela idealização do

---

<sup>14</sup> Bourdieu analisa em detalhe o tema da família em dois artigos: “L’économie de la maison” e “O espírito de família”. Não vou me deter a essa análise, posto que meu objetivo não é trilhar o caminho de Bourdieu de aplicação de sua teoria e sim utilizá-la como elucidação de um caso particular. Assim, limito-me apenas aos pontos centrais da sua concepção de “família”.

interior como algo sagrado, por oposição ao exterior. No *family discourse*, a unidade doméstica é concebida como um agente ativo, dotado de vontade, capaz de pensamento, de sentimento e de ação, apoiado em um conjunto de pressupostos cognitivos e de pressuposições normativas. O discurso comum se inspira, de acordo com Bourdieu, nos modelos ideais das relações humanas, como os de fraternidade, solidariedade etc., e atribui às relações familiares o princípio de construção de toda relação social.

Em “O espírito de família” (1996: 126), Bourdieu refuta a interpretação que aborda a família como um dado imediato da realidade social e afirma a necessidade de apreendê-la como uma categoria; um princípio coletivo de construção dessa realidade, sendo ele próprio socialmente construído, devido ao seu reconhecimento por todos os agentes socializados de certa maneira. Seu estudo coloca a família como um princípio comum de visão e de divisão, constitutivo do nosso *habitus*, que nos foi inculcado por meio de um trabalho de socialização concretizado em um universo que era ele próprio organizado de acordo com a divisão em famílias. “A família é um princípio de construção ao mesmo tempo imanente aos indivíduos (enquanto coletivo incorporado) e transcendente em relação a eles, já que o reencontram sob forma objetivada em todos os outros” (Idem: 128). É ao mesmo tempo uma categoria social objetiva (estrutura estruturante) e uma categoria social subjetiva (estrutura estruturada). É o princípio de construção do *habitus* que é ele mesmo o fundamento da realidade social e vice-versa. Esse é, como já foi dito, o ciclo de reprodução da ordem social: o acordo que se estabelece entre as estruturas incorporadas e as estruturas objetivas que “naturaliza” as experiências do mundo. “Nada parece mais natural do que a família: essa construção arbitrária parece situar-se no pólo do natural e do universal” (Idem: 128).

A família para Bourdieu é uma ficção, um artefato social, uma ilusão, mas uma “ilusão bem fundamentada”, como ele ressalta (Idem: 129), pois funciona no *habitus*, adquirido no próprio seio de uma família como ficção social realizada. Enquanto produto de um trabalho ao mesmo tempo prático e simbólico, a família transforma a obrigação de amar em “disposição amorosa”, dotando cada um dos seus membros de um “espírito de família”, garantindo, assim, o requisito essencial para sua existência e persistência: a sua integridade.



Essa breve explanação de alguns pontos da teoria de Bourdieu foi para mostrar que, de modo geral, o desafio proposto por ele de compreender o espaço social, significa apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga e das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram. Além disso, esses são pontos-chaves para o estudo dos casos em questão nesse trabalho e serão mais bem desenvolvidos no capítulo 3.

## 1.2 - Charles Taylor e a objetividade moral

Em *As fontes do self* (1997), Charles Taylor faz um meticuloso estudo da gênese da identidade moderna através da articulação e elaboração de seu histórico. Trata-se de uma abordagem interpretativa, que articula a identidade moderna em suas várias fases. De modo esquemático, a identidade moderna é apreendida por três ângulos: pelo da “interioridade”; pelo da “afirmação da vida cotidiana”; e pelo da “noção expressivista da natureza como fonte moral interior” (1997: 10). Seu estudo aponta como esta identidade é muito mais rica em fontes morais do que concebe a literatura que aborda o tema e revela as conexões entre a perspectiva moral moderna e suas múltiplas fontes, através da articulação das fontes morais ao comportamento concreto. É por esse prisma que Taylor analisa as “causas diacrônicas”; o modo como as idéias – ideais morais, entendimentos da condição humana, conceitos de *self* – estão impregnados na “prática”, ou seja, em todos os níveis da vida social humana: família, cidade, política nacional, rituais de comunidades religiosas, entre outros.<sup>15</sup>

O fio condutor das análises de Taylor é a intuição de que a cultura moderna suprime tantos “bens” de nossa história oficial, com o aval dos fundamentos racionais filosóficos, que eles estão correndo o risco de se asfixiar.<sup>16</sup> Aqui reside sua crítica à “cegueira seletiva” da maioria das interpretações filosóficas que impede de fazer justiça à pluralidade de bens e aos conflitos e dilemas conseqüentes. Segundo Taylor, essas interpretações são, apesar de errôneas, justificadas ontologicamente, pois nos colocam como seres desprendidos, auto-objetificados e responsáveis por tudo o que é apenas dado em nós – uma alma desencarnada (Descartes) ou uma potência pontual de auto-remodelação (Locke) ou um ser racional puro (Kant). “*Temos de fazer árduos esforços para redescobrir o óbvio, para neutralizar as camadas de supressão da consciência moral moderna*” (Taylor, 1997: 124). Num primeiro

---

<sup>15</sup> “Prática”, segundo Taylor, refere-se a “algo extremamente vago e genérico: praticamente qualquer configuração estável de atividade compartilhada, cuja forma seja definida por certo padrão de obrigações e proibições, pode ser uma ‘prática’ para meus objetivos. Nossa forma de disciplinar os filhos, cumprimentarmos na rua, tomar decisões grupais por meio do voto em eleições e trocar coisas nos mercados, tudo isso é prática”. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 266.

<sup>16</sup> A noção de “bem” é usada por Taylor, como ele mesmo esclarece, “num sentido bastante geral, designando qualquer coisa considerada valiosa, digna, admirável, de qualquer tipo ou categoria”. Idem: p. 127.

momento, tal empreendimento envolve o rastreamento da concepção moderna do que é ser um agente humano, uma pessoa ou um *self*: os sentidos de interioridade, liberdade, individualidade e a relação com a natureza. Soma-se a essa empreitada, a compreensão das representações do bem.

Taylor refere-se às pessoas como *selves* por compreendê-las como seres de profundidade e complexidade necessárias para ter uma identidade, no amplo sentido empregado por ele. A identidade do *self* está atrelada à noção de orientação para o bem. Só somos um *self* mediante tal orientação. Essa é, segundo Taylor, uma característica crucial do agir humano. É demarcada por Taylor a diferença fundamental entre “ter” e “ser” um *self*. Não temos um *self* tal como temos um coração e um fígado, diz Taylor. Temos esses órgãos independente de nossas auto-compreensões ou do sentido que as coisas têm para nós. No entanto, “*só somos um self na medida em que nos movemos num espaço de indagações, em que encontramos orientação para o bem*” (Idem: 52).

A condução da nossa vida depende dessa orientação, é algo inerente ao humano. Ao invés de limitação ou restrição de vida, a ausência desse anseio pode ser desastrosa. Taylor fala de pessoas que vêm a si mesmas como impotentes, ou mesmo ruins, em comparação àquelas que têm o domínio de si próprias ou que defendem uma causa. “*Tais pessoas julgam-se indignas por não se sentirem tocadas por uma causa/movimento/vida religiosa*” (Idem: 67). Por outro lado, Taylor dá o exemplo de um pai de família que “*sente a plenitude e a riqueza de sua vida familiar, enquanto os filhos crescem e sua família depende de seus cuidados*”, a ponto de “desdenhar” de quem não compartilha essa orientação. Da mesma forma, essa vida que tanto enriquece o pai de família, pode ser vista por outras pessoas como “*apenas uma satisfação limitada e acomodada com um bem-estar insignificante, desligado das grandes questões da vida, do sofrimento das massas ou da marcha da história*” (Idem: 67). Segundo Taylor, isso só acontece porque o sentido de valor e de significado está integrado àquilo que as pessoas vivem, ou seja, são as emoções e preocupações da existência cotidiana que conferem riqueza e profundidade à vida.

Essa análise alude à questão de que o *self* só existe no âmbito do que Taylor chama de “rede de interlocução”, ou seja, “*a experiência, minha e dos outros, deles como objetos de nós em algum espaço comum*” (Idem: 54). Taylor atribui devida importância a esse ponto porque, segundo ele, não só a tradição científico-filosófica, mas também uma forte

inspiração moderna à liberdade e à individualidade têm conspirado para produzir uma identidade que parece ser uma negação disso. Taylor mostra como a cultura moderna desenvolveu concepções de individualismo que retratam a pessoa como, ao menos potencialmente, um ser que encontra suas coordenadas dentro de si mesmo, que declara independência das redes de interlocução que o formaram originalmente ou, ao menos, as naturaliza. É como se a dimensão da interlocução só tivesse sentido para a gênese da individualidade e devesse ser deixada de lado sem desempenhar nenhum papel na pessoa acabada. Nessa concepção, o *self* é definido abstraindo-se de todas as “preocupações constitutivas” e, portanto, de qualquer identidade. Daí sua denominação *self* “pontual” ou “neutro”.

Taylor defende firmemente a tese de que não podemos pensar em pessoas humanas, em *selves*, no sentido do *self* pontual. Não somos objetos neutros ou pontuais, só existimos em determinado espaço de indagações, mediante determinadas preocupações constitutivas. É a relação com certos interlocutores que nos define *selves*. Num primeiro momento, trata-se da relação com as pessoas responsáveis por nossa educação, pessoas essenciais para nossa auto-definição; depois, da relação com as pessoas que participam da nossa vida hoje, mediante a qual, podemos dar continuidade à nossa apreensão de linguagens de auto-compreensão. É essa rede de interlocução que nos permite apreender o que são a raiva, o amor, a ansiedade, a aspiração à plenitude etc. A noção de identidade empregada por Taylor está atrelada a essa interlocução e envolve compreender nossa vida por meio de uma “narrativa”. Esse é o único meio, segundo Taylor, capaz de compreender o sentido sobre o que nos tornamos, nossas concepções do bem, sem desprezar, no caminho percorrido, quaisquer pontos constitutivos.

Defino quem sou ao definir a posição a partir da qual falo na árvore genealógica, no espaço social, na geografia das posições e funções sociais, em minhas relações íntimas com aqueles que amo e, de modo também crucial, no espaço de orientação moral e espiritual dentro do qual são vividas minhas relações definitórias mais importantes. (Idem: 54)

Nesse sentido, a intenção de seu trabalho foi a de resgate, ou seja, de rearticulação de bens sufocados pelo poder crescente da razão desprendida que deu crédito à visão do sujeito como um *self* pontual, desprendido, capaz de objetificar não só o mundo a sua volta

como também as suas próprias emoções e inclinações, medos e compulsões e, assim, de atingir uma espécie de distanciamento e autocontrole que lhe permitem agir de forma processual, em termos de eficácia instrumental, de maximização do valor buscado ou de auto-coerência (Idem: 37). Taylor mostra como as diferentes concepções de *self*, ligadas a certas noções modernas de interioridade, estão interligadas elas mesmas, com a perspectiva moral. Para ele, “*a individualidade e o bem, ou, em outras palavras, a identidade e a moralidade, são temas entrelaçados*” (Idem: 15).

Seu alvo, portanto, é a ontologia moral que articula nossas intuições espirituais e morais. Taylor propõe-se ir além daquilo que normalmente é descrito como “moral” por meio de uma análise mais rica acerca dos mecanismos propulsores, subjacentes, dessas intuições. Esse “pano de fundo” é o que ele denomina “pensamento moral”. Em sua abordagem (Idem: 29), três eixos definem nosso pensamento moral: nosso sentido de respeito pelos outros e de obrigação perante eles; nossos modos de compreender o que constitui uma vida plena, expressos na noção de “afirmação da vida cotidiana” e; por fim, os pressupostos que nos conferem “dignidade”. O primeiro eixo é o mais aceito como “moralidade”, destaca Taylor. Frequentemente a moralidade é definida apenas em termos do respeito e da obrigação para com as outras pessoas. Só depois disso é que vem o segundo eixo, com questões de relevância para nós que vão além do respeito pelos outros, como questões de como levar uma vida plena, significativa. Taylor observa que há uma sobreposição substancial, ou uma relação complexa, entre os eixos, de modo que o terceiro eixo está interligado aos dois primeiros. O princípio da dignidade, utilizado aqui, refere-se às características mediante as quais pensamos em nós mesmos como merecedores ou não do respeito das pessoas que nos cercam. Não apenas do respeito “ativo”, como no primeiro eixo, mas, sobretudo, do respeito “atitudinal”, que implica em reconhecimento, em admiração por parte das pessoas.

Segundo Taylor, algo semelhante a esses três eixos provavelmente existe em toda cultura, mas o segundo eixo se destaca na cultura moderna em particular. Caracteriza a cultura moderna preocupações em torno de questões sobre como levar a vida no sentido de uma vida plena, rica e significativa em contraposição a uma vida voltada para questões secundárias ou trivialidades. O que está em questão para Taylor (Idem: 31) é a problemática criada pelo mundo moderno no que concerne às “configurações” que ajudam

a definir as exigências a partir das quais as pessoas julgam sua vida e medem, por assim dizer, sua plenitude ou nulidade.

As configurações “incorporam” um conjunto de “avaliações fortes” que funcionam como “distinções qualitativas”, ou seja, que nos fazem pensar, sentir, julgar com a sensação de que alguma ação ou modo de vida ou modo de sentir é “incomparavelmente” mais importante do que outros. Essa “incomparabilidade” confere um caráter especial a determinados bens e os tornam merecedores de nossa reverência, respeito ou admiração. Como diz Taylor (Idem: 28/29), pode ser uma forma de vida vista como mais plena, uma forma de agir considerada mais pura, um estilo de vida tido como mais “digno” etc. As avaliações fortes existem independente de nossos desejos, inclinações ou escolhas, e representam padrões com base nos quais julgamos o que é melhor ou pior, certo ou errado. São intuições morais profundas, potentes e universais de tal modo, que somos tentados a pensar nelas como as tendo arraigadas no instinto, em contraste com outras reações morais que parecem mais uma consequência da criação e da educação.

Segundo Taylor, as configurações proporcionam o fundamento explícito ou implícito, de nossos juízos, intuições ou reações em qualquer dos três eixos do pensamento moral. Articular uma configuração é explicar o que dá sentido a nossas respostas morais. Taylor alerta que é praticamente impossível à pessoa humana prescindir das configurações. A maneira como conduzimos nossa vida e a compreendemos está pautada em “discriminações qualitativas fortes”.

À luz de nossa compreensão da identidade, a situação de um agente livre de todas as configurações, sugere-nos antes uma pessoa presa a uma terrível crise de identidade. Essa pessoa não saberia situar-se diante de questões de importância fundamental, não saberia orientar-se com relação a elas e não teria condições de respondê-las por si mesma. (...) Na prática, iríamos considerar essa pessoa profundamente perturbada. Ela foi bem além do que julgamos superficialidade: as pessoas que julgamos superficiais não deixam de ter um sentido do que é incomparavelmente importante, só que consideramos seus compromissos triviais, ou meramente convencionais, ou não muito bem refletidos ou escolhidos. Mas a pessoa desprovida por inteiro de configurações estaria fora de nosso espaço de

interlocução; ela não teria uma posição no espaço em que todos estamos. Julgaríamos isso patológico (Idem: 48/49).

Taylor coloca como exemplo da inevitabilidade da configuração e da dificuldade que temos de visualizá-la enquanto tal, o caso do utilitarista que prefere não aceitar as configurações tradicionais de virtude, piedade etc., e faz cálculos racionais acerca da felicidade, julgando essa forma de vida mais admirável ou moralmente mais elevada. Ou seja, não se trata de falta de configuração; muito ao contrário, o utilitarista tem forte compromisso com determinado ideal de racionalidade e benevolência.

O que emerge desta análise é o risco de uma simplificação excessiva acerca das distinções qualitativas. Nós convivemos com uma pluralidade de bens e um bem não exclui o outro. A distinção atribuída a determinado bem não significa que este seja o único bem orientador de nossas vidas, significa que ele é o mais importante. Segundo Taylor, dada à pluralidade de bens com a qual somos impelidos, sentimos a necessidade de “hierarquizá-los”, dotando alguns de maior importância em relação a outros. É a orientação na direção desse bem que mais se aproxima da definição da identidade da pessoa e, portanto, o direcionamento para esse bem tem para ela importância ímpar. Nosso sentido de integralidade, de plenitude de ser como uma pessoa ou *self*, está atrelado à nossa orientação ao que julgamos como bem. Por outro lado, o afastamento dessa orientação ou a impossibilidade de segui-la pode ter um efeito, como observa Taylor (Idem: 89/90), devastador e insuportável, levando, até mesmo, ao desespero.

Minha visão de mim mesmo como chefe da casa, pai de família, detentor de um emprego, provedor de meus dependentes; tudo isso pode ser a base do meu sentido de dignidade. Do mesmo modo como sua ausência pode ser catastrófica, capaz de abalá-lo ao solapar por inteiro meu sentimento de valor pessoal (Idem: 30).

Essas são questões de avaliação forte; quem as faz não tem dúvida de que se possa, ao seguir os próprios anseios e desejos imediatos, dar um mau passo e, em consequência, fracassar na tarefa de levar uma vida plena. A questão é ainda mais profunda do que estar mais ou menos próximo, ou corretamente situado em relação ao bem. Taylor afirma (Idem:

68) que o que nos desafia em maior profundidade, refere-se à “direção” de nossa vida em relação ao bem ou à fonte de nossas motivações com relação a ele. Como diz Taylor, é antes uma questão de sim/não. É isso que corresponde de forma profundamente decisiva àquilo que somos como pessoa, mais do que a questão da proximidade.

A citação anterior evidencia a centralidade da importância do cotidiano no mundo moral dos modernos. Por “vida cotidiana”, Taylor entende “*os aspectos da vida humana referentes à produção e reprodução, isto é, ao trabalho, à fabricação das coisas necessárias à vida e à nossa existência como seres sexuais, incluindo casamento e família*” (Idem: 274). Além desse ponto, Taylor coloca a importância do sofrimento como medida de toda a nossa compreensão do que é de fato respeitar a vida e a integridade humanas. Vou me limitar, por uma questão de elucidação teórica das práticas que analiso nesse trabalho, à sua análise da revolução ocorrida no âmbito da vida familiar que, segundo ele, deu origem à nossa civilização atual.

Taylor analisa duas importantes mudanças ocorridas simultaneamente na vida familiar das classes abastadas dos países anglo-saxões e da França, ainda no final do século XVII, que foram fundamentais para o senso de importância da vida cotidiana. Trata-se, primeiramente, da idealização crescente do casamento baseado no afeto, no companheirismo entre os cônjuges, em contraste aos casamentos por arranjos dinásticos e de propriedade, o que, conseqüentemente, deu origem à segunda mudança, qual seja, um maior grau de envolvimento pessoal. Esses são os dois aspectos mais importantes, segundo Taylor, da crescente consciência moral. O declínio da família patriarcal envolve uma afirmação da autonomia pessoal e de vínculos voluntariamente constituídos. A família baseada no afeto só poderia florescer na intimidade (Idem: 375-377).

Uma terceira mudança fundamental, também ocorrida nos países anglo-saxões e na França, já no século XVIII, completa esse quadro de revolução. Refere-se à percepção da importância dos sentimentos. Nesses países, começa-se a enfatizar a importância dos sentimentos de amor, interesse e afeição entre os cônjuges e destes para com os filhos. Taylor diz (Idem: 378) que a mudança não está no fato de as pessoas amarem seus filhos e sentirem afetos por seus cônjuges, mas no fato de que esses sentimentos passam a ser vistos como parte crucial daquilo que torna a vida valiosa e significativa.



Taylor (Idem: 379) recorre a historiadores da família, como Philippe Ariès, que mostra como a família do século XVIII já satisfazia o desejo de privacidade e também o anseio por identidade: os membros eram unidos por sentimento, hábitos e estilo de vida. Taylor ressalta que essa “mutação cultural” da família auto-protégida no sentimento é algo que acontece em todas as sociedades ocidentais e em todas as classes. “*É dessa mutação que brota nossa civilização atual*” (Idem: 380).

Em nossa cultura, observa Taylor, a família continua sendo uma comunidade fechada baseada no amor, em que os membros encontram uma parte significativa de suas realizações humanas essenciais. Mesmo com algumas transformações, no que tange aos “relacionamentos” ou à ligação sexual como o *locus* adequado dessa realização, a centralidade do amor permanece. Os sentimentos adquirem relevância moral. Ao vivenciar certos sentimentos, a família constitui uma parte importante do “bem viver”. “*A família torna os sentimentos moralmente cruciais e dá muita importância à sua exploração e expressão. E a benevolência universal, ou pelo menos o jogo limpo, é sua virtude social mais importante*” (Idem: 396). Assim, a família tem lugar de destaque na cultura moderna, posto que seu papel de “domesticação” (no sentido weberiano do termo) dos nossos impulsos egoístas, é essencial para garantir a realização dos “hiperbens” modernos.

Em sua extensa apresentação do desenvolvimento da identidade moderna, Taylor mostra como a identidade moderna está difundida, quanto nos envolve e quão profundamente estamos comprometidos com ela. Por meio de um conjunto de bens dotados de importância incomparável, que Taylor chama de “hiperbens”, ela nos proporciona a perspectiva a partir da qual todos os outros bens devem ser pesados, julgados e decididos. Os hiperbens que somos levados a perseguir são: uma visão do *self* definida pelas capacidades da razão desprendida e pela imaginação criativa; as compreensões modernas de liberdade, de dignidade e de direitos; os ideais de auto-realização e de expressão; e as exigências de benevolência e justiça universais. Esses bens erigidos como dignos de serem perseguidos, alteram de forma radical e depreciativa nossa visão de valor dos demais bens. Recorrendo a Nietzsche, Taylor afirma que essa “transvalorização de valores” não é algo que acontece de uma vez por todas; muito pelo contrário, “*os bens antigos condenados permanecem, resistem, alguns parecem inerradicáveis do coração humano*” (Idem: 93). Assim, a luta e a tensão continuam.

Segundo Taylor (Idem: 600), temos de buscar uma maneira em que nossas mais fortes aspirações em relação a esses hiperbens não nos exijam um preço de automutilação. O que está em questão é o reconhecimento da pluralidade de bens e, assim, da pluralidade de conflitos; que outras visões tendem a mascarar por meio da desqualificação de um dos bens em disputa. Taylor acredita que através da “articulação” de nossas avaliações fortes podemos sair das posturas limitantes da supressão. A articulação nos permite reconhecer em sua plenitude os bens pelos quais nós vivemos e aos quais não podemos deixar de aderir. Só assim, defende Taylor, podemos pensar em uma “conciliação” e romper com a idéia de que somos, desde sempre, *selves* pontuais.

### 1.3 - Bourdieu e Taylor: a possibilidade de articulação da prática

O uso combinado das teorias de Bourdieu e Taylor foi ressaltado por Jessé Souza (2003: 64/65) como um aparato teórico extremamente fecundo, pois até mesmo suas diferenças se combinam de forma produtiva. Segundo Souza (Idem: 72), tanto para Bourdieu como para Taylor, o desafio consiste em re-significar as camadas de sentido que foram “naturalizadas” pela prática social, ou seja, reduzidas à opacidade e à intransparência.

Nessa parte, gostaria de apresentar, brevemente, a minha leitura das teorias de Bourdieu e de Taylor destacando os pontos-chaves sobre os quais apoiei minha reflexão e análise das entrevistas e aos quais voltarei na parte final deste trabalho.

Viu-se na parte dedicada a Taylor que, para ele, há uma intrínseca relação entre o sentido do bem e o sentido do *self*. É a orientação na direção de determinado bem que define a identidade da pessoa. Viu-se também que a orientação para o bem requer alguma configuração (ou configurações). Taylor descreve como configuração algo que oferece pressuposições básicas para nossas reações e também como algo que proporciona os contextos em que essas reações fazem sentido. Esses papéis são cumpridos pelas avaliações fortes e suas distinções qualitativas. Viver dentro dessas configurações não é opcional, algo que poderíamos prescindir, como destaca Taylor, mas constitui antes uma espécie de orientação essencial à nossa identidade. É notória, nesse raciocínio, a centralidade das discriminações qualitativas em nossa vida. Pré-articuladas, elas funcionam como um sentido orientador do que é importante ou valioso, do qual emerge em nossas intuições sobre como devemos agir, sentir, reagir em diferentes ocasiões.

Nesse ponto, é evidente uma congruência das teorias de Taylor e Bourdieu. Taylor diz que as configurações incorporam um conjunto crucial de avaliações fortes que nos faz pensar, sentir e julgar independente de nossas escolhas ou desejos. Nessa mesma linha de raciocínio, a noção de *habitus* de Bourdieu expressa um sistema adquirido de preferências, de gostos, de estruturas cognitivas duradouras e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. O *habitus* funciona como um senso prático do que se deve fazer em dada situação. É importante frisar essa congruência, porque além de

ser o ponto de partida tanto de Taylor quanto de Bourdieu, ela traz, como destaca Jessé Souza (2003: 64/65), algo inteiramente novo para o debate filosófico e sociológico, qual seja, a possibilidade de articulação da prática, através do acesso ao “pano de fundo” que guia e orienta a ação humana.

O alvo de Taylor, como já colocado, é a ontologia moral que está na base de nossas intuições e respostas dando-lhes sentido. Com isso, Taylor apreende a hierarquia valorativa, invisível, e por isso mesmo tão eficaz, que comanda nosso sentido de orientação em direção àquilo que julgamos importante, ou seja, ao que consideramos como bem. Nossa identidade se define de acordo com o significado das coisas para nós. Segundo Taylor, só reconhecemos importância em algo mediante uma linguagem de interpretação que aceitamos como articulação válida.<sup>17</sup> Assim, os bens só existem para nós por meio de alguma articulação. Fica claro na argumentação de Taylor que articular uma visão de bem não se trata de apresentar uma razão básica e sim de articular o sentido moral de nossas ações. Isso vai muito além de encontrar uma razão externa para nossas ações. Articular as avaliações fortes, sobretudo as discriminações qualitativas provenientes, é definir o sentido moral das ações e sentimentos que nossas intuições nos recomendam ou nos apresentam como dignas de admiração. Desse modo, podemos perceber, ainda que parcialmente, pois Taylor destaca a impossibilidade de articulação plena, a hierarquia valorativa implícita à cultura moderna que de forma eficaz e “natural” molda nossa identidade, nosso comportamento, a ponto de sufocarmos nossos verdadeiros hiperbens em nome dos hiperbens que ela impõe como valoráveis, como dignos, como necessários de se perseguir. Somos levados a nos pensar como, desde sempre, selves pontuais e a agir como tal.

Em uma ressalva, Taylor diz que podemos aumentar nossa compreensão do que está implícito em nossas linguagens morais e valorativas, contudo, essas linguagens nunca podem ser explicitadas por inteiro porque são partes do “objeto” estudado, ou seja, do *self*, intrínsecas a ele ou dele constitutivas. Daí o porquê da impossibilidade de articulação plena das nossas configurações. Nesse sentido, para Taylor, “*estudar pessoas é estudar seres que só existem em certa linguagem, ou que são por ela parcialmente constituídos*” (1997: 53).

---

<sup>17</sup> Vale notar que as noções de “linguagem” e de “articulação” são empregadas por Taylor num sentido mais amplo e abrangente do que as concepções comuns.

Acredito que com Bourdieu podemos aprofundar essa questão da articulação das nossas configurações e também pontuar melhor suas restrições. Em primeiro lugar, Bourdieu diz que os agentes não fazem coisas sem sentido, tal como postula a filosofia clássica, porém isso não significa que eles sejam racionais. Os agentes podem conduzir-se de tal maneira que, em uma avaliação racional das probabilidades de sucesso, pareça que eles tinham razão em fazer o que fizeram, sem que o cálculo racional tenha sido o princípio de suas escolhas. Nesse sentido, a orientação para o bem não é, na visão de Bourdieu, algo lúcido para os agentes. Em segundo lugar, e dando seqüência a esse raciocínio, Bourdieu coloca que os “jogos sociais” têm alvos e que esses alvos suscitam interesses. Interesse para Bourdieu é “estar em”, participar, admitir que o jogo merece ser jogado; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos (daí o exemplo do episódio da querela dos barretes). Como visto anteriormente, cada campo produz sua forma específica de *illusio* que, por sua vez, só é reconhecida por aqueles que possuem o *habitus* predisposto para isso. A *illusio* é uma espécie de encantamento com o jogo que, exatamente por ser fruto da cumplicidade ontológica entre o *habitus* e as estruturas objetivas do campo, impede que os jogos sociais sejam reconhecidos como jogos, ou seja, que seus alvos sejam claros para qualquer um. Para que possamos reconhecer sentido nas coisas ou, nas palavras de Taylor, para que um bem nos pareça mais importante do que outro, é preciso que haja cumplicidade entre *habitus* e campo.

A relação de interesse na visão de Bourdieu opõe-se à de desinteresse e, sobretudo, à de indiferença. O indiferente não vê o que está em jogo, pois não tem os “princípios de visão e de divisão” necessários; ao contrário do desinteressado que sabe o que está em jogo, mas não tem interesse. É na relação entre o *habitus* e o campo que se engendra o que é o fundamento de todo e qualquer interesse: a *illusio*, ou seja, o reconhecimento do jogo, a crença no valor do jogo e de sua aposta, fundamento de todas as atribuições de sentido e de valor particulares. Assim, a *illusio* é o oposto da indiferença: é estar envolvido, é investir (“investimento” nos dois sentidos: psicanalítico e econômico) nos alvos que existem em certo jogo e que apenas quem possui as disposições de acordo pode reconhecê-los.

Vocês acham importantes, interessantes, os jogos que têm importância para vocês porque eles foram impostos e postos em suas mentes, em seus corpos, sob

a forma daquilo que chamamos de o sentido do jogo (Bourdieu, 1996: 140).

No entanto, creio haver algo a mais, do que a cumplicidade entre o *habitus* e o campo, que fundamenta a *illusio* para que ela seja tão eficaz em tornar o jogo interessante e em prender as pessoas nele. Se o *habitus* é, grosso modo, a incorporação das estruturas objetivas, logo, uma mudança na estrutura objetiva do campo pode ocasionar uma mudança no *habitus* de modo que a *illusio* seja afetada. Nesse caso, o jogo perde seu sentido; ainda que parcialmente, mas o suficiente para colocá-lo em questão. Vejo em Taylor a “pedra de toque” da fundamentação da *illusio*; o elo que faltava na relação agente/campo. O sentido do jogo envolve mais do que a consonância do *habitus* com o campo; envolve, sobretudo, questões morais. Voltarei a esse ponto mais à frente.

A questão do sentido do jogo está interligada a outro tema também caro a Bourdieu e a Taylor: a noção de futuro. Taylor fala sobre o valor, peso ou substância da vida como uma interrogação a respeito de como estamos localizados com relação ao bem, ou se estamos em contato com ele. Indagações acerca do sentido da vida é uma das características centrais da cultura moderna, diz Taylor. “*Para ter sentido de quem somos, temos de dispor de uma noção de como viemos a ser e de para onde estamos indo*” (Taylor, 1997: 68). Assim, Taylor destaca que o problema que nos aflige em maior profundidade não se refere à questão de mais ou menos distância que nos encontramos daquilo que julgamos como bem; mas antes à questão da direção de nossa vida, se estamos ou não no sentido do bem ou em afastamento dele. A questão, então, não é só “onde estamos?”, mas “para onde vamos?”. No entanto, embora não desenvolva esse ponto, Taylor reconhece que “*parece claro que existe uma unidade apriorística de uma vida humana ao longo de toda sua duração*” (Idem: 75). Esse é o ponto para Bourdieu.

Na opinião de Bourdieu, as análises comuns da experiência temporal têm uma abordagem simplista da noção de futuro. Bourdieu utiliza a definição de Edmund Husserl, em *Ideen*, que propõe duas formas de se colocar a questão do futuro: como “projeto”, que coloca o futuro como futuro, podendo acontecer ou não; e como “protensão” ou antecipação pré-perceptiva, onde o futuro é quase um presente. Bourdieu prefere “por vir” a “futuro” e explica que essas antecipações pré-perceptivas são criadas pelo *habitus* do sentido do jogo, ou seja, por uma espécie de induções práticas fundadas na experiência

anterior. “Ter o sentido do jogo é ter o jogo na pele; é perceber no estado prático o futuro do jogo, é ter o senso histórico do jogo” (Bourdieu, 1996: 144). Para Bourdieu, ter o *habitus* do jogo encerra tanto a questão de se transformar o trajeto em projeto quanto o seu reverso. Os agentes que lutam por objetivos definidos podem estar possuídos por esses objetivos. A relação que esses agentes têm com seus objetivos não é, de modo algum, o cálculo consciente de utilidade que o utilitarismo lhe oferece; é o sentido do jogo incorporado, validado e intensificado pelos aparatos da *illusio* do jogo.

Pode-se compreender melhor agora porque é tão delicada a questão da articulação de uma visão de bem, como ressalva Taylor. Nossas visões de bem são frutos da consonância entre nosso *habitus* e as estruturas sociais nas quais estamos inseridos. Taylor diz que articular as avaliações fortes é definir o sentido moral das ações e sentimentos que nossas intuições nos recomendam ou nos apresentam como dignas de admiração. No mesmo sentido, para Bourdieu, capturar a cumplicidade ontológica entre o *habitus* e o campo, ou seja, a relação de mão dupla entre as estruturas incorporadas e as estruturas objetivas é capturar o fundamento da prática dos agentes; é capturar a lógica mais profunda do mundo social. Acredito que a filosofia disposicional proposta por Bourdieu, que tem por base apreender as disposições adquiridas que fazem com que a ação possa e deva ser interpretada como orientada em direção a tal ou qual fim (sem que tenha por princípio a busca consciente desse fim), permite-nos não só conhecer o que rege nossas ações como também o quão pré-definidas elas estão. “Escolhemos” determinado bem, mediante bens que já estão postos, que já foram colocados pela estrutura objetiva como bens, como Taylor mostrou detalhadamente em seu estudo sobre a gênese da identidade moderna. Bourdieu defende a tese de que só podemos ter acesso ao que move as ações, as escolhas, através da submersão na particularidade da realidade empírica, datada e situada; o que, se não me engano, resguarda a ressalva de Taylor. Nesse sentido, penso que a filosofia disposicional de Bourdieu, aliada à ontologia moral de Taylor, permite à sociologia ser tão mais fecunda como mais respeitosa em relação às realidades históricas e das pessoas; no sentido de que nossas ações encontram-se submetidas a condicionamentos naturais e culturais de toda ordem.

## **CAPÍTULO 2 - Estudo dos casos**



A pesquisa de campo compreendeu três etapas: a do levantamento das pessoas a serem entrevistadas; a dos contatos; e a das entrevistas.

O período de levantamento das pessoas teve início em novembro de 2006 e durou cerca de dois meses. Essa etapa revelou-se mais tarde essencial para a pesquisa, pois foi no contato com as pessoas das cidades para obter informações sobre os filhos-de-criação, que pude compreender melhor os valores, os princípios que estruturam o “mundo” que os circunda. Cada pessoa com quem conversei me forneceu uma série de informações sobre a história dos filhos-de-criação, de suas famílias biológicas, bem como das “adotivas”<sup>18</sup>. Através disso, pude perceber como a sociedade concebe a relação entre a família “adotiva” e os filhos-de-criação, a imagem que a sociedade tem deles, como a submissão é naturalizada etc. De um modo geral, uma questão perpassa todas essas observações e nos diz muito a respeito desse “mundo”: o capital social de relações pessoais como pilar principal da organização social. Vou me deter um pouco nessas observações com o intuito de propiciar ao leitor a entrada, ainda que superficial, nesse “mundo” e, com isso, mais facilidade de compreensão dos pontos que destaquei nos casos a seguir, como também mais liberdade para tirar suas próprias conclusões.

Nessas cidades o sobrenome funciona como uma moeda. A primeira coisa que acontece quando se chega à casa de algum habitante de Guiricema ou de Visconde do Rio Branco é a pergunta: “você é filho de quem?”. A partir da resposta, as relações são definidas. Por serem cidades pequenas, todos se conhecem de tal modo que através do sobrenome sabem se o outro é rico ou pobre, honesto ou não, onde mora, o que faz da vida, se é bem visto pela sociedade etc. Tudo isso com base no histórico da família. O sobrenome funciona como uma espécie de crédito pessoal que define desde as relações sociais, passando pelas econômicas, até as relações políticas.

A organização social é ainda hoje estruturada por princípios religiosos. A pessoa que não possui vínculos com alguma religião também não é bem vista pela sociedade. Como dito alhures, é uma religiosidade “magicizada”. Não importa a doutrina religiosa, a maior parte das pessoas tem seu benzedor e até a cartomante de confiança. As pessoas costumam se benzer por toda espécie de problemas, que vai desde problemas de saúde,

---

<sup>18</sup> Por questões didáticas e de redação, adotarei daqui para frente o termo “adoção”; sempre entre áspas para resguardar a particularidade do caso.

amorosos, de desemprego, de desempenho pessoal e profissional, de inveja, até porque o cabelo está caindo ou não quer crescer. Todas essas práticas são tratadas abertamente na sociedade e não comprometem a religião “oficial” dos praticantes.

Nos períodos de festas religiosas, sobretudo na semana santa, e em Visconde do Rio Branco na “semana de Santo Antônio” e na “semana de São João Batista” também, acontecem verdadeiros eventos que mobilizam a cidade inteira: as ruas são decoradas e o trânsito modificado em função das procissões que cortam a cidade e arrastam inúmeras pessoas; há cultos e encenações religiosas em praça pública; são montadas as tradicionais “barraquinhas” que vendem iguarias para arrecadar dinheiro para a igreja etc.

Um dos eventos religiosos bastante singular e que revela muito das relações sociais são as “coroações”, que acontecem todas as noites do mês de maio. Popularmente, maio é o mês de Maria. Neste mês, uma menina por noite em cada igreja “coroa” uma imagem da Virgem Maria. A menina sai de sua casa vestida de anjo/princesa com uma coroa de flores nas mãos acompanhada por um cortejo de outras crianças vestidas de anjo. Quando a coroação é na Igreja Matriz, cortejo é geralmente embalado pela banda de música da cidade e pela queima de fogos de artifício. Geralmente, a menina que coroa tem entre quatro e sete anos. Ao chegar na igreja, a “coroadeira” sobe no altar, montado para a santa, e coroa a imagem. Findada a coroação, a expectativa de todos, sobretudo dos “anjos” que acompanharam a coroação, é com a entrega dos “cartuchos”. Os cartuchos são uma espécie de lembrança da coroação, que contém, além de algo que realmente a lembre (como anjinhos feitos de gesso com o nome da coroadeira gravado), doces, balas, brinquedos etc.

Tudo no processo da coroação é sinal de “distinção”, como define Bourdieu. As famílias mais abastadas competem entre si para ver que faz a coroação mais bonita, mais cara e mais memorável. Isso envolve, é claro, inúmeros gastos: o vestido da coroadeira geralmente é trazido de outra cidade para não correr o risco de alguma criança ter um igual; a queima de fogos de artifício chega ser, em alguns casos, verdadeiros shows pirotécnicos na porta da igreja; os cartuchos também são elaborados, chegam a conter doces refinados e brinquedos caros, tudo para fazer a diferença. Há famílias que chegam até a ajudar na vestimenta dos “anjos”, para que não comprometam, com a simplicidade, o glamour do evento.

A coroação mais importante é a que é realizada na Igreja Matriz e deve ser marcada com antecedência. Só coroa nela a menina cuja família tem dinheiro para pagar, pelo menos, a taxa da igreja. As famílias com menor poder aquisitivo coroam suas filhas em igrejas de bairro, onde, se tiver, a taxa é mais baixa e não há necessidade de fogos de artifício, cartuchos muito bons etc. E as filhas das famílias sem poder aquisitivo, viram “anjo”. No fim das contas, são sempre as crianças das mesmas famílias que revezam entre si a coroação da Igreja Matriz, pois são poucas as famílias que têm condição financeira para tanto. Não que seja exigido esses gastos, mas, para alguns, “pega mal” uma coroação modesta; pode indicar ou revelar perda de status, de poder.

Nem toda riqueza, porém, é ostensiva. E aqui reside uma diferença fundamental que ainda hoje separa campo e cidade. Quanto mais próximo do campo, menor a ostentação da riqueza que, em alguns casos, chega a ser maior do que a de alguns da cidade. Esse é um ponto muito interessante, além de curioso, pois ele define o modo de vida da população rural. Não por acaso, em Guiricema, caracterizada pela ruralidade mesmo no centro urbano, a coroação não tem tanto esse papel de distinção. Sobretudo nesta cidade, é comum encontrar pessoas vivendo com o mínimo necessário, sem qualquer luxo ou conforto, mas proprietárias de vários alqueires de terra, gados, imóveis etc. São pessoas que não ostentam o que têm, muito pelo contrário; à primeira vista, a impressão que se tem é de que são pessoas carentes e até mesmo necessitadas: roupas velhas e desgastadas, casa simples, físico judiado, algumas não possuem dentes, andam a pé ou de charrete, comem o que plantam e criam em casa, são semi-alfabetizadas e não têm nenhum tipo de lazer (cinema, teatro, viagens etc.). No entanto, são a elas que pessoas da cidade recorrem quando precisam de dinheiro emprestado.

As pessoas mais velhas construíram seu patrimônio com a ajuda dos filhos. Esse é um ponto que permeia todo este trabalho. Antigamente, mas não muito distante, até os anos sessenta do século 20, o papel do filho era o de ajudar no trabalho dos pais. A quantidade de filhos que uma família tinha, permitia construir certo patrimônio sem o dispêndio com mão-de-obra. As crianças eram treinadas desde cedo para o trabalho. Os meninos acompanhavam o pai no serviço da roça e as meninas também, mas depois de ter ajudado a mãe com os serviços domésticos. A escola era para o mínimo necessário: saber ler e escrever. Raras eram as famílias que investiam na educação dos filhos. Aliás, raras famílias

gastavam mais do que o mínimo necessário para sobreviver. Um exemplo disso é a saúde; tratamento médico só em último caso, as pessoas eram tratadas com chás e rezas.

Apesar de as coisas terem mudado consideravelmente de lá para cá, esses valores estão entranhados na memória das cidades e ainda hoje são percebidos, em muitas famílias, resquícios deste tempo, preservados de geração para geração.

A fase dos contatos com os filhos-de-criação para explicar e agendar a entrevista será descrita na introdução de cada estudo de caso, visto a particularidade de cada contato. Também questões referentes à fase das entrevistas serão abordadas em cada caso.

O estudo dos casos a seguir consiste na apreensão das principais disposições que configuram o *habitus* e estruturam as práticas e os valores dos filhos-de-criação. Para isso, uma abordagem em profundidade da vida dessas pessoas fez-se necessária. A entrevista seguiu um roteiro que aborda todas as etapas da vida bem como as relações sociais características de cada uma. O roteiro, por sua vez, seguiu o objetivo de compreender a “história de vida” e não uma seqüência de perguntas. Assim, as perguntas foram flexíveis à história de vida de cada um. Interessava-me, com a entrevista, a constituição de um material rico em informações que permitisse a observação da recorrência de determinadas ações e daí chegar-se às disposições. Desse modo, todas as entrevistas compreendem questões acerca da infância; do porquê da “adoção”; da relação com os pais “adotivos”; do período escolar; da relação com outras pessoas além da família; da religiosidade; da importância do trabalho; da vida adulta; dos sonhos e desejos; do que é importante para uma vida plena etc.

Cada entrevista durou aproximadamente duas horas. O material obtido não foi reproduzido aqui na íntegra. No entanto, o recorte das entrevistas foi cuidadosamente pensado de modo a respeitar a veracidade e a seqüência da entrevista. Não foi feito nenhum tipo de recorte e colagem de perguntas e respostas, apenas recorte de trechos. Cada trecho selecionado teve o propósito de ilustrar as disposições destacadas por mim.

Não há, nessa parte do trabalho, uma explicitação da teoria utilizada em cada ponto da análise. Isso é feito na terceira e última parte. Essa parte consiste em uma interpretação de cada história de vida e em uma exposição de seus, segundo meus objetivos, principais pontos.

## 2.1 - “Eu sou o ‘pára-raios’ da casa”

Conheci Laura por intermédio de uma tia que mora na mesma cidade, Guiricema. A relação das duas não é de amizade, apenas se conhecem “de vista” da igreja e de outros lugares comuns. Laura é conhecida na cidade como: “*adotada, mas melhor do que filho legítimo!*”. Ela tem apenas 22 anos, é mulata, alta e magra, bem magra. Casada com André (ela não mencionou a idade dele, mas pelo rápido encontro que tivemos, me pareceu estar entre 25-27 anos) e mãe de um casal de gêmeos de 1 ano de idade, Pâmela e Patrick. Ela mora com o marido e os filhos na casa de seus pais adotivos, que fica na zona rural da cidade de Guiricema. São 11 km de distância da cidade e, destes, 7 km são de “estrada de chão”. Seus pais adotivos, Antônio e Maria das Graças (“Tãozinho” e “Graça”), têm 66 e 61 anos, respectivamente.

Chegamos à casa de Laura sem que ela nos esperasse. Fomos recebidas por Graça, que apareceu ao fundo do quintal de mãos dadas com os filhos de Laura. Ela não foi muito receptiva, talvez por não ter reconhecido minha tia; de longe, perguntou o que queríamos com Laura. Antes que explicássemos o motivo da visita, Laura apareceu e imediatamente reconheceu minha tia. Muito sorridente e simpática, nos tratou como se fôssemos uma visita esperada; abriu a porteira do terreno e nos convidou para entrar. Diante do desprendimento da filha, a postura desconfiada de Graça se desfez; nos ofereceu água e suco, dado o calor que fazia naquela tarde de janeiro.

Sentamos no sofá da sala. A conversa foi muito fluida; Laura é bastante comunicativa. Conversamos essencialmente sobre as crianças que, muito ativas, brincavam sem parar. Em momento algum, Laura nos perguntou o porquê da visita. Durante a conversa, chegou o pai de Laura, Antônio, também muito simpático e receptivo. Nesse momento, o assunto da conversa mudou, ficou em torno dos contatos que Antônio já teve com o meu avô, que também mora na mesma cidade. Essa conversa de início, que durou cerca de quarenta minutos, contribuiu para criar um ambiente amistoso para a entrevista e, sobretudo, foi essencial para que eu conquistasse a confiança de Graça e de Antônio; de modo que eu pudesse ficar a sós com Laura. Ainda na presença deles, falei que estudava “adoção na zona rural” e que a entrevista versaria sobre esse tema.

Minha intenção era agendar a entrevista para outro dia, posto que esse era o nosso primeiro contato e Laura não nos esperava. Contudo, muito solícita, ela se dispôs a me conceder naquele mesmo dia: “*Estou sem fazer nada; já lavei a roupa toda na parte da manhã*”. Sem qualquer oposição, os pais dela se retiraram, junto às crianças, e convidaram minha tia para conhecer o restante da casa.

Laura sempre morou naquela casa, “*vim pra cá com quatro meses de idade e estou até hoje*”. É uma casa simples, mas que se destoa das casas vizinhas; ainda mais simples. Não é uma região de muitas casas, quatro ou cinco, no máximo, e há certa distância entre elas. A casa de Laura é rodeada por um quintal de terra, onde há um curral, galinhas soltas e uma enorme antena parabólica fixada no chão. Não conheci toda a casa, apenas a sala e a cozinha; esta ao final da entrevista, a convite de Graça para um “café”. Na sala havia um conjunto de sofás, um rack com uma televisão pequena. Na parede, havia dois retratos pintados muito antigos: em um estavam Graça, Antônio e Laura, “*vestida como dama de honra do casal*”, como destacou Graça; no outro, estava um menino, aparentemente de 12, 13 anos. Apesar da simplicidade da casa, Antônio possui uma condição financeira boa. Ele é dono de considerável quantidade de terra, tanto naquela região como em outros pontos da cidade além de outros bens. De acordo com Laura, a família de Graça era “rica”, como ela diz em uma passagem, e lhe deixou uma herança significativa. Mesmo assim, eles vivem de maneira extremamente simples: vestem-se com muita simplicidade; comem basicamente o que plantam ou criam, mas sem restrição, vale notar: é simples, mas é farto; possuem um carro de mais de duas décadas e não têm nenhum tipo de lazer.

Ao todo, minha permanência na casa de Laura durou cerca de três horas, pois, findada a entrevista, fiquei mais meia hora conversando com os pais dela na cozinha. O convite de Graça para o café foi um belo exemplo do que Bourdieu chama em *Les sens pratique* (1980) de “eufemização prática”. A entrevista já estava no final quando Graça abriu a porta da sala e perguntou se ainda faltava muito, pois as crianças estavam impacientes. Assim a entrevista terminou e Graça me ofereceu um café. Para não parecer antipática, disse que aceitava uma água e Graça fez questão que eu a acompanhasse até a cozinha. Mal terminou de me servir, ela baixou o tom da voz, para que Laura, que estava na sala com minha tia, não escutasse e me perguntou: “*Ela te respondeu tudo direitinho?*”. Quando eu estava lhe dizendo que ela disse tudo o que eu precisava saber, ela me

interrompeu com mais perguntas: “*Ela te contou que ela nem liga pra nós? Que outro dia eu até passei mal da pressão por causa dela?*”. Pensei se tratar apenas de uma implicância senil, mas, de qualquer forma, resolvi aceitar o “café”.

Infelizmente, essa conversa não foi gravada, pois meu gravador havia ficado na sala. Os trechos que seguem transcrevi de cor assim que deixei a casa. Graça me serviu o café contando que Laura não é agradecida por tudo o que eles, os “pais”, fizeram para ela. Disse que ela é muito nervosa e que havia “puxado” a mãe biológica.

*Ela não gosta da roça. Se dependesse dela, ia embora e venderia toda nossa terra para comprar tudo em loja... Mas ela não pode fazer isso porque ela foi adotada direitinho, com papel no nome da gente. Ela é registrada no nosso nome; não pode fazer o que quiser. Deve satisfação a nós.*

Graça se refere à Laura como se ela fosse uma propriedade sua e de seu marido, mas a obediência que esperam dela não está pautada nisso e sim em uma espécie de reconhecimento e gratidão que acreditam que Laura lhes deve.

*Ela não é agradecida a nós. Você veja bem, ela tinha que agradecer muito a nós porque adoção é uma decisão! Nós não era obrigado a ficar com ela! (...) Ela diz que não quer nada da gente, que a gente pode levar nossa terra no caixão.*

Nesse momento, Antônio, que, sem que eu percebesse, escutava a conversa de uma varanda que dá seqüência à cozinha, entra com o mesmo propósito da esposa. Antes mesmo de eu dizer qualquer coisa, Graça adiantou ao marido: “*Ah! Tãozinho... Ela [Laura] não contou nada de verdade para a moça. Ela nem disse que outro dia eu passei mal por causa dela*”. Antônio começou a falar as mesmas coisas que a esposa, ambos com um tom de voz bem baixo. Segundo eles, Laura mudou muito depois que se casou. Acreditam que por influência do marido, muito “desaforado”, como define Antônio, e da família dele.

Antônio: *O marido dela não ajuda em nada... Outro dia, eu estava com muita dor na coluna e, você sabe né, minha filha, eu já fiz duas pontes safenas e não posso me esforçar muito. Pedi a ele que me ajudasse a tirar o leite das vacas, ele não ficou nem dez minutos e disse que já estava bom de leite, que não precisava de mais; que já estava cansado.*

Tanto Graça quanto Antônio não gostam da relação de Laura com a família, “*de gente que não presta*”, do marido. Os sogros de Laura são mais novos do que seus pais,

“mais modernos”, segundo ela, e lhe incentivam a trabalhar fora, a estudar, a passear, a comprar roupas etc., coisas que vão contra a criação e a vontade de seus pais. Laura acredita que seus pais sentem ciúmes da relação dela com a família do marido. Na passagem abaixo, Antônio confirma isso apontando o descontentamento com o fato de o batizado das crianças ter sido feito na casa dos sogros de Laura.

Antônio: *Você veja bem, minha filha, onde é que a Laura foi criada? Quem é que fez de tudo para ela? Então, onde é que tinha que ter sido feito o batizado? Nós nem fomos! Eles não queriam que a gente fosse. Nem vieram buscar a gente. Só ligaram pra cá chamando a gente para ir almoçar lá, mas nós nem fomos! Disse a eles que ia visitar um conhecido nosso lá em Tuiutinga [cidade vizinha, ainda menor que Guiricema].*

Antônio e Graça não aceitam a possibilidade de independência de Laura. Mas isso nunca é dito. Eles se portam como vítimas da ingratidão de uma pessoa, que se não fosse eles, “sabe lá Deus como estaria... Isso se estivesse viva”. Para reforçar o papel de vítima, relembram, tanto para mim, quanto no dia-a-dia familiar, tudo o que fizeram por Laura. Nada é pronunciado de forma agressiva, mas sempre de maneira cândida.

Antônio: *Mas eu nem ligo mais para isso [o batizado]... Já esqueci. Eu sou muito alegre, não guardo raiva das pessoas. Eu já tive chance de mostrar para Laura que aquela gente não presta, mas não fiz por causa das crianças. Vai que ela fica muito nervosa e desconta nas crianças. Mas, também, nem precisou; ela sozinha já está percebendo isso. A idéia de participar de sócia lá naquela loja foi deles [da família de André] e veja bem no que deu: Laura perdeu foi é muito dinheiro com isso. (...) Eu costumo dizer que a vida muda, igual a gente quando tá dormindo: a gente não muda de lado? Então, a vida também. Quando os outros me perguntam como estou, eu digo sempre que está mudando.*

Antônio me conta essas coisas sempre sorrindo, tentando me “conquistar” com a sua candura para que eu lhe contasse algo da entrevista.

*Eu acho que esse casamento não dura muito não... Eu queria saber se ela [Laura] já viu que eu tenho razão. Aí quando você chegou hoje aqui eu pensei: foi Deus quem mandou você aqui para eu saber das coisas!*

Disse a ele que não poderia ajudá-lo, pois a entrevista não entrou nessas questões. De maneira muito tranqüila e sempre sorridente, Antônio aceitou minha desculpa e não me



fez mais perguntas, apenas reafirmou que acredita que as coisas iriam mudar e voltariam a ser como antes do casamento de Laura.

A dominação que exercem sobre Laura é pautada nessa candura, o que a dissimula. A violência simbólica que exercem se fundamenta na aceitação de Laura, que, por ter sido criada nesse ambiente (de dominação e dissimulação), tem o *habitus* pré-disposto a legitimá-la. Como ficará claro no transcorrer da entrevista, Laura tem o discurso dos pais incorporado, de modo que, “naturalmente”, ela sempre sacrifica as suas vontades em função das vontades deles.

A entrevista durou uma hora e quarenta minutos depois de ligado o gravador. Ainda no ritmo da conversa inicial, Laura falou espontaneamente sobre seu dia a dia com as crianças e sobre a difícil tarefa de “*dar conta deles*”. Contou-me também que essa foi a sua segunda gestação; pois na primeira ela sofreu um aborto, “*espontâneo, graças a Deus!*”, como ela fez questão de frisar. Talvez pela proximidade de nossas idades, a entrevista adquiriu um tom de “conversa”, o que fez com que Laura se sentisse a vontade para me fazer algumas questões, como onde moro, onde estudo e se eu havia nascido em Guiricema, já que tenho parentes lá. O foco da conversa não durou muito sobre mim, pois assim que lhe disse que sou natural de São Paulo, ela me interrompeu com certa exaltação para contar a impressão que teve da sua primeira e única visita à cidade. Assim, a entrevista começou.

*Eu me senti diferente de todo mundo. (...) Eu fiquei lá 4 ou 5 dias, não me lembro... (...) Lá eu vi paraibano, eu vi cearense... sabe? Os mineiros são tão normais em meio aquilo ali... você tá entendendo? Chega um e eles dizem: “Ah! Mineirinho!”. Meu Deus do céu! Será que eu sou esquisita? Será que está escrito na cara? (...) Eu falo: gente! Que povo louco! Eles julgam você pela aparência, né?! Eles não conversam com você, não se aproximam sentimentalmente, sabe? Eles vão assim: aquele ali é branco, aquele ali é preto. Não tem meio termo. São completamente diferentes da gente.*

Você ficou quanto tempo lá?

*Quatro ou cinco dias.*

E só nesse tempo você percebeu tudo isso?

*Dá! Dá para perceber! Nossa! É muito diferente! Dá para perceber. Basta você ser observadora. Às vezes eu ficava reparando, quando eu parava para descansar, porque eu tinha ido fazer compra, e dá para perceber. (...) Aqui [na cidade dela] não é comum vermos*

*mendigos, assim, tantos, né? De ver pessoas morando sob ponte... Você vai a São Paulo, isso é tão comum... (...).*

E você acha que aqui, onde você mora, é melhor?

*É! Aqui todo mundo tem condições, um pouquinho... Não é aquela pobreza absoluta, absurda. Aqui todo mundo vai na venda e compra para pagar no mês que vem. Não é igual a São Paulo. Lá ou você paga ou não leva, entendeu? Lá ninguém acredita em ninguém. E não pode! É igual eu tô falando com você, lá eles vivem a poder de materialismo. Lá entra o bom e entra o ruim. Como é que você diferencia? Ninguém vem com uma estrela na testa!*

O motivo que leva Laura a concluir que sua cidade é melhor do que São Paulo revela, como em outras passagens, a importância que ela atribui às relações pessoais. De fato, um dos principais fatores estruturantes da organização social da cidade onde ela mora é o capital social de relações pessoais.

Laura foi a São Paulo com sua cunhada fazer compras para a loja em que trabalhava e era sócia. A sociedade era entre ela, um irmão do marido dela (ela não menciona o nome), que mora em São Paulo, e uma amiga (que ela também não menciona o nome). O pouco tempo de permanência na sociedade da loja é atribuído ao fato de estar sacrificando as crianças com a sua ausência. Em momento algum, ela menciona a influência de alguém nessa decisão. Contudo, na “conversa da cozinha”, seus pais me falaram abertamente que eram contra a sua participação na loja. Esse é um dos pontos que revela o peso da opinião dos pais em suas decisões.

*A sociedade era de nós três. Aí eu resolvi sair, porque a babá dos meninos, ela talvez ia sair... Ela não me garantiu que ia ficar para tomar conta deles. Igual eu falei: eu não posso deixar eles na responsabilidade do pai mais da mãe [pais dela]. E eles não têm idade mais, eles não têm pique mais para agüentar os dois. E eles são fogo! Aí eu falei: “Não, eu não posso fazer isso”. É assim: quando eles querem colo, tem que ficar no colo, sabe? E eles são muito pesados. E também eles têm só um aninho. Eu morro de dó! Ah!... Eu não vou judiar deles! Loja eu ponho mais para frente, deixa eles crescerem e tudo mais... É tão chato perder a infância, né? Não volta mais. Aí eu falei: “Ah! Deixa pra lá! Eu não vou judiar deles”. Aí eu saí da sociedade.*

Para Laura, trabalhar fora é uma satisfação pessoal, que pode esperar. Ela não reclama de ter tido de adiá-la. Como se revela em várias passagens da entrevista, a aceitação e a resignação são suas “diposições” mais marcantes.

*Eu sempre quis ser mãe novinha, sabe? Assim: casada ou pelo menos com uma relação estável. Eu sempre quis ter filho novinha. Nunca quis ter filho velha, assim, com uns 25, 27 anos não. Mas, assim, eu não tenho nada contra, né? Mas cada um... Agora, se eu estudasse... Eu sempre fui apaixonada com escola. Não estudei mais porque eles [os pais] são sozinhos, moram na roça, não são conformados de mudar para a rua [zona urbana]... Se eles mudassem, pelo menos eu saberia... Assim: se eu fizesse faculdade fora, ou qualquer outra coisa, pelo menos eu saberia que eles estão na cidade, não tem um risco tão alto... Porque aqui na roça é assalto, o pessoal faz sacanagem...*

A forma como Laura se refere aos seus pais demonstra a incorporação do discurso que ouvi na cozinha. Em momento algum ela explicita a coação dos pais em suas ações e abdições. Tudo funciona “como se” partisse dela, “como se” fosse uma “escolha” sua.

*Às vezes eles [os assaltantes] sacaneiam feio! O meu pai tem problema de coração, não pode passar susto... Quem não leva um susto num assalto? Deus me livre! Não tem esse nem aquele! E, assim... eles nunca foram contra eu estudar, mas também nunca foram a favor. Assim... pelo fato... eu vou afastar, vou vir em casa só nos finais de semana e olhe lá... É muito caro! Não compensa! Já é caro para você estudar, se for para você vir em casa todo final de semana... não compensa estudar! Aí eu preferi assim: “Eu vou abandonar os estudos e vou me dedicar a eles”. Mas eu sempre fui alucinada com escola.*

(...)

*Ela [mãe] sempre teve problema de coluna... Quando eu era pequenininha, com os meus quatro anos, ela descolou a retina. Então, ela perdeu a visão de um olho. (...) E ela sempre foi doente. Aí ela operou, fez a colagem da retina, mas sempre teve problema seríssimo de coluna. Ela é dependente. Então... Assim: ela não é dependente, vamos supor, do pai. Se ela fosse dependente só de um marido, de um homem, era uma coisa. Mas, como é que uma pessoa que não enxerga bem faz uma comida se os olhos não estão bem? Dos olhos dela saem secreção... Há pouco tempo agora, há uns dois ou três anos, a operação que ela fez a dezessete anos atrás, os fios dos pontos da cirurgia estavam soltando,*

*estavam saindo para fora dos olhos! Aí tinha que ir ao médico em Juiz de Fora quase todos os meses para tirar pontos de cirurgia de anos atrás!*

E você que sempre a acompanhou?

*Sim, sim, sim. Sempre. É eu que vou com ela a Juiz de Fora, que levo ela ao médico... O meu pai fez cirurgia do coração também. Tem onze anos. Ele já fez uma ponte de safena, duas mamárias, duas angioplastias, dois cateterismos... Então os dois são dependentes de uma pessoa. Então é aquele caso: se eu sair, é como se eles tivessem perdendo o estio da casa. Porque se ele não pode sair, sou eu quem vai pegar o carro, dirigir e levar onde precisa. Com ela a mesma coisa: se não tem ninguém para arrumar a casa, sou eu quem arrumo; ninguém para lavar a roupa, sou eu quem lavo; ninguém para fazer comida, sou eu quem faço... Então, assim... Se eu saísse, eu estaria prejudicando eles, nesse sentido, em muito; porque pagar uma empregada e pagar um estudo... Você sabe que um estudo fica caríssimo e, a partir do momento, que engajar na meta do estudo, você tem que ir. Esse negócio de chegar até o meio do caminho e parar, você perde. Perde dinheiro, tempo, perde tudo. Então, ele [o pai] falou assim comigo: “Você quer estudar? Tudo bem...”. Mas eu sei que ele abriu mão assim: “você vai, mas... [risos] é contra a minha vontade” [risos]. Entendeu? Então eu falei assim: “não, eu não vou estudar mais não; não tô querendo, tô cansada e tal...”. Falei que era por mim; mas não, eu sempre fui apaixonada com escola. Adorava, adorava!*

Laura abandonou os estudos assim que concluiu o ensino médio. Apesar disso, ela fala com desenvoltura e possui um universo vocabular acima da média de seu grupo social. Na sua opinião, isso é decorrência do gosto pela leitura. Ela conta com orgulho e entusiasmo que sempre se deu muito bem na escola porque é muito curiosa e por que começou a estudar “antes da hora”, para acompanhar uma “meio-irmã”. Quando Laura ainda era pequena, outra menina (ela não cita o nome) foi morar em sua casa. A relação dessa menina com os pais de Laura era bem diferente: ela não foi adotada legalmente, o que, como visto na “conversa da cozinha” e se confirmará mais à frente, faz toda diferença.

*(...) Era meio que irmã. Ela era filha de um vizinho meu, que mora aqui pertinho. Mas, era assim: a mãe dela largou a família toda pequena. Largou o filho mais novo dela acho que era de colo ainda. Largou a família toda e foi embora. E eles eram muito pobres,*

*tinham muitos filhos e ela [a menina] gostava muito de vir aqui. Ela veio aqui pra casa, com nove anos de idade, pedir para morar aqui. E os meus pais acabaram que ficaram com dó, porque eu era muito sozinha, era bom ter uma criança para mim brincar e também para ajudar ela, porque a família dela era muito pobre e aqui poderia dar mais condições para ela. Aí ela veio morar aqui, com nove anos. Quer dizer; ela tinha nove e eu tinha cinco e ela não tinha estudado até então. Então ela tinha pressa para entrar na aula e eu não tinha; mas só que para fazer companhia pra ela eu tive que entrar.*

Na adolescência, começaram os conflitos dessa menina com os pais de Laura. Laura não fala muito disso e atribui a saída de casa à própria menina: “*deu na louca de ir embora*”. A situação dessa menina difere-se da de Laura sobretudo por dois motivos, além do fato de não ter sido adotada legalmente: primeiro, ela não passou a infância junto a eles, não foi criada e educada de modo a construir o *habitus* necessário para “naturalizar” e aceitar a dominação dos “pais”; segundo, ela nunca os reconheceu como família, o seu vínculo familiar permaneceu com a família biológica, com a qual mantinha contato.

*Quando ela veio morar aqui ela já tinha nove anos, a cabecinha dela já era formada. Ela chamava os pais dela lá de pai e mãe, os meus ela chamava pelo nome. Mas, assim, ela era tratada da mesma forma. Se eu comesse uma folha de alface, ela comia uma folha de alface. O que eu vestia, ela vestia. O tratamento era o mesmo, mas a forma de chamar que era pelo nome. Eu sempre chamei eles de pai e mãe e ela não. (...) Ela morou aqui em casa dos nove aos quatorze anos. Quando ela fez quatorze anos, ela deu na louca de ir embora: “Ah! Eu vou embora; quero morar com o meu pai agora”. Mas não era, a irmã dela já morava em Rio Branco [Visconde do Rio Branco] e tirou ela de cabeça: “Ah! Vem morar em Rio Branco, morar na casa dos outros não presta!”. Aquilo entrou na cabeça dela. Ela disse: “eu quero ir embora para morar com o meu pai! Quero tomar conta do meu pai”. Que morar com o pai dela que nada! Então, assim... ela foi embora para Visconde do Rio Branco, de lá ela perdeu o controle da vida; acabou engravidando novinha. O pai não assumiu o filho, a filha no caso. E ela veio embora, veio morar com o pai dela, já grávida. Aí ela conheceu o novo namorado dela e hoje ela já vive com ele. Aí desse novo relacionamento ela já tem duas filhas.*

Os pais de Laura não tiveram filhos biológicos. Graça sempre teve problemas na gestação que resultavam em aborto. Depois de vários anos de tratamento, descobriram que

o problema era com Antônio. Num primeiro momento, Laura conta que sua mãe “preferiu” adotar uma criança. Depois, de maneira constrangida, ela revela que por machismo o pai não queria que ninguém soubesse que o problema era com ele e não se dispôs a fazer o tratamento. Em momento algum ela julga o pai, muito pelo contrário; ela procura compreendê-lo e até justificá-lo.

*Na verdade [Laura baixa o tom da voz para me contar isso], o meu pai ele é muito fechado. Ele é de família antiga, muito fechada... Ele foi criado naquele regime antigo, nunca conversava sobre isso. Nem comigo, nem com ninguém. Eu descobri, a minha mãe me contou, quando eu já estava grande; com os meus quinze, dezesseis anos. Até então, não. Para todo mundo era ela. Ela sempre colocou a culpa nela; ela não podia ter filhos. Entendeu? Ninguém sabia que o problema era com ele. Mas o problema é com ele. E ele também não queria expor para ninguém que o problema era com ele [silêncio].*

Machismo?

*É! Por machismo. E para não criar problema, ninguém nunca tocou ou insistiu no assunto. (...) Hoje o meu pai tem 66 e a minha mãe tem 61 anos. Então eu vejo assim a relação dos meus pais: a minha mãe preferiu se culpar, carregar a verdade só entre ela e ele. E o meu pai meio que assim: “O problema é com ela porque eu sou o tal, eu sou o homem, não posso ter esse tipo de problema... O problema não é comigo; é com ela”. Mas na verdade ele sabe que o problema é com ele. Ele sabe que eu sei disso, mas eu não gosto de comentar. Eu sei que machuca, então é bobeira...*

Laura conta que Graça já estava resolvida a adotar uma criança quando uma vizinha lhe contou de uma criança disponível para adoção em um hospital em Visconde do Rio Branco.

*É, ela estava resolvida que ia adotar uma criança... Aí a minha vizinha falou assim: “você tem preferência de sexo?” A minha mãe falou: “Eu quero uma menina. De cor eu não tenho preferência, mas eu quero uma menina”. Tinha mais crianças para serem adotadas, mas a minha mãe olhou e falou assim: “eu quero essa aqui”. Que, no caso, era eu. Aí tinha um cara que morou aqui na época também, que também não era nada dos meus pais, mas morou aqui muito tempo, e ele também falou assim: “eu quero que leva essa!”. (...) Aí ela [a mãe adotiva] procurou minha mãe [biológica] e ela [a mãe biológica] falou:*

*“Eu quero que adota ela. Mas, eu quero que adote ela de papel passado! Eu não quero dar ela pra ninguém não! Eu quero que adote de papel passado! Eu não quero ela comigo porque eu não tenho condições de tratar dela. E eu não quero ter um filho... Assim... Eu era para ter pensado antes de engravidar, mas, assim... já que eu engravidei, eu não quero passar ela para uma pessoa que não tem condições igual eu não tenho. Então eu prefiro enviar para a adoção, porque na adoção não se tem disso. Lá só se adota quem tem condições”. Aí eu fui adotada primeiro por outra família. Quer dizer, eu era recém-nascida, lá no hospital, aí essa família foi lá e me adotou. Só que a vara da justiça infantil tomou dessa outra família, porque ela julgou essa família incapaz de ter condições financeiras de, no caso, me adotar. Aí eu voltei. No caso, como eu já tinha ido para a parte de adoção, então eu não podia voltar para a casa da minha mãe mais... Aí eu voltei para o hospital. Ou eu voltava para o hospital ou voltava para a área de orfanato. Só que eu não era órfã. Então preferiram me voltar lá para o hospital. Aí lá, com quatro meses, eu fui adotada.*

O trecho a seguir é aparentemente confuso, pois Laura disse que quando sua mãe lhe adotou ela ainda estava no hospital; no entanto, ela fala que mamava no peito. A história que Laura conta é a que sua mãe, Graça, lhe contou. A contradição da passagem (ou mesmo que não haja contradição, pois a mãe biológica de Laura poderia ter ido ao hospital amamentá-la) é mais um ponto que revela como seus pais tentam inculcar, em cada detalhe, a obrigação de gratidão e de reconhecimento que Laura lhes deve, dado o “trabalho” que tiveram em criá-la.

*Aí tudo bem... Acabou, no caso, me adotando mesmo. Aí a minha mãe teve que tomar injeção para secar o leite, porque ela tinha muito leite na época. E eu vim embora. Mas deu um trabalhão! Eu mamava no peito, aí chega aqui não tem peito para mamar... eu não pegava mamadeira... era muito difícil!*

Quando relatou seu processo de adoção, Laura mencionou um “cara” que morava com os pais dela. Esse “cara” é o menino do retrato que vi na sala. A história desse menino é bem próxima à da sua “meio-irmã”. Ele também foi morar com os pais de Laura já com certa idade e também “deu na louca de ir embora”.

*Ele, assim... Os avós dele é que eram conhecidos do meu pai, e... a mãe dele era muito louca, era drogada. E os avós dele falaram assim: “Ah! Tãozinho, deixa ele ficar*

*com você; que você é uma boa pessoa para cuidar dele. Se ele for ficar com a mãe dele, ele vai ter uma péssima influência, vai crescer vendo aquilo, vai ficar a mesma coisa”. E ele louco para morar na roça, porque ele era apaixonado com gado... essas coisas assim. Só que ele era muito cabeça fraca, sabe? Ele era muito sem juízo. Aí deu a doida nele também e ele quis ir embora. Aí o meu pai deu a ele dinheiro; que ele [o pai] tinha dinheiro em conta no banco. O pai deu tudo para ele. A mãe dele comeu tudo! Comeu tudo do menino, sabe? Aí quando ele completou dezoito anos, ele deu na louca de casar... Aí ele chamou o pai mais a mãe [Antônio e Graça] para ser testemunhas dele.*

Laura descreve esse menino “como um filho mesmo” porque ajudava seu pai em tudo. Mais à frente da entrevista, fica claro de onde vem essa concepção do que é “ser filho”.

Ele ajudava o seu pai?

*Ajudava, ajudava. Meu pai sempre mexeu com leite e ele ajudava tirar leite... Ele fazia de tudo! Ele fazia de tudo, tudo... Era como um filho mesmo!*

Quanto ao fato de ele ter ido embora, assim como a menina, a explicação de Laura novamente revela a incorporação do discurso dos pais. Ela confirma o que seus pais me disseram (na conversa da cozinha): ela lhes deve obrigação porque ela está no nome deles.

*Era como um filho mesmo... Mas aí ele decidiu ir embora. É como o meu pai falou: “ele já veio pra cá registrado, eu não tinha nenhum domínio sobre ele”. Como ele não tinha pela outra menina que eu te falei. Então não tem como você mandar, né? Você quer ir embora, vai fazer o quê? Você tem pai e mãe, está registrado no nome deles, então, não tem como comandar. Comigo é diferente! Se eu falar que vou embora, não é bem assim [risos], né? Aí já não dá... O meu caso é outro.*

Aos quatorze anos de idade, Laura sentiu vontade de conversar com sua mãe biológica, que ela já conhecia, mas nunca havia conversado.

*(...) A minha mãe é o tipo de pessoa... assim... ela é muito diferente de mim: ela é caladona, ela é muito na dela, muito quietona... E ela ficou assim [ao rever Laura]: tão bobada, tão passada... Sabe? Ela não acreditava que eu era a filha dela.*



Depois desse encontro, Laura passou a manter mais contato com a mãe e com a avó biológicas. Isso representou algo importante na definição de sua identidade. Laura relata de forma alegre suas semelhanças com a avó.

*A minha mãe tem uns trinta e seis anos. Ela é muito nova ainda. Ela teve o primeiro filho aos quatorze anos. Ela me teve com dezesseis. Eu sou, no caso, a segunda filha. Mas eu sou a única mulher. E... A minha avó ficou louca de tanta alegria. Ela não sabia se ria ou se chorava, tadinha! A minha avó, ela é como eu; ela é conversada, sabe? Ela é mais espontânea. Mas, assim, de vez em quando eu vou lá... Ela veio aqui no aniversário dos meninos... Sabe, eu tenho mais vínculo com a minha mãe. Mas eu conheço o meu pai também. Vou muito na loja do meu pai... Converso com ele e tudo mais.*

Laura não recrimina sua mãe biológica por tê-la entregado à adoção. Ela nutre um sentimento de compaixão, dada à “personalidade influenciável” da mãe e às condições nas quais ela engravidou. Como sempre, Laura não a julga e procura justificá-la.

*(...) Eu acho que ela fez certo. Não vou dizer que se eu estivesse no lugar dela eu faria a mesma coisa. Não! Eu não faria a mesma coisa! Mas eu acho que se ela viu que não tinha condições, ela fez mais do que certo. Porque se ela fosse tão irresponsável, ela daria a criança para qualquer um. Não queria nem saber. Ela colocaria na porta da casa dos outros, jogaria no lixo, igual acontece hoje em dia, o que é um absurdo... Então, assim, ela agiu com um pouco de bom senso e consciência, porque ela sabia; se fosse para adoção, não seria qualquer pessoa que poderia adotar. (...) Porque é assim: a minha mãe engravidou primeiro do Rafael [é um irmão mais velho], ele tem vinte e três anos. Ela engravidou dele, morando na casa da patroa dela. E o Rafael é filho do filho da patroa dela. A patroa deixou ela ficar na casa para abafar o caso, porque a família era renomada, o avô do Rafael era sargento... Não poderia manchar a imagem. Então, assim, deixou ela ali para embaçar a situação.*

Não para ajudar?

*Não, para ajudar também. O marido [da patroa] era muito carrancudo, assim, muito certinho... A dona Maria Helena [a patroa] não, ela era mais amorosa. Ela deixou a minha mãe ficar ali para embaçar o caso e porque ela tinha dó também. Aí a minha mãe falou assim: “Olha, eu vou dar ele para a adoção porque eu não tenho condições de tratar dele”. Aí a dona Maria Helena falou: “Por mim tudo bem. Eu não posso cuidar dele*

*também”. Quer dizer, se ela cuidasse, é lógico que ia dar na cara que era do filho dela. E ele tinha formado de pouco, ia prejudicar ele no trabalho... Aí tudo bem. Ela deu ele para a adoção. Aí ela [patroa] falou: “Olha Marlene (a minha mãe chama Marlene) se você engravidar de novo, eu não vou aceitar que você trabalhe aqui mais. Porque você trabalha o dia todo, vai para casa, a noite sai por aí... Cai na gandaia, arruma namorado... Você não se previne, acaba engravidando e vem trabalhar. Como é que você vai trabalhar grávida? A sua sorte é que você não passa mal e consegue trabalhar, mas toda gravidez não é igual à outra”. Aí minha mãe falou assim: “Pode deixar que eu não vou arrumar filho mais não”. Aí passou um ano, estava ela lá; com filho de novo. Aí a patroa falou: “Olha! Infelizmente... Eu já tinha falado para você que ia te mandar embora se você engravidasse de novo”. Aí mandou ela embora. Mas aí passou uns cinco, seis meses, e ela [a patroa] se arrependeu: “Quero saber o que a Marlene está arrumando... Porque ela é muito pobre e eu mandei ela embora... Quero saber o que está acontecendo com ela”. Aí ela chegou na casa dela [da mãe biológica], a minha mãe já estava com uns sete meses de gravidez, aproximadamente. E ela estava comendo macarrão, mas macarrão cozido na água... Não tinha gordura, não tinha sal, não tinha alho, não tinha nada! Era o cúmulo da pobreza! Ela [a patroa] ficou “morta” e disse: “Você pode voltar para a minha casa. Você pode até não trabalhar, mas comer você vai! Porque não é possível! Como é que você pode ficar grávida sem se alimentar? Como é que essa criança vai nascer?”. Aí ela acabou voltando e depois eu nasci.*

*(...)*

*A minha mãe [biológica], eu não considero ela uma pessoa... assim... depravada, uma mulher oferecida. Porque nós somos em cinco irmãos. É o Rafael, depois sou eu, depois o Jordan, o Carlinhos e o Natan; o mais novo, que tem quatorze anos. Nós somos cinco filhos. Cinco de cada pai. Nós não somos todos do mesmo pai. Então isso classifica a minha mãe como uma mulher sem vergonha, né? “O que é isso? Ter cinco filhos e um de cada pai?”. Né? Mas eu não posso classificar ela dessa forma porque eu não sei como é que foi acontecer isso com ela, entendeu? Mas hoje, se você sentar com a minha mãe... Você sentar e conversar com ela, você vê que ela é uma pessoa completamente manipulável. Ela é uma mulher fácil! Chega um homem perto dela, conta uma história, ela se apaixona, ela se entrega. E a vida não é assim. Entendeu? Aí ela vai e toma um tombo.*

*E qual é a consequência do tombo dela? Um filho. E assim vai. Até completar os cinco filhos que ela tem hoje.*

Apesar da mágoa que sente pela forma como seu pai biológico reagiu à gravidez de sua mãe, fica clara a admiração que Laura tem por ele. Novamente, ela não julga ninguém.

*Quando a minha mãe engravidou, ela falou com ele que estava grávida. Só que ele não acreditou. Achou que era sacanagem dela... E ela muito boba, ao invés de insistir no assunto, já que ela estava realmente grávida dele, não! Ela falou assim: “Tá bom! Eu estou grávida de você. Se você não quiser assumir, não tô nem aí!”. Ficou na dela, ganhou o neném... Aí ela encontrou um dia com ele (isso é coisa que ele me contou) e falou assim: “Oh, Paulo! Sua filha já nasceu tá?”. Ele virou e falou assim: “Mas é verdade mesmo? Você num tá de sacanagem comigo não?”. Ela falou assim: “Não, eu não tô de sacanagem. Realmente é sua filha e tudo mais...”. E ele continuou levando o caso na esportiva, sabe? Ele não se tocou. Ele foi se tocar que realmente tinha uma filha quando eu já estava maior. Aí ele percebeu a semelhança do meu rosto com a família dele. Aí ele percebeu que a gente tinha semelhanças. (...) Ele se tocou que realmente eu, no caso, poderia ser filha dele, quando eu engravidei de gêmeos... Nossa! “Aí que ele foi num mundo e voltou noutra!”. Porque ele também é gêmeo! Ele é gêmeo com a irmã dele, eles são um casal de gêmeos, e ele é pai de gêmeos. Aí ele falou: “Não! Não tem como ela não ser minha filha mesmo”. Porque a questão da gravidez gemelar, ela é hereditária, né? Aí ele veio aqui em casa, chorou muito e tudo mais... Mas, assim... Eu gosto muito dele. Talvez eu gosto mais dele do que da minha mãe... Não sei te explicar por quê. Mas... Assim... Às vezes eu me sinto chateada com ele, por que ele demorou tanto a se tocar, entendeu? Que eu era realmente filha dele. (...) Mas isso é um caso mal resolvido entre ele e a minha mãe. Eu não tenho nada a ver com isso. Eu acho que vai fazer mal pra mim, ficar aprofundando nisso, porque se eles nunca se preocuparam em sentar e falar (“não, ela é sua filha sim e tal e tal...”), pra quê que eu vou ficar fazendo isso agora, né? Eu senti também que se eu me aproximasse muito dele, eu estava prejudicando a relação dele com a família dele, sabe? Porque a família dele despertou ciúmes... A mulher dele ficou enciumada. Mas, assim, quando a mulher dele se casou com ele, ela já sabia que ele tinha uma filha. Uma filha fora do casamento. Mas, depois que ele passou a conviver com essa*

*filha... Aí não. Aí eu acho que despertou um pouquinho de ciúme. Aí eu falei assim: “eu vou prejudicar a relação dele com a família por uma coisa boba! Eu vivi vinte e dois anos sem ele, não vai me fazer falta agora”. Mas... assim... quando eu vou a Visconde do Rio Branco, que eu vejo ele, eu cumprimento, passo lá na loja dele... Mas não chamo ele de pai, eu chamo ele de Paulo. De pai não. Assim, não tem vínculo para eu chamar ele de pai.*

Na passagem abaixo, Laura fala com naturalidade que sua mãe adotiva sempre quis ter uma filha com o intuito de ajudá-la no serviço. O conceito que seus pais têm e que passaram para ela é que “ser filho” é servir aos pais. É uma relação inscrita na lógica da troca: os pais criam os filhos, que depois têm a obrigação de retribuir. Isso é particularmente mais forte no caso de Laura. Seus pais a criaram com o seguinte discurso: “adoção é uma decisão!”. Isso faz com que ela se sinta ainda mais obrigada, do que um filho biológico, em retribuir tudo o que os pais fizeram por ela. Esse discurso é a gênese do seu *habitus*, daí a naturalidade com que fala.

E você acha que a sua mãe, quando te adotou, ela já pensava nisso? Ou seja, ela fazia questão que fosse uma menina porque queria uma companheira?

*Isso, isso. Sempre pensou assim, porque na cabeça dela, ela pensava o seguinte: como ela já tinha problema [de saúde], se ela arrumasse um menino a tendência seria ele ajudar no serviço do homem, do pai. Então ela pensou assim: “Eu vou dançar nessa! Então eu quero arrumar uma menina, porque uma menina vai me ajudar”. Entendeu? Ela pensou nela, você tá entendendo? [Essas partes estão sublinhadas porque Laura as demarcou enfaticamente]. E nessa o meu pai também entrou. O meu pai nunca foi muito a favor de adotar filho não. Essa é bem a realidade. Mas de tanto ela insistir, insistir... ele acabou adotando. Mas ele também preferia uma menina. Ele simpatizava mais com menina”.*

Então, desde sempre, você é muito próxima da sua mãe?

*Sempre, sempre.*

E você passa isso na criação dos seus filhos? Quero dizer, você trata os seus filhos da forma como você foi tratada?

*Não. É como eu falo para o meu marido: o sentimento de uma pessoa adotada é diferente do sentimento de uma pessoa que não é.*

É mesmo?

*É. Eu classifico assim.*

Mesmo tendo vindo pra cá ainda bebê e sendo criada como filha?

*Mesmo assim. Sabe por quê? A sociedade te vê de uma forma diferente. Você é especial para a sociedade porque você é adotada. É comum todo casal ter filho, né? Não é comum todo casal ter filho adotado. É difícil! Mas é igual eu falo com ele [o marido]: “é difícil!”. Você pensa de uma forma diferente. Parece que você se sente mais sofrida do que as outras crianças, entende? Eu sempre me senti assim, sabe? (...) A família do meu pai meio que ficaram revoltados. Eles pensavam assim: “Deixa de ser bobo! Você vai deixar de ter filho para adotar filho dos outros? Isso vai crescer e você não sabe o que vai ser...”. Entendeu? Então você cresce tentando mostrar para eles que você pode ser normal, como qualquer outro filho, mesmo se fosse um filho biológico, se fosse deles; um filho normal. Então você tem que crescer meio que provando para os outros que você não vai ser aquilo que maquiaram. É um pouquinho diferente. (...) A família da minha mãe também nunca se conformou, sempre atacou a minha mãe mesmo: “Ah! Você é muito boba de adotar filho!”. (...)*

Laura está presa a essa forma de criação por dois motivos: primeiro porque ela incorporou o discurso dos pais sobre o que é “ser filho”; segundo porque ela precisa provar para a própria família e para a sociedade que ela sabe “ser filha”. Aqui ela revela a importância que atribui ao reconhecimento e ao respeito das pessoas; exatamente no sentido definido por Taylor.

Quando eu lhe pergunto o que mais admira em sua mãe adotiva, Laura não sabe me responder de imediato; depois diz que sua mãe é muito trabalhadora, muito sofrida. A imagem que Laura tem da mãe é exatamente a imagem que Graça construiu para si e que tenta passar para os outros: a de vítima.

*Na minha mãe? Hum... deixa eu ver o que eu mais gosto nela... [longo silêncio] A minha mãe é muito trabalhadora. Ela sempre trabalhou demais. Ela teve uma infância sofrida demais, sabe? De trabalhar pesado mesmo. De carregar peso igual a um burro! Sabe? Ela sempre trabalhou muito, desde muito novinha. Então, assim, eu acho ela muito guerreira, sabe?*

O mesmo acontece em relação ao pai. A característica que Laura destaca é a mesma que ele próprio destacou quando me falava, na conversa do “café”, que “tipo” de pessoa ele é. Novamente percebe-se como o discurso dos pais está incorporado; guiando suas ações e impressões.

*Meu pai também, nesse sentido. E meu pai é muito alegre. Eu acho o meu pai muito alegre, muito brincalhão, muito extrovertido. Eu gosto desse lado dele. De brincar, de tirar sarro das coisas que às vezes tem que ser levadas a sério, mas ele leva na sacanagem, para que aquele problema não se torne maior, sabe? Ele prefere brincar para não ter que encarar o problema.*

As construções subjetivas e objetivas de Laura, estão ligadas à forma como seus pais a educaram. Mesmo depois do contato com outras pessoas, outras situações (escola, casamento e trabalho), as disposições adquiridas na infância ainda se mostram atuantes. Ela diz não aceitar certas coisas que seus pais tentam lhe passar, mas “prefere” não fazer e nem falar nada.

*Eles [seus pais] trabalharam muito, muito. Eu lembro que, às vezes, quando eu era pequena, a minha mãe me contava histórias que ela não se tocava que me machucava e eu também não falava nada... Até que um dia o meu pai falou pra ela: “Minha filha”, você está contando um caso seu, mas que machuca ela!”. O caso era assim: o pai dela obrigava ela a trabalhar muito e ela não tinha o direito de reclamar. Se um dente estivesse dolorido, não se tinha o direito de ir lá e consertar o dente. Aquilo tinha que apodrecer e cair pra lá... Tanto é que uma época a minha mãe infeccionou o canal de um dente que chegou de perfurar o rosto dela! Ela tem a cicatriz! Chegou a perfurar! E o pai dela não deixava ela procurar um médico. Até que isso deu uma febre muito forte, que ela trincou os dentes; ela não conseguia abrir a boca para comer, para beber... Chegou no limite! E o pai dela muito rico (oh só pro cô vô!) não deixava ela ir ao médico. Aí quando chegou no limite do limite; que ele viu que não tinha recurso mais, que ia manchar o nome dele na sociedade... Imagina: filha de homem rico nessa situação! Aí ele deixou ela ir ao médico, mas também assim: para fazer o que fosse preciso com o menor preço possível! E tinha que ir e vir do médico debaixo de sol quente, a pé! Se desse hemorragia, que desse! É a pé e pronto! Então, assim, quando eu era menor, eles queriam passar isso para mim. A forma de criação deles. Mas eu nunca aceitei muito isso não. O que é isso, gente? Isso é um*

*absurdo! Mas, assim, eles nunca quiseram que eu trabalhasse muito não. Mas, voltando ao assunto, quando ela [a mãe] cresceu, estava numa faixa maior de idade, ela chegou para ele [o pai dela] e falou assim: “Ô pai, eu sou filha adotiva?”. E o pai respondeu: “Não, por quê?”. E ela disse: “Não, porque quando o filho é adotivo é que a gente judia. Por que o senhor judia tanto de mim?”. Entendeu? Ela falava assim com ele, só que contava para mim. Ou seja, se judiassem de mim, eu tinha que agüentar porque eu sou adotiva.*

E você não falava nada?

*Não. Quando eu era pequena, havia mais conflito em relação a isso, sabe? Às vezes eles falavam coisas que me ofendiam e se eu tentasse responder ou tentasse conversar a respeito do problema, eles falavam comigo “que não, que eu deveria ser muito agradecida a eles, porque se eu estivesse com a minha mãe, lá em Rio Branco, talvez nem viva eu estaria...”. Eles me criaram com a mente o seguinte: eu tenho que viver agradecendo somente a eles, porque foram eles que me deram a vida, entendeu? Eles nunca entenderam que... independentemente de eles terem me adotado, mesmo se eu morasse lá, eu não seria uma pessoa... como a minha mãe é. Que sempre teve filho sozinha, que eu ia levar esse tipo de vida. Quando eu era mais nova, eles pensavam assim... E até hoje. Às vezes, eles pensam assim. Por exemplo, se eu fico nervosa com os meninos [os filhos] e digo: “eu vou te dar uma coça menino!”. Claro que eu não vou bater numa criança de um ano. Eles falam: “Não vai bater não! Ah se você for fazer igual a sua mãe fez, heim!”. Entendeu? E às vezes isso me machuca. É igual eu falo com você: o sentimento de uma pessoa adotada é completamente diferente; porque uma criança normal, que não seja adotada, ela nunca vai passar por isso. Nunca. Se o filho faz alguma coisa de errado e a mãe fala: “Ah, menino! Você está ficando igual ao fulano!”. O filho pode dizer: “Problema! Eu puxei a senhora. Você não é minha mãe?”. Eu nunca posso dizer uma coisa dessas: “Eu puxei a senhora”. Como? Eu puxei a minha mãe [biológica]? Como? Se eu não convivi com ela e não sei como ela é. Eu puxei o meu pai [biológico]? Também não sei, eu não convivi com ele. Então é igual eu falo com o meu marido: às vezes eu sou meio que sem identidade, porque eu sei quem é meu pai, eu sei quem é minha mãe, mas eu não sei quem sou.*

A família é a coisa mais importante para Laura. Sua identidade está atrelada ao pertencimento a uma família; tanto em relação a seus pais adotivos quanto ao marido e aos

filhos. Seu auto-reconhecimento, seu sentimento de valor pessoal, não provém de semelhanças físicas ou objetivas, tal como ela procura em seus pais biológicos; provém do reconhecimento dos pais adotivos e da sociedade pelo seu comportamento, por ela ter provado que sabe “ser filha”. É compreensível que Laura não perceba isso. Ela atribui à família que construiu, a orientação de sua vida e, assim, tal como Taylor analisa, a sua identidade.

*Hoje eu me agarro nos meu filhos. Hoje eu formei a minha família, então hoje eu me agarro nos meus filhos. Entendeu? Hoje eu vivo assim: eu não quero que os meus filhos sejam ou passem pelo o que eu passei. Hoje eu me agarro nisso. Hoje eu sei assim: se alguma coisa me prejudicar, eu tenho em quem pensar, que é neles. Antes não. Antes eu ficava pra baixo, eu chorava muito...*

Laura tem três anos de casada. O fato de ter se casado ainda bastante jovem, de ter sido mãe precocemente, é reconhecido agora como mais do que uma “vontade”, tal como ela relatou no início da entrevista; é sim como fruto da educação que recebeu. Não há qualquer estranhamento quanto à sua submissão à vontade dos pais. Ela reconhece o peso da opinião dos pais nas suas decisões. No entanto, tudo é visto como uma questão de “costume”.

*Meus pais sempre foram loucos para que eu casasse novinha. Tinha que casar nova. É como eu estava te falando: na cabeça deles, eles tinham que me criar naquele regime deles. A minha mãe se casou nova, com quatorze anos, entendeu? Eles queriam me criar do modo deles. (...) Mas era assim: eu tinha que me casar nova, mas com a pessoa que ele [pai adotivo] achasse certo. Então era assim: “esse aqui é bom para você casar, porque ele é trabalhador, é honesto...”. Isso eu nunca aceitei, mas para não criar conflito eu despistava: “Não, não... Não tô a fim de me casar agora...”. Entendeu? Me casei o com o meu marido porque eu realmente gostava dele, entendeu? (...) Eu conheci ele [o marido] primeiro e depois apresentei ele. Mas eles [os pais] não gostaram dele de cara não, porque ele foi criado no regime de hoje em dia... Os pais dele pensam de forma diferente, são mais modernos, mais descontraídos, mais novos... A mãe do meu marido tem quarenta e dois anos, então, o regime em que ele foi criado é um pouco diferente. Então é assim: já gerou conflito nessa área. Mas, tá bom: “já assumiu compromisso, quer casar, já é meio caminho andado”. Então é assim, eles tentam sempre moldar a situação.*



E seu marido sempre aceitou bem essa situação?

*Não! Ele nunca aceitou bem! Nunca... [risos] Porque eu, eu já estou acostumada; tem vinte e dois anos que eu convivo com isso. Eu falo pra ele: “Você em três não vai acostumar”.*

A pesar de viverem todos na mesma casa, são duas famílias distintas e, não raro, divergentes: a dos pais de Laura e a que ela construiu com o marido. Laura faz parte das duas, “depende” das duas e, com isso, fica, como ela mesma reconhece, “equilibrando a situação”.

*Às vezes isso [os pais moldarem a situação] gera conflito no meu casamento. E... assim... às vezes eu penso em sair daqui e largar os dois sozinhos... E se acontecer qualquer coisa no dia de amanhã e eu me punir, entendeu? Porque não era para eu fazer isso. Mas aí eu penso: “Meu Deus! Mas se eu não sair, eu vou acabar com o meu casamento...” Porque, às vezes, eles entram no meu casamento. Então, às vezes, eu tenho problemas no meu casamento. Às vezes o problema é com nós dois, problemas do cotidiano, e eles se intrometem, querem dar opinião, sabe? Nossa! O meu marido fica “p-da-vida”, mas ele reclama só comigo. Então é assim: eu sou o “para-raios” da casa, você tá entendendo? Eu recebo tudo! Eu recebo o que vem dos meus pais, eu recebo o que vem dele... entende? Eu meio que sou o “para-raios”, meio que fico no meio, equilibrando: “calma fulano, não é bem assim...”. Às vezes eu escuto coisas que vêm de lá [dos pais] que ofendem muito... Mas eu fico calada, porque no outro dia eles vão virar e falar que não falaram nada daquilo, entendeu? E eu vou ficar como a ruim ainda. Então é melhor ficar calada.*

Quando Laura se casou, já estava decidido que ela continuaria morando na casa dos pais. Isso, segundo ela, foi uma condição (embora não verbalizada, como das outras vezes, mas implícita na própria situação) dos pais, devido à idade avançada e à saúde frágil dos dois. No entanto, ela ressalta que tudo foi decidido em comum acordo com o marido. A possibilidade de sair de casa foi até cogitada por ela. Uma nova família tem importância para Laura em dois aspectos intimamente relacionados: primeiro porque é o “motivo” que justificaria, perante os pais e a sociedade, sua saída de casa, posto que agora ela passa a ter “obrigações” para com a sua própria família; segundo porque como o seu sentimento de valor pessoal está atrelado à esfera familiar, esta nova família é a garantia de preservação

desse sentimento. No entanto, o sentimento de obrigação para com os pais é ainda mais forte; foi alimentado por seus pais e incorporado desde a sua mais tenra infância. Ir contra esse sentimento resultaria em outro: o de ingratidão.

(...) *Antes de a gente se casar, ele [o marido] não morava aqui... Não sabia como era o negócio. “André (meu marido se chama André), você tem certeza que quer morar aqui? Porque se você não quiser, e se seu tomei a decisão de me casar com você e se você quiser morar em outro lugar, a minha obrigação é morar em outro lugar com você”. Porque pai e mãe não dura para sempre. Marido também não é parente, é um agregado... No dia de amanhã resolve se separar, e aí? Não adiantou de nada... Mas ninguém se casa pensando em se separar, né? Se for assim é melhor nem casar. Mas ele falou assim: “O seu pai é muito legal, dá para viver bem. A sua mãe que é uma chatinha, mas dá para levar... e tal e tal”. Mas, eu noto que ele fica chateado. Mas eu não tiro a razão dele, porque, às vezes, os meus pais se intrometem muito. (...) É igual ele falou comigo um dia: “Eu vim morar aqui não por eles, tenho dó deles e tudo, mas eu vim morar aqui por você”. (...) É como eu estava falando com você: eu sou meio que o “pára-raios” da casa; porque tenho que ficar no meio equilibrando a situação. Assim... Ele [o marido] já fez o favor de vir morar aqui para amenizar a situação; porque sabe que eu tenho que ajudar eles [os pais dela], mas ele também não está conformado com a situação, porque os meus pais se intrometem onde não deveriam.*

Quando conversamos sobre religião, ficou claro que as principais disposições de Laura (não julgar, gratidão, perdão, resignação etc.) encontram respaldo religioso. Ela é católica e bastante religiosa. Por estarem presentes no seu dia-a-dia, os princípios religiosos que coincidem com suas disposições, contribuem para atualizá-las.

(...) *Eu tenho muita fé, entende? Eu gosto de ler a bíblia, principalmente quando estou deprimida... Eu gosto de ler salmo, adoro. Gosto de santos, adoro.*

No final da entrevista, pergunto a Laura se ela acredita em índole; se as pessoas já nascem boas ou más ou, como ela mesma disse, “com uma estrela na testa”. Novamente, sua resposta evidencia os dois pontos mais significativos de sua identidade: a família e a sociedade.

*Não, eu acho que não. As pessoas mudam. Agora, a índole vai muito assim: se você já vem de uma família... não vou dizer que ruim, mas uma família... Como posso dizer? De*

*uma família... com um passado pesado, sabe? Aí já nasce filho assim: “Ah! Aquele ali vai ser ruim”. Porque a sociedade molda as pessoas: “vai ser igualzinho ao pai, porque o pai dele não presta!”. Se ele tiver, dentro dele, a consciência de que as coisas não são assim, ele vai tentar viver a vida dele pensando o quê? “Eu vou ser uma pessoa boa”. No sentido, assim: “ Eu tenho que ser uma pessoa boa para mim e para os outros”. (...)*

Guiricema, 19/01/07.

## 2.2 - “Cumprir a minha missão”

Clara é um dos casos que guardo na memória. Lembro-me que a conheci através de uma tia que, novamente, me levou até a sua casa. A relação das duas é de amizade. Clara viu minha tia nascer, pois moravam muito próximo em Guiricema. Hoje continuam vizinhas em Visconde do Rio Branco. Minha tia já havia feito um contato prévio com Clara a aproximadamente um mês antes da entrevista, de modo que ela já esperava a nossa visita. Fomos muito bem recebidas. Como Clara mesma se define, ela é uma pessoa muito alegre e festeira. Da rua podia-se escutar a música que tocava no interior da casa. Fomos recebidas na sala, onde ficamos todo o tempo. Durante cerca de meia hora, ficamos apenas nós três. Conversamos informalmente sobre a pesquisa, sobre mim, sobre ela e sobre a antiga relação de amizade entre ela e minha tia. Passado esse tempo, o marido dela chegou. Alcoolizado. A partir daí ninguém mais falou, só ele.

Clara tem 52 anos, é negra e de estatura baixa. “Casada” há três anos com Edson, da mesma idade, branco e divorciado. A casa onde moram é herança dos pais “adotivos” de Clara e fica em um bairro afastado. É uma casa simples, mas bem mobiliada. Ela é auxiliar de produção em um grande frigorífico da cidade, mas está afastada do trabalho há três anos por causa de uma lesão por esforço repetitivo na mão direita. Na época da entrevista ela havia acabado de receber alta médica para retornar ao trabalho. Foi durante esse período de licença médica que Clara conheceu seu marido. Edson é aposentado por invalidez. Segundo Clara, ele sofreu um acidente de moto e rompeu o nervo do braço. No entanto, seu braço, bem como seus movimentos, me pareceram normais. Antes de se aposentar, Edson nunca teve um trabalho regular. Vivia entre um emprego e outro; intercalados por períodos de desemprego. As pessoas com quem conversei a respeito dele o descreveram como a “ovelha negra” de uma família classe média-alta da cidade. Até hoje, a relação dele com a família é de dependência.

Mesmo alcoolizado, Edson fez questão de contar que sua família é “*rica e conhecida na cidade*”. Contou ainda que sua mãe os ajuda bastante; com presentes (televisão, antena parabólica etc.). Durante a fala do marido, Clara permaneceu calada. Edson é bastante autoritário, mas não agressivo. Várias vezes ele mandou Clara ir até à cozinha trazer mais bebida. O tempo em que permanecemos na casa ele procurou nos

agradar, tentando ser simpático e engraçado. Percebi que Clara ficou bastante incomodada com a postura do marido, mas não o repreendeu. Apenas em um momento quando, de forma ríspida, ele se dirigiu a ela dizendo que fosse rápido à cozinha porque a bebida dele havia acabado; ela parou, olhou firme para ele, baixou a voz e lhe disse: “Menos!”. Mas foi e buscou a bebida.

Ficamos por volta de uma hora na casa de Clara. Seu comportamento mudou visivelmente depois da chegada do marido: antes alegre e comunicativa depois calada e constrangida. Marcamos a entrevista para cinco dias depois. Clara me pareceu bem disposta a ajudar, não apresentando qualquer desconforto em relação à pesquisa.

Cheguei à sua casa no horário combinado. Ela estava sozinha. A entrevista aconteceu na cozinha, porque ela estava preparando um doce. Desta vez, Clara não foi tão receptiva. Ao começar a entrevista, senti que ela não queria me responder. Comecei perguntando onde ela havia nascido e ela com um sorriso irônico me respondeu: “*Não sei! É passado, não me lembro mais...* [risos]”. Pedi então que me falasse como foi a infância junto aos pais biológicos e novamente ela se absteve. Pude perceber duas coisas desse comportamento: a primeira é que ela aceitou me conceder a entrevista apenas em consideração à minha tia; e, segundo, que ela não gostava de falar de uma parte do seu passado, não dele todo, já que no primeiro encontro ela evocou várias vezes momentos antigos. Não insisti na pergunta, apenas pedi que me contasse o que se lembrava da infância. Com certa agressividade, Clara se abriu:

*Eu morei com os meus pais até o quinto ano. Até os cinco anos de idade. Depois eu fui morar com uma outra família. Eu fui criada com essa família até os quarenta e nove anos e aí eles morreram.*

Hoje você está com quantos anos?

52.

E você se lembra como era a relação de vocês (com a família biológica)? Como era o dia-a-dia etc.?

*Eu tive pouco contato, quando pequena, com os meus irmãos. Depois de mais velha que eu fui ter mais contato com eles.*

Você tem quantos irmãos?

*Eu tive cinco irmãos, um morreu.*

E você tem contato com eles hoje?

*Tenho, hoje eu tenho contato com eles, porque antes eu não tinha.*

Por quê?

*Ah! Porque eu não ia mais na casa da minha mãe... Porque o negócio com a minha mãe é o seguinte: quando ela me teve, eu sou a mais velha, ela não queria filha mulher. Ela não quis filha mulher.*

Por quê?

*Porque ela queria filho homem. Ela não gostava de filha mulher. Ela achava que ia dar muito trabalho para ela.*

E o seu pai? Como ele se posicionava nessa história?

*Ah! O meu pai não optava nada não. Ela que optava tudo [risos]!*

Você viveu com a sua família até os cinco anos. Como foi a convivência com a sua mãe nesse período?

*Não combinava! A gente não combinava ...*

Mesmo você com apenas cinco aninhos?

*Não combinava! Eu não dormia na casa dela de jeito nenhum! Ela me batia... Eu creio assim; que ela me batia, me fazia muito medo... Porque as poucas coisas de medo que eu lembro, era ela que me fazia.*

Essas coisas marcam, né?

*Marcam! Marcam e muito!*

E seu pai não interferia?

*E eu amava meu pai, “oh pro ce vê!”. A gente combinava demais da conta!*

E seus outros irmãos são homens?

*Eu tenho uma irmã. A caçula é mulher.*

E a relação da sua mãe com ela?

*Não, a minha mãe é apaixonada com ela. A minha mãe é doida com ela!*

Como assim?

*O negócio era só comigo. Que eu ia dar muito trabalho, que eu não ia ser nada na vida. Eu não ia ser nada na vida... Que eu só ia dar desgosto a ela...*

Ela te falava isso?

*Falava, falava. Que eu ia arrumar barriga... sabe? Que eu ia casar grávida... Tudo assim... essas coisas .*

Carinho nunca?

*Nunca, nunca! Ela nunca me deu carinho. Sabe assim? Ela nunca me deu uma laranja!*  
[silêncio] *Para falar a verdade, nunca me deu nada!*

E como foi a sua ida para a casa dessa família onde você morou tanto tempo?

*Ela [a mãe] que me deu. Ela me deu. Deixa eu te explicar, ela me deu para uma mulher que morava em Belo Horizonte.*

“Deu” mesmo?

*Deu, deu. Tipo assim: “pode levar para você, eu não quero ela!”. Tipo assim. Aí eu fui morar na casa da mãe dessa menina que ia me levar para Belo Horizonte, porque na época ela era solteira, tinha ido trabalhar... Ia ficar difícil para ela cuidar de mim. Aí eu fiquei morando com a mãe dela, a Fátima. Aí depois que eu cresci, que ela arrumou um emprego e queria me levar para Belo Horizonte, aí eu não quis ir, porque eu já tinha acostumado com ela [Fátima]. Aí eu não podia largar ela [Fátima] para ir morar em Belo Horizonte.*

E nesse tempo que você morou com a Fátima, em nenhum momento a sua mãe se arrependeu, foi te procurar...?

*Não. A minha mãe toda vez que encontrava comigo ela brigava comigo. Então, assim: não sentia falta nenhuma, né? Mas, assim, eu era muito atrevida, tá? Eu era muito atrevida! Eu respondia: “Você não gosta de mim!”. Uai! Do jeito que ela me criou eu tinha que fazer com ela também.*

E no período em que você ficou com ela, como ela era dentro de casa, no cotidiano? Como era o dia-a-dia?

*Ah... ela era meio maluca [risos]! Não sei não, mas era mesmo! Você sabe por quê? De vez em quando ela cismava que ia suicidar... Toda problemática também, tá? Toda problemática! Porque o pai dela morreu matado. Toda problemática... Então, quer dizer, ela ainda tinha as razões dela também, sabe?*

A família dela era de Guiricema?

*Era de Guiricema.*

Você conheceu seus avós?

*Não, não. Só a minha avó [paterna], mas também bebia demais. Me carregava para todo lado com ela... Aquela loucura! E eu ia! Mas, assim: bebia, bebia, bebia... mas não me deixava perder de jeito nenhum, sabe? Ficava ali, segurando na minha mão. Era aquela avó carinhosa.*

Então o carinho que você teve na sua infância foi da sua avó?

*Era. Da minha avó. Da minha mãe, nunca.*

E do seu pai?

*O negócio do meu pai era o seguinte: todo dia ele ia me ver! Sabe aquele pai, assim... pai e mãe ao mesmo tempo? Ele era assim. Ele nunca deixou de ir me ver. Às vezes eu brigava com ele, mas todo dia ele estava lá para me ver. Era aquele pai carinhoso. A minha mãe, não. Ela era... pirracenta!*

A sua mãe te teve com quantos anos?

*Também não sei [risos]. Esses detalhes eu nunca quis... nunca entrei, sabe?*

É uma coisa, pelo jeito que você está falando, que você não fez questão de saber, que você não gosta de falar, que já passou... É isso?

*É, é. Nunca fiz questão de saber. Não gosto de falar. Passou, passou. E outra coisa: quando a minha mãe morreu, eu não senti! Agora, quando a minha mãe adotiva morreu, aí eu senti. Porque ela é que era minha mãe, que me dava tudo, sabe?*

Desde que foi “adotada”, Clara procurou esquecer seu passado com a família biológica. Sua “agressividade” diminui quando começa a falar de sua família adotiva. Diminui, mas não desaparece. Durante toda entrevista, seu comportamento é oscilante. Em todos os momentos em que fala de sua personalidade, a agressividade vem à tona. Clara é conhecida por todos, na sua cidade natal, como uma pessoa sofrida, que trabalhou pesado a vida inteira e que anulou a sua vida em função dos pais “adotivos”. Ela não gosta dessa imagem e tenta desconstruí-la, através de afirmações incisivas sobre uma identidade que ela criou. Com isso, a entrevista é cheia de contradições, até mesmo quanto à sua idade; ora 52, ora 54 anos. Nos últimos cinco minutos da entrevista, depois de uma hora e quarenta minutos de conversa, Clara se revela e confirma a imagem das pessoas. Seu desconforto inicial em responder à entrevista ficou muito claro para mim: ela teria de lembrar momentos que intimamente luta para esquecer e socialmente finge não terem acontecido.



A primeira coisa que Clara tenta romper é a imagem que as pessoas de sua cidade natal têm dela, qual seja, a de uma pessoa que trabalhou muito para os pais “adotivos”, que teve a vida em função dos mesmos, que recebia tratamento diferenciado do dos filhos biológicos etc. Para isso, ela se descreve como uma pessoa de personalidade forte, independente e que segue as suas vontades.

Você foi morar com a Fátima com cinco anos. Ela era casada? Tinha mais filhos?

*Casada. Todos os filhos dela eram bem mais velhos.*

Você virou a caçula?

*Virei, virei a caçula. Depois veio o Pedro. A diferença de nós dois são de dois anos também. Ele era o caçula.*

E eles te criaram como filha?

*Como filha [silêncio]. Eles até deixaram essa casa aqui para mim, como herança para mim.*

Você estudou, Clara?

*Fiz até o segundo grau.*

No tempo certo ou depois?

*Foi depois, porque eu não gostava de estudar... [risos]*

Como você era?

*Eu era “encapetadinha” [risos]! Eu era “encapetada”! Você sabe o que é “encapetada”?*

*Eu era!*

Mesmo quando você foi morar com a Fátima?

*É, toda vida. Eu melhorei tem pouco tempo [risos].*

Como assim, “encapetada”? Arteira, levada?

*É, arteira. Fazia arte, não estava nem aí para nada, sabe? Se hoje me desse vontade de ir lá em Ubá tomar um chop, eu saía escondida e ia. Juntava uma turma e ia. (...) Eu vinha para Rio Branco, eu ia para Ubá, ia para Juiz de Fora, ia para Viçosa...*

Ficava em casa de parentes?

*Não, de amigos. Eu passava férias no Rio [de Janeiro], quando eu não estava estudando nem nada, e eu ficava lá um mês; não era dois dias não, era um mês!*

E seus pais iam juntos?

*Não. Eu ia e ficava na casa de tios.*

E seus pais? Ficavam sozinhos?

*Uai... ficavam sozinhos [Clara fica tensa e agressiva quando narra suas peripécias. Ela vai falando e batendo com a mão na mesa]. Eu tinha parentes em São Paulo. Eu ia para lá e ficava quinze dias... Eu ia para a praia... Por exemplo, se eu chegasse de viagem hoje, com um real no bolso, você chegasse e me chamasse para ir para a praia, eu ia. Com um real no bolso! Eu ia e ficava na sua casa. Não esquentava não... Ih, menina! Quantas vezes eu já fiz isso! (...) Nunca gostei de morar lá [em Guiricema]; eu não me sentia do interior, sabe? Do interior de Guiricema...*

É mesmo?

*Eu nunca gostei de lá, sabe? Nunca gostei.*

Desde nova?

*Desde nova. Nunca gostei. Eu gostava de cidade grande, sabe?*

Mesmo sem nunca ter morado em uma?

*Sem nunca ter morado. Sem nunca ter morado...*

Você via pela televisão?

*É, pela televisão. Guiricema eu nunca gostei. Nunca gostei e nem gosto de lá.*

E seus pais não se importavam com esse seu jeito?

*Importavam não. Toda a vida eu fui assim. Muita gente me perguntava se eu era carioca!*

*Pelo meu jeito de ser... sabe? Assim, meio estabanada.*

(...)

Você disse que foi dada, na verdade, para a filha da Fátima, que morava em Belo Horizonte. Mas você se apegou à Fátima e não quis ir morar com a filha, não é?

*É, eu não quis. Eu me apeguei a Fátima.*

Mesmo gostando de cidade grande?

*Mesmo gostando.*

Você abriu mão dessa sua vontade?

*Mas de Belo Horizonte eu já não gostava. Não sei por quê. Não gosto de Belo Horizonte...*

(...)

E os seus irmãos, por parte da Fátima, eles te acompanhavam (nas viagens)?

*Não, cada um ia para um lado. A Rosana é a mais velha, vai fazer setenta anos agora em março. O João vai fazer sessenta. A Cida cinqüenta e três. Eu cinqüenta e quatro [?] e o Pedro cinqüenta e um. Eu, Cida e Pedro, nós éramos muito ligados, sabe? Fomos criados juntos.*

Eles estudaram?

*O Pedro estudava e a Cida também estudava.*

Você não?

*Eu nunca quis estudar. Eu e o João.*

João é um dos irmãos mais velhos?

*É, ele vai fazer sessenta anos.*

Seus pais te estimulavam a estudar?

*Estimulavam. A Cida é dentista, mora em Sete Lagoas.*

Então você não estudou porque você não quis?

*Porque eu não quis. Nunca quis estudar. Hoje eu tenho arrependimento, né?*

E como era o seu dia-a-dia? Você ajudava a Fátima?

*Ajudava. Cada um tinha sua obrigação. Isso aí não adianta falar que um trabalhava mais do que o outro não! Cada um tinha o seu serviço certinho: eu tinha o meu, o Pedro o dele e a Cida o dela, sabe? (...) Era dividido. O trabalho era todo dividido. Aí não tinha briga, não tinha confusão, não tinha nada. Era gostoso! Quando a gente é criança, tudo é gostoso de fazer.*

Você em algum momento foi tratada diferente? Se sentiu melhor ou pior do que alguém?

*Não, não. E até hoje, né? Pode me enfiar em qualquer lugar; pode ser chique, pode ser o que for! Que eu entro de nariz empinadinho, como se eu fosse rica, igual a todo mundo.*

Você é auto-confiante?

*Eu sou! Não passo vergonha em lugar nenhum, não faço vergonha em ninguém...*

Clara confirma que foi a única dos “irmãos” a ficar com os pais até a morte deles. Todos estudaram, foram trabalhar em outras cidades, se casaram etc., menos ela. O trecho a seguir mostra bem a sua dedicação à família, mas é bastante contraditório. Clara diz ter vivido até seus quarenta e nove anos com a família adotiva, somando um total de quarenta e

cinco anos de convivência, sendo os últimos, apenas com sua mãe. No entanto, sua mãe morreu há quinze anos e Clara diz ter 52...

Você ficou com eles quantos anos mesmo?

*Quarenta e cinco anos.*

E os outros filhos? Também ficaram até eles morrerem?

*Não, os outros filhos foram casando... (...) Todos já eram casados, quem era solteira era só eu.*

Então todos se casaram, foram embora e ficou só você, a Fátima e o marido dela?

*Isso, ficou só nós três.*

Por quanto tempo?

*Meu pai morreu primeiro. Faz vinte anos agora em março que ele morreu. A minha mãe tem quinze, a adotiva. Tem quinze anos que ela morreu.*

E você ficou com eles até eles morrerem?

*Até morrer! [longo silêncio] Aí eu cumpri a minha missão. Fiquei com eles até eles morrerem. Depois que ela morreu, eu fiquei no Guiricema só mais um ano e saí do Guiricema.*

“Cumri minha missão”?

*Cumri minha missão!*

Você foi uma companhia para eles, principalmente para ela, não é?

*Fui uma companhia. Porque não tinha mais os filhos dela. O que tinha [na cidade] era o Pedro, mas ele tinha a esposa, tinha o filho e já não morava com a gente mais. Aí eu e ela ficamos assim no final. Inclusive quando ela morreu estava só nós duas dentro de casa, assistindo televisão. Não esqueço disso, gente! Quando ela passou mal, ela levantou, fez a caminhada dela, ela caminhava todo santo dia, bem ou mal, e falou assim: “Hoje eu não estou bem”. Aí eu falei: “O quê que foi?”.*

Você a chamava de mãe?

*De “mãe-vó”! “Mãe-vó”... [risos]. Aí mediu a pressão... Aí ela falou: “hoje eu não quero almoçar, não quero deitar...”. Mas pediu para mim fazer jiló para ela; era eu que fazia o almoço, né? Aí fiz o jiló, ela almoçou bem. Depois deitou e falou: “De tarde eu não vou jantar! Vamos assistir televisão, boba! Nós duas”. Aí fomos assistir televisão. Quando*

*chegou no quarto ela pediu para tomar uma gelatina. Dali ela já começou a passar mal. Mas também não deu tempo de nada, viu?*

*Ela tinha quantos anos?*

*Oitenta e um.*

*E o seu pai morreu com quantos anos?*

*Ele morreu com oitenta e quatro.*

Clara fala com bastante empolgação de sua família. Nesses momentos, não há qualquer agressividade ou sinal de descontentamento; apesar de já ter dito que nunca gostou de morar em cidade do interior. Ela faz questão de dizer que se tratava de uma família unida, grande, festeira, da qual ela era o “*xodó*”.

*E como era a condição financeira deles? Tinham uma condição estável?*

*Tinha, tinha uma condição estável.*

*É uma família conhecida na cidade?*

*É! É a família Oliveira! É conhecida! A família mais conhecida no Guiricema é a família Oliveira.*

*(...)*

*E qual era o divertimento de vocês nas horas vagas?*

*Ah... Lá era mais assim: se tivesse uma festa, aí ia. Se não tivesse também, não... sabe?*

*Vocês faziam festas na casa de vocês?*

*Não, a gente ia em festa na casa de amigos... Lá em casa de vez em quando tinha festa também... Festa de família.*

*Aniversários?*

*Aniversários. Por exemplo: eu tenho família lá em Goiânia aí vinha tudo para Guiricema.*

*Aí amanhã reunia na sua casa, um dia reunia na casa do tio Tônico, no outro dia na casa do outro... Era assim: cada dia reunia numa casa. Aí vinha a família toda! A família de*

*Oliveira toda: juntava os pais, com os irmãos de Ubá e ia tudo para uma casa só!*

*Bem festeiros, então.*

*Festeiros, festeiros demais! “Hoje nós vamos para a fazenda!”. Aí ia todo mundo para a fazenda...*

Você gostava?

*Nossa Senhora! Era bom de mais da conta! Eu toda vida fui festeira. Sempre fui alegre, sabe? Todo lugar que eu vou, eu sou bem recebida. Se eu não te conheço eu puxo conversa com você para fazer amizade, sabe? Descubro tudo da sua vida... Eu não sou de esquentar a cabeça com nada não.*

E você se relacionava bem com os dois? Tanto com pai quanto com a mãe?

*Com os dois. Com os dois [silêncio]. Tanto que eu era o xodó! Eu era o xodozinho! Tinha vez que eles queriam fazer alguma coisa, pediam opinião para mim, sabe? Tanto que os meninos, os meus irmãos adotivos, eles tinham ciúmes de mim. O Pedro, o caçula, é meu irmão mesmo [de coração], sabe? Meu irmão mesmo! Os filhos deles vêm aqui pra casa, sabe? Se os meninos quiser vim toda semana, deixa! Não esquento não. Ele sabe que eu não vou judiar, não vou. É aquele amor mesmo de... [silêncio].*

De família?

*De família.*

Quando a entrevista chega na questão do trabalho, Clara começa a contradizer a imagem de si (corajosa, espontânea, independente, “encapetada” etc) que tentou me passar.

Você trabalhava fora?

*Não. Eles nunca quiseram que eu trabalhasse fora. Eu só fui trabalhar depois que eu mudei aqui para Rio Branco; depois que eles morreram.*

E você tinha vontade?

*Eu tinha sim. Mas, assim, eu tinha vontade de ter o meu dinheiro...*

E por que você não foi trabalhar fora se você tinha vontade?

*Tinha vontade, mas não tinha coragem, sabe? Tinha só vontade, mas não tinha coragem... de enfrentar. Porque aí, depois que eles morreram e eu fiquei sem pai nem mãe para me dar dinheiro, eu falei: “agora vou ter que enfrentar. Vou ter que enfrentar qualquer coisa”. Mas eu só tenho arrependimento; quer dizer, tenho e não tenho... porque eu fui trabalhar no frigorífico e ali eu cresci; aprendi muita coisa.*

Três anos você ficou lá, né?

*Três anos [silêncio]. Porque eu não sabia o que era dureza e lá eu fui aprender.*

Você achava que o serviço de casa era mais fácil do que o que você fazia no frigorífico?

*Era fichinha, fichinha! Era uma beleza! Aí depois que eu entrei no frigorífico que eu vi como o bicho pega. Aí que eu comecei a passar humilhações... entendeu?*

Que tipo de humilhação?

*Ih, minha filha! Ali você passa todo tipo de humilhação que você possa imaginar. Os outros te xingam, praticamente te chamam de prostituta...*

Eram pessoas que estavam trabalhando que faziam isso?

*Era. Como é que o cara me chamou lá, gente...? Um cara lá me chamou de “quenga”.*

Do nada?

*Do nada! “Aí fulano, chegou mais uma quenga aí pro cê!”.*

E o supervisor não repreendia esses funcionários?

*Ih, menina! Eu já arrumei muita confusão naquele frigorífico... Eu tenho trauma daquilo lá! Eu começo a passar mal quando eu lembro que tenho que voltar pra lá.*

Quando você voltar, é para o mesmo posto, para o mesmo lugar?

*Aí isso eu não sei, não sei. Mas só que agora eu não sou boba como eu era quando entrei lá, né? Porque agora muita coisa mudou... Agora eu não aceito. Agora eu já tenho padrinho lá dentro! Meu cunhado trabalha lá, sabe? Meu cunhado é chefe!*

Seu cunhado como? Irmão do seu marido?

*É... É meu concunhado... na verdade é marido da minha cunhada.*

Irmã do seu marido?

*É. Então, quer dizer; agora as coisas modificaram!*

Você diz: agora eu não sou mais boba, por quê? Quando você entrou lá você era boba?

*Eu era boba!*

Por quê?

*Porque eu era boba! Eu era boba!*

Pelo fato de ter vindo de Guiricema, uma cidade muito pequena?

*É... de aceitar todo tipo de humilhação. Os outros vem te humilhar, você chora e não fala nada...*

É? Você era assim?

*Era. Eu era assim, ué?!*

Mesmo sendo atrevida, como você disse, você aceitava humilhação?

*Mas eu aprendi foi lá [no frigorífico].*

Nesses últimos anos?

*Nesses últimos anos. Porque eu aceitava... Os outros falavam as coisas comigo e eu ficava calada. Eu chorava, mas não revidava.*

E você sempre foi assim? Na sua infância, adolescência os outros te falavam coisas que você não gostava e você aceitava?

*É eu ficava calada; guardava aquilo para mim.*

E agora você é diferente?

*Agora não. Agora se você me ofender aqui, você pode ter certeza que vai ser ofendida ali na frente. Eu acabo com você aqui!*

E agora você retruca?

*Eu retruco na hora! Vou falando, vou falando, vou falando até... chegar no ponto. Eu chorava, chorava, chorava muito...*

E não retrucava, guardava para você?

*Não falava nada; guardava tudo para mim. E com isso eu fui sofrendo muito, sabe? Sofri demais da conta com isso... Até lá no frigorífico era... Depois de um certo tempo, até um ano e pouco eu aceitei, depois eu não aceitei mais. Aí comecei a soltar os cachorros: o que eles faziam comigo, eu fazia com eles; gritavam comigo, eu gritava com eles... Nossa Senhora! Eu era impossível! Eu acho que eles devem dar graças a Deus por eu não estar lá, sabe? Porque eu acho que se eu voltar, eu faço a mesma coisa.*

Apesar de dizer que “passa mal” só de lembrar que tem de voltar ao trabalho, Clara conta que quando foi afastada, não conseguiu cumprir a ordem médica de repouso e voltou a trabalhar devido à falta que sentiu do trabalho.

Clara, você me disse que está há três anos afastada do trabalho por causa de um problema na mão. Como foi esses três anos longe do trabalho? Você sentiu falta?

*Nos primeiros meses eu senti falta, depois não, sabe? Eu com doze dias de cirurgia, eu voltei a trabalhar. Com doze dias! Eu estava com os pontos ainda e cismeí que ia voltar a trabalhar! Aí eu voltei, trabalhei uns quatro dias e aí começou o carnaval. Eu não podia trabalhar de jeito nenhum! Aí trabalhei esses quatro dias e depois entrou o carnaval e eu*



*não voltei mais. No dia que acabou o carnaval eu voltei para trabalhar, só que eles não deixaram eu trabalhar.*

Clara confessa que o trabalho pesado é algo que sempre esteve presente em sua vida. Ela revela que sempre trabalhou, que “faz de tudo”, desde criança: “*se não desse altura, colocava um banquinho*”. Depois, passou a trabalhar doze horas diárias no frigorífico; e, no período de licença, começou a trabalhar como empregada doméstica na casa da sogra e da cunhada, trabalho que ela pretende conciliar com o retorno ao frigorífico.

Qual é a importância do trabalho para você? Você trabalha por que precisa ou por que gosta?

*Porque eu preciso e porque eu gosto. Porque precisar, eu acho que todo mundo precisa. Eu gosto de trabalhar, eu não gosto de ficar à-toa. Nunca gostei de ficar à-toa. Eu comecei a trabalhar com sete anos de idade... Sete anos! Com sete anos eu comecei a lavar vasilha, se não desse altura, eu colocava um banquinho... Mas que eu trabalhava, eu trabalhava! Aprendi a fazer comida... Então, assim: eu sei fazer de tudo que você possa imaginar. Eu sei costurar, eu sei bordar, eu sei fazer crochê... sabe?*

E quem te ensinou? A sua mãe?

*Foi, a minha mãe adotiva. Então, quer dizer; nada me dá medo não! Nada é difícil para mim não. Adoro arrumar casa, adoro fazer doce... tudo eu sei fazer um bocadinho!*

(...)

Você trabalha o período integral lá no frigorífico? Oito horas de trabalho por dia?

*Oito horas que nada! Doze horas.*

Doze horas?

*Doze horas de trabalho! Doze horas!*

(...)

E nesse tempo em que você ficou afastada, você ficou só com o serviço de casa?

*Nada, boba! Eu trabalho na minha sogra, eu trabalho na minha cunhada... Eu lavo roupa, eu passo, eu bordo, eu costuro...*

Para os outros?

*Não, para mim.*

E o trabalho fora, na sogra e na cunhada?

*Aí só na minha sogra e na minha cunhada.*

Ah... Nesse período de licença?

*Nesse período de licença.*

E o que você faz na casa delas?

*Eu lavo, passo, cozinho... Faço de tudo, de tudo.*

Nas duas?

*É, nas duas.*

Elas te pagam?

*Me pagam.*

É um trabalho?

*É um trabalho.*

Na sua sogra e na sua cunhada?

*Na minha sogra e na minha cunhada. Na minha cunhada eu vou só uma vez por semana, na minha sogra é que eu vou todo dia.*

Então você não consegue ficar parada?

*Conseguo não. Ainda tenho a minha casa... Eu chego três e meia da manhã...*

Você trabalha em que horário?

*Das três às três [15h às 03h], até chegar em casa, três e meia.*

Você vem de ônibus?

*Venho, até a esquina ali, né? Porque dali eu tenho que vir a pé. Aí eu durmo até nove e pouca e está bom! Eu vou para a dona Guiomar [sua sogra]. Arrumo as coisas, faço o almoço para ela e dali eu já vou para o trabalho. Dá tempo! Pouco tempo, sabe? Porque aí, no caso, já vai ter a minha casa e a dela, a da minha cunhada eu vou ter que largar.*

E o seu marido não reclama de você trabalhar tanto?

*Não adianta reclamar não.*

Por quê? Você não ouve?

*[ela faz que não com a cabeça e depois começa a rir] Para mim quanto mais dinheiro estiver entrando, para mim é melhor. Porque eu acho assim: a mulher tem suas necessidades... Ela quer comprar as coisas dela e ficar pedindo dinheiro ao marido, não dá certo! Eu já falei: quando eu arrumar as coisas do meu jeito, aí eu paro de trabalhar*

*um bocado. Eu quero comprar um armário para mim, sabe? Quero comprar uma bicama para aquele quarto ali; quero trocar meu jogo de sofá... Então quando eu fizer tudo... Quero fazer uma varanda ali atrás... Aí eu paro de trabalhar.*

Clara dá a entender que o marido não a ajuda muito com as despesas da casa. Ele, no entanto, atribui a sua participação no orçamento à ajuda de sua mãe, com os “presentes”, como ele exaltou no primeiro contato que tivemos. O trecho abaixo evidencia a postura submissa de Clara tanto ao marido como à sua família “adotiva”.

Ele (o marido) trabalha, mesmo aposentado?

*Não, trabalha não.*

Vive só da aposentadoria?

*Só da aposentadoria.*

E ele fica em casa?

*Fica em casa.*

O tempo todo?

*O tempo todo.*

E você não se importa?

*Não... Ah, eu nem esquento! Ele estando em casa perto de mim, eu acho melhor, sabe?*

*Ele já foi muito arteiro! Nossa Senhora! Mas não é por causa de mulher não, sabe? Ele gostava de droga, bebia muito... O Édson era das noitada, menina! Você não achava o Édson em casa a noite não. Ele saía na quinta-feira e chegava na segunda! Depois que está comigo, não! Agora ele é outra pessoa. Bebe uma vez por semana...*

Isso foi instituído (entre eles)?

*Não, não.*

Foi disciplina dele mesmo?

*Disciplina dele mesmo. Porque, igual ele falou, ele nunca teve uma companheira mesmo, de verdade. Ele chegava, os outros brigavam com ele e tudo... Eu não! Quando ele está bêbado eu não falo nada, mas, no outro dia, eu falo tudo o que eu tenho de falar. Igual àquele dia [nosso primeiro contato]; ele estava chato... Eu não falei nada. Mas no outro dia eu sentei e falei com ele, até ele entender.*

(...)

Quando foi que você resolveu se casar? Foi sempre uma vontade desde novinha?

*Não, de casar eu nunca tive vontade. Eu tinha vontade de morar junto.*

Mas você sempre teve vontade de ter alguém, um namorado, um companheiro...?

*Não, não tinha. Nada, nada, nada... [risos] Aconteceu num estalo!*

Então, quando você morava com a sua mãe, você não tinha vontade de sair, de ir morar com alguém?

*Tinha. Tinha vontade, mas toda vez que eu arrumava um namorado, ela [a mãe] já ficava com aquele medo, com pavor de que eu ia deixar ela sozinha, sabe?*

É, só tinha você.

*Só tinha eu dentro de casa com ela. Ela ficava com aquele medo de que eu ia casar e ela ficar sozinha dentro de casa [silêncio].*

Aí aquilo te cortava...

*Aquilo me cortava e eu acabava. Aí eu falava: “Ih, gente! Agora não tem jeito mais não!”.*

*Mas você precisava ver o pavor que ela ficava!*

É mesmo? E o que ela te falava?

*Ela falava: “é, agora eu vou te perder mesmo, porque você vai casar e vai embora...”. Eu falava: “Uai, a senhora vai morar comigo. Não importa aonde que seja, a senhora vai morar comigo”. Ela: “Ah, mas não dá certo!”. Eu: “Ah, dá certo sim!”.*

Aí ela te convencia?

*Aí ela me convencia.*

Você conheceu o Edson aqui em Rio Branco?

*Ih! Eu conheço o Édson oh: [ela faz sinal de muito tempo com as mãos]. Nossa Senhora!*

*Há séculos! Tem vinte e dois anos que eu conheço o Édson.*

Então é desde que você morava em Guiricema?

*Nossa! Toda vida.*

E a família dele é daqui de Rio Branco?

*A família dele é daqui. Nós éramos amigos, mas amigos mesmo! Na época ele era casado...*

E até então não tinha nada?

*Não tinha nada. Nada! Nada! Nada! Não tinha! Era só amizade mesmo. Eu contava caso de namorado para ele, ele contava caso da mulher dele para mim... Nós éramos assim.*

E como foi que começou?

[risos] *Ah, minha filha! Essa história nossa foi do nada! Eu vinha da fisioterapia [que fazia na mão no período de licença do trabalho] (...) eu nunca tinha passado por ali [outra rua]; aí eu resolvi passar por ali e ele estava num barzinho. Foi numa quarta-feira, dez de março... Eu não esqueço disso! Aí ele perguntou: “Ô Clara, o que você vai fazer hoje?”. Eu falei: “Nada! Eu vou arranjar um lanche e vou dormir”. Ele disse: “Ah, vamos sair!?”. Eu falei: “Não, porque eu estou sem dinheiro. Ainda não recebi...”. Ele falou comigo: “Ah, vamos sair, boba! Eu também não tenho muito, mas eu tenho dez reais no bolso”. [risos] Aí nós saímos, fomos num barzinho. Aí ele me trouxe em casa e falou comigo: “Você não vai me convidar para entrar não?”. Eu falei: “Não!”. Ele: “Mas eu vou entrar assim mesmo e tomar um cafezinho”. Aí entrou, ficamos conversando da vida... Aí ele veio aqui para o quarto, ligou a televisão e disse: “Ah, tá passando jogo, né? Vou dormir aqui na sua casa hoje!”. E está dormindo até hoje [risos]! Eu conto essa história para os outros, que nós não namoramos [casaram-se direto], e ninguém acredita! [risos] Nós não namoramos!*

Depois do casamento, a amizade que vocês tinham antes se manteve ou mudou um pouco?

*A mesma coisa! A mesma coisa!*

E nos finais de semana, o que vocês fazem para se divertir?

*Às vezes nós vamos para um pesque-pague, às vezes nós vamos para uma pista de motocross... Porque as mesmas coisas que ele gosta eu gosto! Por exemplo: se for para ir para a casa de um amigo, que toca violão, eu vou também; se for para ir num barzinho, eu vou também. Eu vou! Vai, ele toma a cervejinha dele e eu tomo o meu refrigerante...*

E vocês voltam como? De carro, de ônibus...?

*De moto.*

Você dirige?

*Não, ele.*

Mesmo estando bêbado?

*Pode estar bêbado do jeito que tiver, que eu tô agarrada com ele na moto!*

Você não tem medo?

*Não!*

As contradições em torno da questão financeira revelam as oscilações entre a personalidade que Clara tem e a que ela gostaria de ter. Clara disse que trabalha porque “quanto mais dinheiro estiver entrando, melhor”. Disse ainda que precisa de dinheiro para realizar seus projetos com a casa. No entanto, mais à frente, ela diz que “preferiu” ficar só com uma parte da herança porque dinheiro não faz falta para ela. Ela não admite que a divisão foi feita de forma desigual entre ela e os filhos legítimos do casal que a acolheu. Chega até a dizer que os irmãos ficaram com a menor parte.

(...)

Ah! Então os seus pais não te deixaram essa casa, te deixaram o dinheiro?

*É, deixaram o dinheiro. Eu que escolhi aqui no Rio Branco. Eles [as pessoas da cidade] queriam que eu comprasse em Guiricema, mas eu falei que em Guiricema eu não moro!*

Como foi a divisão do dinheiro? Eles deixaram um testamento?

*Não, eles tinham uma casa muito boa no Guiricema. Uma casa que foi vendida por cento e vinte mil [reais].*

Eles tinham terras?

*Tinham terras... Mas eu quis a casa. No caso eu quis uma casa. Porque terra... O quê que eu vou fazer com terra?*

São mais cinco irmãos, não é isso?

*É, são mais quatro; comigo cinco. Aí os outros irmãos tiraram, tipo assim, a parte menor... Todos tiraram terra no valor da casa, que foi trinta mil para cada. Eles ficaram com terras. Terra e boi.*

Ah, então essa casa rendeu trinta mil reais para cada filho, mais as terras?

*É trinta mil mais terra. Mas eu preferi só o dinheiro da casa.*

(...)

Você acha que dinheiro traz felicidade?

*Para mim não! [risos] Não faz falta para a felicidade não. Para mim não!*

(...)

O que te deixa triste?

*Ficar sem dinheiro [risos]. Por exemplo: eu quero comprar uma coisa e não ter dinheiro para comprar. É muito triste, gente!*

O que te deixa alegre?

[grande silêncio] *Tá! Dinheiro me deixa alegre, mas trabalho me deixa alegre, saber que eu tenho alguma coisa para fazer, sabe? Me deixa alegre.*

Durante toda a entrevista, Clara tentou sustentar a personalidade que criou para si. Assim que seus pais morreram, ela deixou não só a cidade, mas as lembranças de seu passado. Em uma nova cidade, com pessoas desconhecidas, Clara pode criar uma nova identidade e viver de acordo com ela. Importa-lhe o convencimento de todos da sua (nova) personalidade e é aí que entra em cena o “eu não quis”: “*eu não quis estudar*”; “*eu não quis me casar*”, “*eu não quis morar em Belo Horizonte*”, “*eu não quis toda a herança*” etc. A impressão que Clara procura causar é a de que ela sempre foi muito importante para a sua família (“*eu era o xodozinho*”, “*meus irmãos tinham ciúmes de mim*”, “*meus irmãos ficaram com a menor parte da herança*”) e não o inverso (“*eu viajava para onde queria e deixava meus pais sozinhos*”, “*fazia o que tinha vontade*” etc.). Clara se incomoda com o fato de as pessoas que a conhecem saberem que as coisas não funcionavam assim.

Você acredita em índole? As pessoas nascem boas ou más?

*Oh! Tem sim, tá? Tem gente que nasce ruim!*

Você acha que as pessoas podem mudar ao longo da vida?

*Olha, é meio difícil mudar, tá?*

O que você acha que pode mudar uma pessoa? Religião? Trabalho?

*Não. Eu acho que é a família.*

Você acha que a família é importante?

*Vou ser sincera: família é importante, mas para mim não.* [silêncio]

Mas você sempre teve família...

*Sempre tive, mas nunca fui muito ligada à família não* [silêncio].

A relação que Clara tem com a família do marido, da qual ela faz questão de afirmar que faz parte, está inscrita na mesma lógica da relação que tinha com os seus pais “adotivos”. Assim como o marido, ela também gosta de contar que a família dele é conhecida na cidade, que tem dinheiro, que seu cunhado é “chefão” etc. É importante para

ela saber que faz parte dessa família, mesmo que submissamente, trabalhando como empregada na casa da sogra e da cunhada. Clara precisa do *status* que o pertencimento a uma família tradicional, com capital social e econômico (como a que lhe acolheu) confere, para suprir não só a sua ausência de estrutura familiar biológica, mas, sobretudo para suprir algo que as pessoas com quem ela conviveu e convive têm e ela não; e que ela atribui demasiado valor: “berço”<sup>19</sup>. Ela apenas transferiu a relação que tinha com a sua família, que lhe conferia identidade e reconhecimento, para o marido e sua família. A sua felicidade hoje é definida em negação ao seu passado. No entanto, nos últimos minutos da entrevista, Clara deixa cair de vez a máscara sob a qual esconde um passado sofrido e de submissão.

Tenta falar para mim como você era aos 6, aos 15 e aos 25 anos de idade. O que mudou? [grande silêncio]. *Ah... minha vida não mudou muito não. Tudo o que eu era, eu sou hoje. Não mudei não.*

O seu jeito não mudou?

*Não, mesma coisa.*

Você se sente realizada?

*Eu me sinto realizada.*

Se sente feliz?

*Feliz. Me sinto feliz...*

Falta alguma coisa para completar essa felicidade?

*Não!*

Teve alguma época em que você não foi feliz?

*Na época em que eu morava lá em Guiricema. [Clara fala agora com muita calma, em tom de desabafo]. Eu tenho trauma do Guiricema! [risos] Não gosto! Tenho pavor de lá! Sabe o que é não gostar de um lugar? Sou eu!*

Então, o tempo em que você morou lá, você não foi feliz?

*Não. Nunca fui feliz.*

Mesmo morando com uma família que te dava carinho?

---

<sup>19</sup> “Berço” aqui é uma categoria nativa, que significa ter uma família reconhecida, tradicional etc. Isso foi evidenciado em várias passagens da entrevista: “eu sou da família Oliveira, é a maior família de Guiricema”; “a minha família é muito conhecida na cidade”; “a família do meu marido tem dinheiro”; “o meu cunhado é chefe no frigorífico” etc.



*Não. Eu não gostava de lá.*

E aqui você se sente bem?

*Aqui eu me sinto bem... Me sinto bem demais aqui! Lá eu não sentia.*

E abriu mão de sair, de ir para uma cidade maior e ficou com eles mesmo não estando feliz?

*Fiquei até eles morrerem, mesmo não estando feliz.*

A quê você atribui isso? Amor, carinho, gratidão?

*Amor, carinho. Eu falei: “eu fico aqui até cumprir tudo aqui!”.*

A sua “missão”, como você disse...

*Minha missão, minha missão. Fico até cumprir minha missão!*

E qual era a sua missão? Cuidar deles?

*Cuidar deles. Agora eu não tenho missão nenhuma lá mais. Agora eu estou vivendo a minha vida! [repete com exaltação] Agora eu estou vivendo a minha vida! Tô tendo a minha vida agora. Agora eu faço o que eu quero! Se eu quiser fazer almoço, eu faço; se eu não quiser, eu não faço! Eu faço as coisas que eu quero na hora que eu quero! É claro que quando eu voltar a trabalhar não vai ser assim, né? Porque lá no frigorífico é tudo muito rápido, você não pode parar um minuto; e o chefe ali, em cima de você.*

Visconde do Rio Branco, 23/01/2007.

### 2.3 - “Eu lutei por isso”

Soube de Alessandro através de Júlia, uma conhecida de minha mãe. Júlia era vizinha da casa onde Alessandro viveu com os pais “adotivos” na cidade de Guiricema. Ela conta que Alessandro foi adotado, não legalmente, por um casal que, devido à idade avançada e os filhos já crescidos e morando em outra cidade, precisava de alguém para lhes fazer companhia e ajudar no serviço. Enquanto os pais “adotivos” eram vivos, Alessandro, apesar de trabalhar muito, era bem tratado. Quando morreram, ele foi morar com o seu “irmão”, um dos filhos do casal, que, nesse ínterim, já havia retornado a Guiricema. Segundo Júlia, esse irmão, vinte anos mais velho do que Alessandro, era muito rude e o maltratava bastante. Além dos maus-tratos, o irmão o proibiu de continuar os estudos e o obrigava a trabalhar de forma quase desumana; não o deixava, sequer, comer. Durante o período em que Alessandro morou com o irmão, aproximadamente cinco anos, ele fazia as refeições na casa dos pais de Júlia. Ela conta ainda que o irmão sabia disso, mas não se opôs: ele dava um tempo de aproximadamente 15 minutos para Alessandro ir até a casa dela comer e voltar ao trabalho. Nos dias em que o irmão estava nervoso, não o deixava ir comer.

Toda essa história que Júlia contou, foi confirmada por Alessandro, mas não em tom de denúncia. Alessandro apenas diz que o trabalho era muito e por isso teve que abandonar os estudos. Em momento algum da entrevista, ele julga o irmão ou se refere a ele com raiva ou ressentimento. *“Ele sempre teve um jeito meio rude... Até quando o pai era vivo, ele já era assim. É o jeito dele...”*.

O primeiro contato que tivemos foi na fábrica onde ele trabalha, uma fábrica de macarrão. Fui sozinha procurá-lo e me apresentei como amiga de Júlia. Foi um contato rápido, pois era meio de expediente. Expliquei que estava fazendo uma pesquisa sobre “laços de família entre pessoas sem qualquer parentesco” e que, segundo Júlia, ele se encaixava nesse perfil. Alessandro me ouviu com muita atenção, sempre concordando com o que eu falava. Sem qualquer objeção, aliás, preocupado com o que fosse mais fácil para mim, marcamos a entrevista para dois dias depois, num sábado à tarde, na casa dele.

Alessandro tem 39 anos (mas aparenta uns dez anos a menos), é negro, tem estatura média e físico bem definido. É casado com Patrícia (ele não mencionou a idade dela; uns 30 anos, talvez) e tem um filho de 1 ano e 8 meses, Alex. A casa onde moram pertence à fábrica em que Alessandro trabalha e fica na periferia da cidade.

Cheguei à sua casa alguns minutos antes do horário combinado, ele e sua esposa ainda não estavam “prontos” para me receber. Patrícia estava terminando de arrumar a casa e Alessandro a ajudava, tomando conta do filho. Apesar de surpresos, me receberam muito bem. Patrícia foi extremamente gentil, parou o que estava fazendo e veio me acomodar. Preocupada em causar boa impressão, pedia que eu “não reparasse” a bagunça, porque ela estava acabando de lavar a cozinha. Alessandro agiu da mesma forma.

Não havia bagunça alguma, estava tudo aseado. É uma casa pequena e simples. Na sala, onde ficamos, havia apenas o sofá. A parede era decorada com imagens religiosas. Na porta do único quarto que há na casa, que dá para a sala, havia uma plaqueta de madeira com o nome do filho grafado. Na outra porta, também saída da sala, ficava a cozinha.

Como cheguei antes da hora, disse a Alessandro que ficasse a vontade para terminar o que estava fazendo, pois eu estava por conta da entrevista. Ele, então, se dispôs a ir tomar um banho rápido, mas Patrícia, em tom imperativo, o interrompeu: “*Não! Por que você vai tomar banho agora e deixar ela esperando se você pode tomar depois?*”. Sem contradizê-la, Alessandro acatou. Como em outras passagens, percebi que Patrícia tem voz mais ativa na casa. É ela quem administra a casa e o dinheiro de Alessandro. Por sua vez, em nenhuma dessas passagens, Alessandro demonstrou qualquer desconforto com a postura “ativa” da esposa. Observei que ele é uma pessoa extremamente calma, paciente e conformada. “*Não sou de falar muito. Sou bem calado. Não gosto de reclamar das coisas... Prefiro ficar ‘na minha’*”. Apesar de se descrever como uma pessoa “fechada”, ele tem vários colegas e é benquisto por todos. No trajeto até a casa dele, para poder me situar, perguntei a várias pessoas se o conheciam e onde ele morava e todas se referiram a ele de forma alegre e amável.

Durante a entrevista, não se excedeu nenhuma vez. Com um tom de voz baixo e muita tranquilidade na fala, respondia as questões atenciosamente, sempre citando o meu nome, o que demonstrou bastante reciprocidade.

Mesmo nas passagens mais delicadas, como quando lhe perguntei se o irmão lhe batia, ele responde de forma terna: *“Olha, Priscila... Não vou poder dizer que não. Batia sim... Como eu já te disse; ele tinha um jeito rude...”*. Não é uma característica dele dramatizar a situação, muito ao contrário; ele ameniza todas as passagens sofridas de sua vida: *“eram tempos difíceis...”*. Nunca sofridos.

Alessandro foi “adotado” quando tinha dois anos de idade. Ele conta que o trabalho do “pai” era “puxado” e ele era o único a ajudá-lo. Ele fala com muita ternura do “pai” e confessa sua admiração por ele.

Por que você foi adotado?

*Olha, no meu modo de pensar, eu creio que a minha família não tinha condições de me criar, então, esse senhor me pegou para criar.*

A família que te pegou para criar tinha uma condição boa?

*É, eles também eram pobres, né? Mas, perto da situação em que eu me encontrava, aquela situação de... humilhação, era melhor eles me pegarem para criar do que eu viver daquele jeito, né?*

E eles tinham que idade?

*A minha mãe tinha 65 anos e o meu pai tinha 70.*

Eles tinham essa idade quando te pegaram?

*É, essa idade.*

(...)

Você ajudava os seus pais?

*Ajudava, ajudava. Ajudava muito. Porque naquela época, o serviço era buscar uma lenha, buscar uma água na mina, porque não tinha COPASA [a agência que fornece água para aquela região]... Então, eu mesmo ficava por conta daquele serviço ali.*

O seu pai tinha 70 anos, né?

*É, ele não tinha mais idade para fazer essas coisas.*

Aí sempre sobrava para você?

*É, sempre sobrava para mim.*

E você se importava?

*Não, de jeito nenhum! Fazia com maior prazer!*

E a sua mãe, você também a ajudava?

*Ajudava, ajudava... Mas era mais o meu pai. O trabalho de homem é mais pesado.*

(...)

O que você fazia nas horas de lazer, nos domingos?

*Olha, Priscila, a gente não tinha muito assim... diversão não. A diversão que a gente tinha era jogar uma bola... Eu sempre gostei. Hoje eu não gosto mais, porque... Não é por causa... Ah! Hoje eu não gosto mais... A idade também... As coisas na vida vão passando. Então a vida era assim, a gente corria atrás de uma bola porque a gente gostava. Mas, no mais, era aquilo ali; do campinho para casa. Era mais a obrigação mesmo, o trabalho.*

(...)

De quem você gostava mais, da sua mãe ou do seu pai? Quem você admirava mais?

*Eu admirava mais o meu pai. Mas a minha mãe também era muito boa. Ela sempre foi muito carinhosa comigo. Sempre me dava apoio quando precisava... Mas é aquela coisa, né? A gente sempre se espelha mais no pai. Eu não sei por quê, mas os filhos têm mais aquele dom, né? Mesmo filho-de-criação, mesmo não sendo filho biológico, a gente se espelha mais no pai. Dá mais carinho... Meu pai sempre andava muito junto comigo. Mas eu nunca deixei de gostar da minha mãe.*

A personalidade de Alessandro se assemelha muito à descrição que ele faz do pai:

*Era um homem muito honesto para tudo, com todos... (...) Ele era calmo. Às vezes um pouco triste... Apesar de que, ele nunca me passava esses momentos de tristeza não. Mas eu reparava que às vezes ele era triste, mas ele nunca me passou qual o motivo da tristeza não, sabe?*

A educação que recebeu também é algo em que se espelha:

*Era uma educação, no meu ponto de vista, uma educação muito boa. Muito boa! Eu acho que a educação que eles me deram é que eu estou tentando passar para o meu filho. (...) O meu pai era muito camarada comigo. Muito camarada! Não era um pai... agressivo*

*não. Ele sempre me ensinou as coisas boas. Ele me ensinava: não podia fazer isso, o que estava errado. Então, aprendi muito assim.*

A mãe de Alessandro faleceu seis anos antes do pai. Nesse período, ele morou com o pai e com o irmão mais velho, que havia retornado para ajudar a cuidar do pai doente. Quando o pai faleceu, Alessandro estava com 15 anos. A morte de seu pai é algo marcante em sua vida. Até seus 15 anos, ele se sentia amado e respeitado. Isso no decorrer da entrevista fica claro que é o seu “bem” maior. Apesar do trabalho pesado, ele estudava e tinha suas, ainda que poucas, horas de lazer. Com a morte do pai, ele passou a morar com o irmão, que já havia se casado e tinha cinco filhos, quatro meninas e um menino. A educação que Alessandro passou a receber na casa do irmão era bem diferente da que estava acostumado; a começar pela escola, que ele teve que abandonar.

Como foi a perda de seus pais?

*É... Foi doloroso. Porque a gente era muito apegado a eles. Então, para mim foi muito difícil sim. Perder principalmente... Porque eu perdi a minha mãe primeiro, né?*

Aí você continuou morando com o seu pai?

*Com meu pai, é.*

E como foi morar sem a sua mãe?

*Foi difícil! Porque... Inclusive, eu estava comentando com a minha esposa outro dia, que eu não gosto de passar lá onde a gente morava, porque eu me emociono... Então eu não gosto. Porque, eu vejo aquela casinha simples lá... mas é onde eu fui criado, onde me deram educação, me deram carinho... Uma casinha simples mesmo, mas é onde eu tinha uma família. Porque se não fosse eles, eu acho que eu nem estaria vivo mais.*

Você é grato pelo o que eles fizeram com você?

*Sou, sou muito grato mesmo.*

E você morou quanto tempo, só você e seu pai, depois que a sua mãe faleceu?

*Morei mais ou menos seis anos. Depois o meu pai faleceu também.*

E nessa época o seu irmão já tinha vindo morar com vocês?

*Já, já tinha.*

Então morava você, seu pai e seu irmão?

É.

E seu irmão ajudava o seu pai assim como você ajudava?

*É... O meu irmão era mais durão. E ele não gostava muito não... Mas ele nunca deixou de ajudar não.*

(...)

Por que você parou de estudar?

*Porque os meus pais faleceram, né? Eu fiquei com meu irmão, de criação, no caso. E... Eu não me sentia bem de ficar estudando... Eu tinha que ajudar ele, porque eu já estava pegando idade... Então ele pensava, no modo dele de pensar, que eu tinha que ajudar ele. Aí eu parei de estudar.*

Ah, você parou de estudar para poder ajudar o seu irmão?

*É, para poder ajudar. Aí eu parei de estudar definitivo, não estudei mais.*

E você sente falta?

*Sinto, porque se eu tivesse estudado, eu não estaria... Eu teria mais chance.*

Quando você parou de estudar para poder ajudar o seu irmão, você fez isso obrigado, contra sua vontade?

*É, eu fiz isso um pouco contra a minha vontade. Porque eu gostava muito de estudar, sabe?*

Você se dava bem na escola?

*Dava, dava bem.*

Você tinha amigos na escola?

*Tinha muitos amigos. Eu toda vida fui assim... Eu nunca fui de confusão.*

Então foi bem difícil para você abandonar a escola, né?

*Foi bem difícil. Bem difícil...*

Você morou com o seu irmão durante quanto tempo?

*Eu fiquei na companhia dele durante cinco anos.*

E você gostava ou tinha vontade de sair, de se casar...?

*É como estava falando, ele era muito duro comigo... Então eu não gostava muito. Porque os meus pais me tratavam diferente, ele era muito durão. Então eu senti isso, do meu pai para ele.*

O tratamento era diferente, né?

*É. Eu senti isso... Ele era durão comigo, assim, mas nunca deixou de me educar também. Da mesma forma quando meus pais morreram, da mesma forma que os pais dele ensinaram para ele, ele me ensinou também. Ele nunca deixou eu ir para o mau caminho. Às vezes quando eu errava, ele me ensinava.*

Percebo que Alessandro fica constrangido em denunciar os maus-tratos sofridos pelo irmão. Na verdade, me pareceu que o que mais lhe incomodava, não eram os maus-tratos físicos, mas os maus-tratos psicológicos; a distância, a frieza e o desprezo que o irmão demonstrava. Ele conta que o tratamento que o irmão dava para os filhos e para a esposa não era o mesmo que dava para ele. Entre eles, não havia agressões físicas e a relação era de família. Alessandro nunca se sentiu em família durante o período em que estive com o irmão. Isso é o que foi decisivo, sem desconsiderar os maus-tratos físicos, para a sua saída de casa.

E ele te batia, Alessandro?

[Alessandro fica em silêncio e hesita um pouco em falar] *Batia sim, Priscila. Isso daí eu não posso negar não.*

E você nunca retrucou?

*Não. Eu chorava... Mas nunca pude revidar. Às vezes eu errava, mas eu achava que aquilo não era motivo para ele me bater do jeito que ele me batia.*

E isso não fez com que você tivesse raiva dele?

*Não, não. Nunca guardei mágoa. Passou, passou mesmo. Nunca guardei mágoa dele não.*

E ele com a mulher dele? Eles brigavam muito?

*De vez em quando. De vez em quando.*

Ele chegava a bater nela também?

*Não, era só discussão de boca mesmo. Nunca chegou a agredir ela não.*

E nas filhas dele?

*Não, também não. Nunca bateu.*

Talvez por serem mulheres?

*É, por ser mulher. A maioria era a mulher, né?*

Ah! Tinha o filho dele também... Nele também nunca bateu?



*Não, também não.*

O negócio dele então era com você?

*Era mais eu.*

E você nunca pensou em sair de casa?

*É, deu um dia em que eu falei com a esposa dele que eu ia sair de casa e não ia voltar mais. Aí ela falava que se eu saísse ele ia buscar... Mas aí, teve um dia em que eu saí mesmo; não teve jeito. Era muito difícil para mim ficar lá. Aí eu saí.*

Alessandro saiu de casa para trabalhar na casa de uma família tradicional na cidade e com uma situação financeira muito boa. Contudo, seu trabalho não era remunerado.

*Não, não me pagavam não. Era mais em troca mesmo... da casa e da comida. Era só para mim não ficar desamparado, né? Ficar perambulando por aí... (...) Para mim, não foi ruim não. Eu tive uma vida, assim, muito boa... Apesar de o serviço ser meio pesado; na época era cortar capim, cortar cana, tratar de gado... O serviço era um pouco puxado, né? Mas eu não tenho nada a reclamar deles não. Eles me tratavam muito bem, muito bem.*

E se você precisasse de algum dinheiro, de roupas...?

*Eles me davam, me davam! De menos, assim, dinheiro... E eles me davam roupa, nunca deixaram me faltar nada... de comida... nada.*

Alessandro ficou com essa família durante quatro anos. Ele conta que resolveu sair porque “já tinha cumprido o seu dever” e “para tentar uma vida melhor”. A família não gostou quando ele resolveu ir embora, mas também não lhe ofereceu melhores condições.

*É... Eu achei que ali, eu já tinha cumprido meu dever. Aí eu pensei assim: “Agora vou sair mesmo, porque...”. Eles ficaram chateados comigo, na época. Porque eles gostavam muito de mim. Como eles diziam: “Ah, não vai... porque não vai dar certo lá na frente”. Eu falei: “Não, eu vou sim”.*

A questão do trabalho não remunerado não é tematizada por Alessandro. Ele é muito grato a essa família e, em momento algum, sentiu-se explorado ou coisa parecida.

Ser tratado bem é algo que ele não conhecia desde a morte do pai. A passagem dolorosa pela casa do irmão fez com que ele valorizasse, ainda mais, o ambiente familiar. Só o fato de ter sido acolhido por essa família já lhe bastava.

Os próximos seis anos, depois da saída da casa dessa família, são definidos por Alessandro como a fase mais difícil de sua vida. Durante dois anos, ele morou em outra região rural da cidade, na casa de uma senhora. Ele conta que essa era uma região onde predominava o cultivo de hortas e ele passou, então, a trabalhar para essa senhora novamente em troca de casa e de comida, e, nas horas de folga, a cultivar sua própria horta. Depois de certo tempo, ele se dedicou apenas à horta e saiu da casa dessa senhora. Passou a dividir uma casa com mais seis rapazes, que tinham o mesmo ofício. Nessa época, Alessandro já namorava Patrícia. Durou pouco tempo o cultivo das hortas. Aos poucos os rapazes com quem morava foram saindo em busca de uma vida melhor. Alessandro, escutando os conselhos de um dos amigos com quem morava, foi tentar a vida em uma cidade maior. Foi para Ubá; uma cidade a 34,2 km de Guiricema, que se destaca pela significativa produção de móveis. Alessandro foi morar na casa do irmão desse amigo e trabalhar como operário em uma fábrica de móveis. Ele lembra que a família que o “acolheu” era receptiva e também lhe tratava muito bem, “*gente muito boa mesmo*”. Alessandro ajudava nas despesas da casa, pois havia conseguido um trabalho fixo e legalizado. Ele fala com orgulho desse trabalho: “*Foi o primeiro emprego que eu trabalhei registrado mesmo!*”.

Depois de me contar essa trajetória, perguntei por que ele considerava esse período como o mais difícil da sua vida, pois perto das condições em que viveu com o irmão e do trabalho pesado não remunerado na casa da família em que morou logo que saiu da casa do irmão, essa fase me pareceu bem mais tranqüila.

*Olha... foi tão difícil... Foi difícil para mim, porque eu pensava em me casar. Então, para mim ficar naquela vida ali, “Ubá - Guiricema, Guiricema – Ubá”, era difícil. Foram três anos indo de Ubá para Guiricema, todo final de semana. Era muito gasto com passagem ficar vindo todo final de semana. Então, para mim isso foi muito difícil. Para mim, essa foi uma das fases mais difíceis que eu passei; porque eu já tinha uma pessoa e queria casar, e esse gasto com passagem atrapalhava eu juntar dinheiro para me casar.*

Alessandro tinha urgência em construir sua família. Apesar de, pela primeira vez, ele ter um trabalho justo, reconhecido e, na opinião dele, bem remunerado; isso não lhe era suficiente. Assim, ele ficou em Ubá por três anos e regressou a Guiricema. Durante os primeiros seis meses, ele morou na casa dos pais de Patrícia e trabalhou como ajudante de pedreiro. Ele tem grande consideração pela família de Patrícia; *“é a minha família hoje, né?”*. Depois o sogro conseguiu um emprego para ele na fábrica de macarrão, onde ele está até hoje. Logo que arrumou o emprego ele se casou e alugou a sua própria casa.

Os primeiros anos do casamento foram marcados pela angústia de não conseguir ter filhos. *“Rezava muito. A gente pedia a Deus que desse o filho que tanto eu queria”*. A urgência de um filho era mais de Alessandro, pois era o que faltava para ele ter a sua família. *“Eu era mais fixado em ter uma criança, né? Um filho. Sempre gostei de criança, sempre gostei muito de criança. Aí eu queria ter o meu”*. Patrícia tinha problemas que a impediam de levar a gestação até o fim. *“É... Ela já teve vários abortos... duas vezes ela já abortou. Com dois meses de gravidez ela abortava. Nós fizemos o tratamento certo, aí deu certo”*. Apesar da dificuldade financeira, Patrícia fez um tratamento de fertilização na cidade vizinha, Visconde do Rio Branco.

Os únicos momentos em que, de certa maneira, Alessandro se exalta é quando fala do filho.

*É... [primeira e única vez que ele sorri na entrevista...] Outro dia estava falando com a Patrícia: ele mesmo é a própria diversão dele [risos]! Ele é explosivo, é uma criança alegre... Para ele, estando com a gente, já é a diversão dele, porque ele não larga a gente para nada, né? Quando tem alguma diversão na praça, a gente leva ele para brincar um pouco... Alguma coisa da idade dele.*

O filho completou a família que Alessandro queria construir. Ele é muito preocupado em dar para o filho as oportunidades que não teve. Para cumprir com esse desejo, ele não pretende ter mais filhos.

E vocês fizeram festa para o aniversário de um ano de seu filho?

*É, básica, né?*

Você acha isso é importante?

*Eu acho. Apesar de que, pela idade, ele não entendia nada, mas... para ele ter uma recordação daquela idade, nós fizemos uma festinha sim.*

Vocês tiraram fotos?

*Tiramos fotos. Com a família, né? Presente ali... É para ele ter uma recordação, dele quando ele tinha um ano. Eu acho isso importante. Coisa que não tive, né?*

Você tenta fazer para seu filho aquilo que você não teve?

*Tento! Tento sim.*

(...)

Você pretende ter mais filhos?

*Não, pretendo não. Olha, Priscila, eu não vou dizer para você que a gente tem uma situação financeira assim... muito... assim, uma situação financeira boa. Então, para que eu colocar mais..., né? E não poder dar uma situação de vida boa. Então, eu acho que um já é o suficiente.*

A família de Alessandro significa para ele a realização não de “um” sonho, mas “do” sonho. Com isso, ele se sente plenamente realizado em todos os sentidos. Faço o comentário que a família é algo muito importante para ele, e ele completa: “*Muito! Eu lutei por isso, né? Eu lutei por isso!*”. A vida de Alessandro, sua identidade e sua dignidade estão atreladas à estrutura familiar, de tal modo que a ausência dessa estrutura implicaria na perda do sentido de sua vida. De uma forma ou de outra, a questão da família está sempre presente; tantos nos momentos tristes como nos alegres.

O que falta na sua vida para você se realizar?

*Apesar de tudo, eu já sou bem realizado. Porque eu já tenho meu rapazinho! Eu acho que não me falta nada, porque tudo que eu queria era ter um filho, e isso eu consegui. Então para mim... Claro que a gente pensa em melhorar a situação financeira, essas coisas todas, eu acho que também ia ser bom, mas se não conseguir mesmo, o que eu tenho para mim já está bem realizado já.*

O que te deixa mais triste?

*Como eu te disse, é lembrar dos meus pais. É um momento que me entristece demais. É lembrar do jeito que os meus pais me criaram.*

Você tem saudade daquele tempo?

*Muita! Tenho muita saudade... Tem que ter, né? Porque se não fosse eles, acho que nem vivo eu estaria hoje.*

E o que te deixa mais alegre?

*A alegria maior é meu filho. É a maior alegria mesmo, meu filho! É na hora que eu estou no trabalho... Que eu chego e ele grita: " Papai! Papai!". Então, isso para mim é a maior alegria que eu tenho, meu filho.*

Na parte final da entrevista, pedi a ele que fizesse uma retrospectiva de sua vida e, em qualquer fase, a questão da família é decisiva. No período em que viveu com os pais, o sentimento familiar era o suficiente para compensar as dificuldades financeiras, o excesso de trabalho e a pouca diversão. Na fase em que morou com o irmão, a ausência desse sentimento lhe machucava mais do que os maus-tratos físicos que recebia. O período de quatro anos em que morou com a família “tradicional e de posses”, também é lembrado com carinho; o que ficou dessa fase é a sensação de fazer parte de um grupo, de ser respeitado (atitudinalmente) e não o trabalho pesado e não remunerado. A fase em que cuidou das hortas e a subsequente, em que morou em Ubá, foram as fases de maior independência, seja financeira, seja pessoal, da vida de Alessandro; no entanto, ele as considera como “*as trajetórias mais difíceis da minha vida porque eu já tinha uma pessoa e queria me casar*”, e a distância lhe impedia de ficar perto dessa pessoa e de juntar dinheiro para realizar seu plano. A fase atual da sua vida é considerada por ele a mais feliz, e isso, mais uma vez, se deve à família.

Como era sua vida quando você tinha 10 anos de idade?

*Aos meus 10 anos de idade, eu ainda estava morando na companhia dos meus pais... Olha, era muito bom! É a fase que eu mais tenho saudade, é a época em que eu morava com eles.*

E quando você tinha 16 anos, como era sua vida?

*Com 16 também, eu tive uma fase boa... Apesar de... eu não estar mais na companhia dos meus pais, também não foi ruim não, mas eu queria estar ali na companhia dos meus pais... mas não foi possível, né?*

E aos 25 anos?

[ele pensa um pouco] *Eu estava aqui em Guiricema... namorando, né? Também foi bom!*

Você acha que você sofreu alguma mudança, alguma transformação pessoal dessas fases para hoje?

*Já.*

E você acha que essa mudança foi devido a quê?

*Foi devido a uma família, né? Devido a uma família que... eu perdi, mas reconstruí outra. Então para mim, isso é o que marca a minha vida.*

Guiricema, 27/01/2007.

## 2.4 - “Eles querem jogar eu fora”

Anita tem 58 anos (embrora sua aparência sugira mais), é negra, “baixinha” e “gordinha”. Ela nunca se casou, viveu a maior parte de sua vida na casa da família onde trabalhava. Há menos de um ano ela passou a morar sozinha. É uma pessoa bastante popular na pequena Guiricema. Todos a descrevem como “o braço direito” de Conceição, sua ex-patroa. Durante trinta e cinco anos ela trabalhou e morou na casa de Conceição; sem remuneração. O primeiro contato que tivemos foi em sua casa através de minha mãe, sua conterrânea. Anita é uma senhora muito alegre e temente a Deus. Há dez anos ela deixou o catolicismo e virou “crente”, como ela mesma diz. Durante o tempo de meia hora em que ficamos em sua casa, conversamos sobre a mudança de sua vida com a saída da casa onde trabalhava e tudo, sem exceção, ela remetia à vontade de Deus.

Marcamos a entrevista para o dia seguinte a esse primeiro encontro, num domingo à tarde. Anita estava sozinha e me recebeu muito bem; chegou até preparar gelatina na noite anterior para me oferecer. A entrevista aconteceu na cozinha e durou duas horas e vinte minutos.

Anita nasceu na zona rural de Guiricema, numa região até hoje economicamente bastante pobre, onde a vida sempre foi difícil, sobretudo naquela época; por volta de 1950. No entanto, as dificuldades não comprometeram as boas lembranças. Ela fala com muito orgulho dos pais, da educação severa de “antigamente” e até do trabalho pesado que lhe roubou a infância. Anita nunca freqüentou a escola, aprendeu a ler sozinha há pouco tempo; ou melhor, “*sozinha não, Deus me ensinou*”. Sua religiosidade é um tanto magicizada; em vários momentos, Deus é “personificado” (vem “pessoalmente” dar recados, incumbências etc). Isso sempre fez parte de seu cotidiano. Apesar da diferença de doutrina, seus pais a criaram em um ambiente místico, de rezas, de novenas, de curas através da benzeção.

A senhora tem quantos irmãos?

*Legítimos somos só nós três [três mulheres], mas por parte de pai eu tenho mais seis irmãos e por parte de mãe mais dois. A mamãe era viúva e o papai era viúvo. Ela já tinha*

*dois filhos do primeiro casamento e ele mais seis. Mas, legítimos mesmo, somos só eu, a Elisa e a Antônia.*

E moravam todos juntos?

*Não, morávamos só meus pais e nós três. Os meus outros irmãos, quando eu nasci, eles já tinham ido embora para fora.*

Quando a senhora morava com a sua família lá na roça, como era sua vida, a sua relação com seus pais, suas irmãs, o seu dia-a-dia?

*O dia-a-dia era na roça, plantando. Eu não tive infância. Ali eu capinava, ajudava plantar, ajudava colher... À medida que eu fui crescendo também foi assim: era cada vez mais serviço. Eu fazia de tudo. Eu trabalhei a minha vida toda, eu e minhas irmãs. Ajudávamos o meu pai na roça e depois a minha mãe em casa. A minha mãe tinha problema de pressão, então ela só fazia a comida, nem levar a comida na roça para a gente ela podia. Então, quando a comida ficava pronta, ela jogava um pano no varal para dar o sinal de que a comida estava pronta. Era tudo combinado, cada dia uma descia para ir pegar a comida. A gente descia e encontrava com a minha mãe na cerca, ela entregava as vasilhas com a comida e agente levava lá para a plantação.*

E o seu pai?

*Meu pai também era trabalhador de roça. Passava o dia inteiro na roça. Fazia forro de casa, de taquara, sabe? Eu ajudei ele muito. Ele tecia de um lado, eu de outro... A gente trabalhava na roça, mas também fazia essas coisas, sabe? Há pouco tempo foram reformar uma casa aqui [em Guiricema], uma casa muito velha, e quando foram ver, o forro era de taquara... e estava perfeito! Foi o meu pai quem fez!*

Como era a relação do seu pai com a sua mãe?

*Era boa, era boa...*

E como era a educação que eles davam para vocês, porque a educação de antigamente era muito diferente, né?

*Ah! Era. Aí era só no olhar! De primeiro era só no olhar! Olhava e a gente já corria, senão apanhava.*

Era esse tipo de educação?

*Era esse tipo. Meu pai batia muito na gente. Vamos supor, se ele estivesse pregando um prego numa cerca, ele falava: “Ô Anita, pega o prego para mim que está em cima da*



*geladeira”. Mas eu olhava e não estava, aí eu chegava para falar com ele que não estava lá, a resposta dele era um “pescoção”! Aí lá um belo dia, a minha mãe respondeu a ele de verdade! Nunca esqueci! Ele falou assim para mim, eu tinha uns dez anos: “Pega os pregos para mim que está em tal lugar”. Aí eu falei: “Ô mãe, ele falou que os pregos estavam lá e não estão... Eu tô com medo de apanhar”. Ela falou assim: “Hoje vai ser diferente! Eu estou aguardando o seu pai: se não tiver no lugar que ele falou, eu que vou levar a resposta para ele”. Aí ela foi lá e viu que não estava. Aí ela foi lá: “Eu vim pra falar com você que não está em nenhum lugar que você falou. Vai lá você e eu quero ver você achar no lugar que você falou!”.*

E ele?

*Aí ele foi lá olhou e não estava. Aí ele falou: “Uai! Mas eu pus aqui!”. Aí a minha mãe falou com ele: “Você fala o lugar errado e ainda bate nelas! De hoje em diante você não põe mais a mão nas meninas”. Eu achei isso certo.*

Você admira a sua mãe?

*Admiro muito! Ela é uma mulher maravilhosa! Não estou me gabando não, mas a única que puxou a mamãe fui eu. Eu pareço muito. Meus irmãos mais velhos chegam aqui e dizem: “Você é a mamãe pura!”. Até na bondade, até nos outros pisar... Os outros pisavam, pisavam nela e ela estava sempre feliz. A mesma coisa é eu: os outros pisa, pisa, pisa, pisa eu estou sempre feliz. Eu puxei isso dela.*

Você acha isso bom?

*Acho bom, é de pessoa boa, coração bom. É... é bom. Todo mundo gostava dela e todo mundo gosta de mim. (...) Oh! Eu só fui registrada em 1970. Até 1970 eu não existia, né? Porque só existe quem é registrado. Eu mesma registrei eu. Papai não registrava filho nenhum. Escola ele nunca deu. Só a mais nova, a Antônia, é que estudou um pouquinho, porque a minha mãe disse que ao menos uma tinha que saber ler.*

Isso partiu da sua mãe?

*Foi, foi da minha mãe. Ela disse: “ao menos uma”. (...) Eu hoje sei ler muito; aprendi com a bíblia; foi Deus que me deu. Eu falava assim com ele: “Ô Senhor, eu queria ler a sua palavra e não sei... Ensina eu!”. Aí todo dia eu lia um pouquinho da bíblia.*

Mas como a senhora aprendeu? Sozinha?

*Não, foi Deus que me deu. Eu pedia a ele todo dia. Eu pegava a bíblia e algumas letras eu já conhecia, só que eu não sabia juntar. Eu falava: “Ô meu Deus, eu queria tanto ler...”. Aí eu ia tentando e as palavras que eu não conseguia eu perguntava aos outros. Todo os dias eu clamava de joelhos nas minhas orações: “eu queria saber ler a Sua palavra”. Às vezes os outros até riam de mim por trás. Mas eu queria saber ler. Só a bíblia, não precisa saber ler outra coisa não, só a bíblia já estava bom. E foi assim: eu lia e depois pedia para a Conceição ler para mim. Eu falava assim: “veja se isso aqui está certo”. Sempre eu pedia para a Conceição, mas ela não gostava não. Ah... ela não gostava!*

E os seus pais eram religiosos?

*A minha mãe era o meu pai não era muito não... Ah, não! Papai também era, porque ele era até rezador!*

Como assim, rezador? Ele benzia?

*É, ele benzia e rezava. Ele era rezador, rezava na casa dos outros, fazia novenas... Os outros pediam para ele rezar.*

Por quê? Ele era “diferente”?

*Ah... ele tinha esse dom! Os outros pediam para ele rezar, para fazer novena... E nós crescemos ali junto, rezando também.*

E qual era a religião dos seus pais?

*Era católica.*

Ah, então a senhora foi educada com a religião católica.

*É, mas já tem dez anos que eu sou crente. Não, tem mais... Só que eu batizei tem oito anos, mas antes de batizar, eu vivi três anos na crença... ia lá nos crentes, assistia culto...*

E qual é a sua religião? A sua Igreja?

*A minha igreja é a Assembléia de Deus. Eu congregava em Rio Branco [Visconde do Rio Branco], não era aqui não. Mas, foi indo, ficou difícil para mim ir para lá, né? Congregar lá. Mas foi bom! Deus começou a mandar os “vasos” daqui trazer o recado para mim (as pessoas mais antigas na igreja nós fala “vaso”, né?) que aqui não era o meu lugar, que eu tinha muito que aprender. E os vasos traziam o recado para mim, sabe?*

Recado de quem?

*De Deus. “Deus manda te falar (porque Deus usa as pessoas, né?) que o lugar onde você está congregando não é o seu lugar. Seu lugar é com os irmãos. Lá eles vão te receber de*

*braços abertos e vão te ensinar muito, você vai aprender muito”. Aqui eu fiquei um ano. Aí eu fui num encontro lá em Teresópolis e na volta eu parei em Rio Branco. Aí o bispo da igreja de Rio Branco virou para mim e falou: “Oh! Deus mandou te falar para você parar de teimar. Você já teimou muito! Seu lugar é aqui, onde você está”. Meu lugar era lá. Aí eu falei: “Ah... quer saber de uma coisa? Eu não vou mais teimar, eu vou!”. Aí eu fui. Eu ia segunda e terça. E assim foi durante quatro anos e meio. Eu congreguei lá, numa igreja grande, de dois andar...*

Aos 22 anos, Anita saiu da zona rural onde nasceu e se mudou para a cidade com a mãe e uma irmã. Passado um ano, ela foi trabalhar e morar na casa de Conceição, onde viveu até os 57 anos. Anita nunca se sentiu uma empregada e sim um membro da família. Ela faz questão de dizer que viu nascer e criou os três filhos de Conceição; *“eu tenho eles como meus filhos”*. Esse sentimento distorceu o caráter de trabalho e supriu a necessidade do salário por parte dela; e, em comodato, por parte dos patrões.

Mudaram todos? A senhora, seus pais, suas irmãs?

*Não, não. Papai já tinha morrido. A minha irmã mais velha já tinha casado. Mudamos eu, minha irmã e a minha mãe. E aí eu comecei a ficar na casa dos outros.*

Como assim?

*Assim, trabalhando e ficando na casa dos outros durante o dia e a noite na casa da minha irmã Antônia. A minha mãe morava com a Antônia, ela tinha casa.*

E a Elisa, a outra irmã?

*A Elisa dormia onde ela trabalhava. Ela não tinha casado ainda. Aí eu passava o dia trabalhando e a noite ia dormir na Antônia. Até que um dia deu uma confusãozinha lá e eu falei: “você quer saber de uma coisa? Eu vou dormir onde eu trabalho...”. Eu não tenho casa... né? Aí eu falei com os meus patrões que estava decidida a voltar para a roça, aí eles falaram: “mas por quê?”. Eu falei: “Ah, porque eu não tenho casa...”. Aí eu fiquei lá um ano e depois saí e vim para a Conceição. E na Conceição eu fiquei minha vida toda, saí agora, tem menos de um ano. Eles eram a minha família mesmo. Eu tinha eles como a minha família, de verdade.*

A senhora ficou então uns trinta anos lá na Conceição?

*Mais de trinta anos! Quando eu fui para lá, o Lucas, o filho mais velho dela não tinha nem nascido. Aí eu trabalhava e tomava conta dele. E foi assim com os outros, Rodrigo e Leonardo, eu vi gerar, vi nascer e criei. Até do netinho deles quando nasceu, era eu quem tomava conta.*

Então a senhora viu todos eles nascerem?

*Vi. Vi eles todos nascer, minha filha. Os dois mais novos eu vi gerar! O Lucas eu não vi gerar; quando eu fui para lá, a Conceição já estava grávida, daí quinze dias depois que eu cheguei, o Lucas nasceu. Mas os outros dois, não. Eu vi gerar, vi crescer nos nove meses, vi nascer e criei. Fui eu que criei!*

Como era a relação de vocês?

*Ah, ela confiava muito em mim! Tudo era por minha conta. Tudo, tudo.*

E a senhora fazia de tudo lá?

*De tudo! Não tinha máquina [de lavar roupas], não tinha tanquinho... Era tudo aqui, oh: na mão! Há pouco tempo ela [Conceição] comprou um tanquinho, aí quebrou bem o galho. Mas antes era tudo na mão. Eu arrumava a casa, fazia o almoço, lavava a roupa; tudo com os três meninos aqui, oh!, grudados! Ainda tinha que fazer muita comida, muito café... por causa dos pedreiros [os patrões têm uma espécie de construtora]. A Conceição dava aula de manhã e à tarde ela ficava na padaria.*

Então eles são uma família que tem posses, né?

*Tem, tem... Aquele hotel ali é deles, a padaria é deles, a pizzaria, aquelas casas ali depois da fábrica são todas deles, aquele prédio aqui na praça é deles, muitas terras na roça... Graças a Deus, eles estão bem!*

Como era o dia-a-dia de vocês?

*Eu vivia bem também. A gente nunca brigava, nunca! Nunca discutimos. Tinha dia que a gente ia para o terreiro brincar de queimada com os meninos... Brincava de um monte de coisas! Era assim... Era uma relação muito boa. Eu sentia mesmo, assim, que era minha família. A casa era minha. Quando eles viajavam a casa era minha; eu ficava muito à vontade. Eu tomava conta do hotel, ia lá na padaria para ver se estava tudo certinho... Eles chegavam e eu dava o dinheiro tudo direitinho. Nunca mexi em nada, nunca!*

O que a senhora fazia quando terminava o seu serviço? Nos finais de semana...?

*Ah, nos finais de semana, quando eu terminava meu serviço, eu trabalhava lá na pizzaria deles.*

Ah, além do seu serviço, você trabalhava na pizzaria?

*Trabalhava. Mas lá eles me pagavam dez reais por final de semana.*

Então você não tinha nenhum divertimento?

*Ah, quando tinha festa eu ia, mas não bebo nada de álcool, nem refrigerante. Só quando tinha algum casamento é que eu bebia refrigerante.*

Como é aquele negócio, que a senhora estava comentando aquele dia com a minha mãe, de que o seu patrão pedia para a senhora assinar documentos para ele?

*Ah, é. Pedia. Ele confiava tanto em mim, porque ele já me conhecia e sabia que eu era uma pessoa do bem, que não mexia em nada, que ele colocava as coisas no meu nome quando ele precisava. Aquele prédio ali na praça ficou no meu nome um bom tempo, mais de cinco anos. Quando ele não precisou mais, ele trouxe os papéis para mim assinar a desistência, tudo direitinho. Eu só falava para ele que eu não queria que aquilo prejudicasse eu na minha aposentadoria, só isso. Fui lá, assinei tudo, sem criar caso. Sempre foi assim. Para depois, até hoje eu não sei por que, ela [Conceição] brigar comigo.*

Eles te pagavam o salário direitinho?

*Não. Eles nunca me pagaram salário. É... As pessoas falavam comigo que eu era muito boba.*

Tudo era por sua conta, a senhora fazia de tudo e não recebia?

*Não, eu não recebia salário. Mas eles me davam dinheiro se eu precisasse. Às vezes me davam cinquenta reais, às vezes sessenta... era assim. Ela falava comigo que não me pagava, mas que se preocupava com a minha aposentadoria. Ela dizia que quando chegasse na época de me aposentar, ela ia pagar o INPS para eu aposentar com uns dois salários, para eu poder comprar meus remédios, pagar um médico direitinho se eu precisasse... Mas ela não pagou.*

E como a senhora fez para aposentar?

*Foi por tempo de serviço.*

Como a senhora fez para comprovar que trabalhou lá trinta anos?

*Porque a carteira ela [Conceição] assinava.*

Mesmo sem a senhora receber?

*Mesmo sem eu receber, na minha carteira tinha salário.*

E a senhora nunca reclamou?

*Não. E nunca pedi ajuda. Nunca pedi dinheiro a ela. Se alguém falar que eu pedi, é mentira. Deus está vendo! Nunca pedi!*

Em que ano a senhora se aposentou?

*Foi em setembro de 2005.*

A senhora era tratada como se fosse da família?

*É, como se eu fosse da família! Era tudo direitinho! Meu quarto era dentro de casa, eu dormia de porta aberta. Ninguém lá trancava a porta... Eles iam passar o natal na praia e me levavam. Não porque eu queria, mas porque eu sabia que a Conceição não ia dar conta sozinha daqueles meninos levados na praia. Eles não obedeciam ela! Aí eu ia para tomar conta deles, fazer o almoço para quando eles voltassem da praia, lavar a roupa deles... Na praia mesmo, eu ia nada... Mas ela [Conceição] falava comigo: “depois eu tomo conta dos meninos para você ir um pouquinho na praia”. Mas eu que não queria; eu já tinha ido com eles, né?*

A senhora se sentava à mesa com eles?

*Não, porque não dava tempo. Quando os meninos eram menores, eu dava a comida para eles enquanto eles [os patrões] almoçavam. Depois, quando eles cresceram, na mesa não me cabia, porque eles eram em cinco. Então eu ficava limpando o fogão para adiantar... Depois eu sentava e comia.*

A senhora era o “braço direito” dela, né dona Anita?

*O braço direito! Tudo aqueles meninos falavam comigo.*

A senhora os tem como filhos?

*Tenho! Como filhos! Todos eles! O Rodrigo é o mais levado deles, sempre foi. Ele me pisa... mas eu tenho ele como meu filho.*

Ele é o mais novo?

*Não, o mais novo formou agora. Acabou de formar e ficou noivo, tem vinte e dois anos. O Rodrigo é o do meio. Ele é casado e tem um filho com três anos já. A moça casou grávida.*

Como a senhora os educava? Por exemplo, a mãe repreende, bate, põe de castigo... A senhora repreendia-os?

*Reprendia.*

Mas a senhora podia bater?

*Não. Isso ela [Conceição] não falava que podia nem que não podia. Mas ralhar, eu ralhava...*

A senhora falou que ele (Rodrigo) te pisa, como assim?

*Me pisa! Assim, ele tomou o filho dele de mim... Ignorância! Era eu quem olhava o filho dele também, desde que nasceu. Aí um dia eu falei assim com a esposa dele: “Eu vou dar um pulinho ali na rodoviária e já volto”. Ela falou: “Tudo bem!”. Mas antes que eu saísse, ele falou: “Não vai não! Você só sai daqui depois das cinco”. Eu falei com ele: “Como é que é?”. E ele repetiu: “Você só vai depois das cinco”. Eu olhei assim para ele, ele olhou assim para mim... Eu olhei para o relógio e fiquei calada.*

A senhora nunca respondeu?

*Não, nunca. Eu olhei pro relógio e fiquei calada. Se eu falasse alguma coisa naquela hora, podia dar briga. Aí eu saí, sabe? Fiquei uns cinco minutos lá fora, voltei e falei: “Oh! Rodrigo, depois nós vamos conversar. Eu quero falar com você, mas depois, tá?”. Aí quando deu cinco horas eu fui até ele e falei: “agora nós vamos conversar”. Ele nem ligou e saiu. Eu falei: “Ô Rodrigo, vem aqui! Nós vamos conversar!”. Mas ele não voltou. Aí no outro dia ele não mandou o menino mais.*

A senhora recebia para tomar conta do menino?

*Não! Eu olhei esse menino porque eu tenho ele como meu neto!*

Hoje Anita descreve o trabalho de anos na casa de Conceição como um trabalho não remunerado e não reconhecido, mas nem sempre foi assim. Na época em que convivia com a família, ela não se via e nem se sentia como uma empregada e sim como uma espécie de “dona de casa” preocupada em zelar pela “sua” família. O início das desavenças com a família começou quando Anita mudou de religião e passou a se dedicar aos compromissos “da Igreja”. A partir daí, Anita tornou-se, de certa forma, mais independente da relação familiar. É visível a influência da doutrina e dos líderes religiosos na condução de sua vida e na mudança de seus valores. No trecho abaixo há uma passagem que mostra claramente o discurso que, incorporado, passou a regê-la.

A família com quem a senhora morava também era crente?

*Não. Não eram não.*

E como eles lidaram com isso? Aceitaram bem?

*Ih... não! Foi difícil! Eles brigavam... Eles falavam: “Ah... deve tá faltando serviço pra você! Fica largando o serviço para ir para a igreja...”. Aí eu falava: “Nada, bobo! Eu já trabalhei muito... Já fiz tudo!”. Eu toda a vida acordei cedo, sabe? Mas nos dias que eu ia para a igreja, eu acordava mais cedo, ia buscar água para fazer o café, arrumava a casa, fazia o almoço, fazia tudo; arrumava a cozinha, tomava um banho e ia [para a igreja na cidade vizinha]. Eles não gostava não. Os meninos falavam: “Ah! Isso é bobeira sua! Aqui tem igreja...”. Eu dizia: “Tem, mas a minha é lá, uai!”. E foi assim quatro anos e meio. Mas quando você começa a ir na igreja, Deus começa a usar os vasos lá; e nisso você pode acreditar: Deus usa as pessoas! Aquele que se pega com ele de verdade, que não teima com ele, que segue todos os mandamentos da igreja direitinho; Deus usa. Deus já me usou para ajudar a curar.*

É mesmo?

*É igual eu estava te falando, Deus usa a gente para dar recado. Um dia ele me chamou para levar um recado para uma moça daqui que estava com câncer. Ele falou comigo até as palavras. Eu falei: “Ué, Senhor? O que o Senhor quer comigo?”.*

Você estava acordada?

*É, acordada. Ele me acordou, eu estava dormindo. Ele falou: “Oh, leva a palavra para a Eva, para aquela lá que está doente. Leva para ela um consolo. Lê para ela o João XIV e canta para ela um cântico”. Eu falei: “Tá, pode deixar! Hoje mesmo, agora mesmo o dia amanhece e eu vou”. Aí levantei, coei café e falei com a Conceição: “Eu vou lá na rua Nova [nome popular da rua] porque Deus falou pra mim ir lá hoje levar essa palavra para a Eva”.*

E ela?

*Ela ficou me olhando... Mas ela não falou nada não. Aí eu estava indo levar a palavra e encontrei no caminho com uma conhecida minha e ela me perguntou: “Onde você lá vai?”. E eu falei: “Na casa da Eva. Deus mandou eu dar um recado para ela”. Aí ela me falou: “Ah, Anita, eu tinha uma vontade de ouvir a palavra de Deus!”. Aí Deus falou: “Sossega!”. E eu fiquei ali conversando com ela, li Mateus para ela... E ela me disse: “Ah! Eu gosto tanto de ouvir a palavra de Deus!”. Aí eu falei: “Por que você não vai [à igreja*



assistir aos cultos]?”. *Ela disse: “Ah, porque meu pai não vai”. Eu falei: “a gente não tem que olhar pai nem mãe”. Porque a bíblia diz: “Aquele que deixar o pai, a mãe e os filhos para poder ir para o meu amor, esse é digno de mim”. Né? Porque Deus fala: aquele que largar pai e mãe para ficar do lado Dele, esse é digno Dele!*

(...)

E assim Anita começou a agir. As obrigações para com “Deus” sobrepuseram as demais. Gradativamente, os interesses da família tornaram-se frívolos. A relação que passou a ter com seus “irmãos de fé” lhe proporcionava sensações de importância, de reconhecimento, de dignidade – exatamente nos moldes do respeito atitudinal postulado por Taylor – ainda mais fortes do que as que a família lhe proporcionava. Nesse sentido, é compreensível a sua saída de casa. O seu sentimento de valor pessoal não estava mais vinculado ao pertencimento à sua família. O elo mais forte que unia Anita à família, a fonte de dignidade, foi desfeito e refeito na relação com a “Igreja”. Anita passou a agir com mais atitude, (apenas) com relação à família. Após a desavença com Conceição, ela saiu de casa espontaneamente e soube se impor e fazer valer a sua vontade. Tudo orientada e amparada pelos seus “irmãos de fé”. Agora mais informada e ciente de seus direitos, Anita exigiu uma das casas dos patrões para morar. Depois de muita resistência e até de ameaças, por parte dela, de levá-los à justiça, os patrões lhe concederam a casa em usufruto vitalício; o que foi suficiente para satisfazê-la.

Então sete meses depois que a senhora se aposentou a Conceição brigou com a senhora?

*É, brigou. E depois que eu aposentei, nunca mais ela me deu nenhum centavo.*

Mas por que ela brigou?

*Isso aí é uma coisa que eu também tinha vontade de saber. Não sei por quê, não sei. No princípio eu ficava frustrada: “Meu Deus, por quê ela brigou comigo?”. Mas depois eu comecei orar. Aí eu falei com Deus: “Me apego a você, Senhor, não quero mais saber não. Tô em paz; em paz com o Senhor! Não quero saber disso mais não”. Né? Eu não sei o motivo e ninguém sabe, porque ela não fala com ninguém. Se ela falasse para alguém, pelo menos a pessoa vinha e falava comigo... Eu terminei de fazer minhas coisas na cozinha e fui para o meu quarto. Aí ela entrou gritando, brigando comigo no quarto. O por quê eu não sei. Nessa hora o marido dela foi para o quarto deles, o Lucas foi para o quarto dele e*

*eu fiquei ali, ouvindo ela brigar comigo. Ela estava gritando! Os vizinhos até ouviram. Eles falaram que escutaram ela gritar. Eu acho que ela não queria que eu aposentasse, porque ela falava assim: “você acha que eu vou te dar alguma coisa depois que você aposentar? Você pensa que eu vou te pagar alguma coisa?”.*

*(...)*

*O pastor, a mulher dele é advogada, ele falou comigo que eu tenho muitos direitos. Mas eu falei: “Ah, deixa pra lá. Eu sei que ela não fez certo, mas eu tenho eles como minha família”. Essa casa aqui é deles. Para eu conseguir morar aqui foi um sacrifício! Eles queriam que eu fosse para um apartamento que eles têm. Aí eu falei: “Não vou não. Não abro mão daquela casa ali, oh! Apontei da janela. Aquela ali é que é a minha casa”. Eles falaram: “Ah! Mas aquela ali está alugada”. Eu falei: “Tem importância não, eu espero. Eu não tô saindo corrida de ninguém. Eu não posso morar debaixo de uma árvore e nem de uma ponte; uma pessoa que trabalhou a vida inteira igual eu”.*

E o marido da Conceição? Qual era a postura dele nessa história?

*Ele ficava do lado dela. Ele chegou ao ponto de mandar o advogado bater no contrato dessa casa que eu não poderia receber ninguém aqui!*

Eles colocaram essa casa no seu nome?

*É, mas só enquanto eu for viva. Eles não queriam. Queriam que eu fosse para o apartamento, mas eu não quis. Eles sabiam que eu tinha direito. Quem mora sozinho, tem que morar onde tem mais gente, é mais fácil. Aqui essa parede é “de meia”, é mais seguro. Eu falei com o Lucas: “Filho, seu pai mais a sua mãe não gostam de mim, eles querem jogar eu fora. Mas eu não abro mão daquela casa”. Ele falou: “Ô, Anita, mas eles querem deixar você morar no apartamento que está vazio”. Eu falei: “Não quero. Eu vou morar sozinha, quero aquela casa”.*

Na verdade você não queria nada para você; queria apenas morar na casa, né?

*É. Eu quero morar na casa enquanto eu estou viva. Depois que eu morrer, eu não preciso de mais nada, né? Eu falei com eles: “Oh! Eu não tô corrida de polícia não. Eu não tô corrida de polícia! A minha casa é aquela lá, oh! (eu apontei). E não abro mão dela. Eu não posso morar debaixo de uma árvore e nem de uma ponte. Eu não vou sair daqui correndo. Se vocês não me deixarem morar naquela casa, aí nós vamos partir para a justiça. Aí nós vamos para a justiça! Não sou eu que vou levar vocês à justiça, são vocês*

*que vão me levar para a justiça. Vocês estão entendendo? São vocês que vão levar eu para a justiça, são vocês”.*

E, enquanto o inquilino se arrumava para sair daqui, você continuou na casa deles? *Continuei. E ia pra onde? Para a casa dos outros? Não, eu tinha os meus direitos.*

E como é que foi esse período? Você trabalhava?

*Trabalhava, trabalhava. Mas eu falei com ela: “Olha, Conceição, eu não tenho raiva de vocês não, mas agora as coisas mudaram. Se chegar algum recado da igreja pedindo para eu ajudar, levar algum ‘recado’, eu vou. Agora eu não tenho mais obrigação com vocês. Eu vou atender ao ‘chamado’”. Ela não gostou muito não, mas ela não podia fazer nada, porque ela não me pagava nada e eu tinha os meus direitos. Eu falei tudo isso com ela! Mas eu continuo orando por eles, não tenho raiva deles não. No princípio eu ficava frustrada, querendo saber por quê ela fez isso comigo, mas raiva eu não tive. Depois eu vi que ela estava fora de si quando fez aquilo comigo. Não era ela não. Ela estava com o demônio no corpo.*

Pensando desse modo, Anita perdoou Conceição e hoje elas mantêm algum contato. Mais por insistência de Anita, pois, como ela mesma contou, Conceição sempre recusa seus pedidos (favores), bem como seus convites (para uma café, um almoço...).

Depois que saiu da casa dos patrões, Anita começou uma nova vida. Passou a trabalhar em dois lugares e a se ocupar mais dedicadamente aos trabalhos da Igreja. Hoje ela se sente independente, realizada e feliz. No entanto, a relação de submissão que tinha com “sua” família apenas foi transferida para a relação com a Igreja. Anita coloca a Igreja e seus mandamentos em primeiro lugar na sua vida. Hoje ela é uma espécie de “faz-tudo” da Igreja; desde a limpeza e organização do templo até o trabalho de missionária. “Tudo o que é seu é de Deus”. Ela conta com orgulho e satisfação que sua casa serve para hospedar os “irmãos” de outras cidades que vêm participar de encontros ou de eventos religiosos. Ela não recebe qualquer ajuda de custo por isso. Além disso, parte de sua renda é destinada à Igreja. Assim como se sentia reconhecida na casa de Conceição, Anita se sente na Igreja. Ela só conseguiu deixar “sua família” porque a relação que têm com seus “irmãos de fé” está inscrita na mesma lógica, ou seja, ela os vê como uma família. Do mesmo modo também como não se sentia explorada ou extorquida na casa de Conceição, ela não se sente no trabalho gratuito prestado à Igreja. A sua dedicação ao trabalho gratuito lhe rende o

reconhecimento dos seus “irmãos” e até da sociedade, que a tem como uma pessoa de “coração bom” e caridosa. “*Todo mundo gosta de mim. É jovem, é adolescente, é criança... todo mundo gosta de mim. Graças a Deus! Não tenho inimizade, sabe?*”. Esse reconhecimento é o que naturaliza e perpetua a sua condição.

Guiricema, 21/01/2007.

## 2.5 - “O que adianta eu ser rico, mas não ter amigo?”

Sebastião tem 44 anos, é branco, tem estatura média e corpo magro. É casado e pai de oito filhas. Ele mora em um bairro limítrofe da zona urbana com a zona rural de Guiricema. Fiquei sabendo de Sebastião através da irmã dele; que conheci por acaso, enquanto estava em busca de outra pessoa. O primeiro contato que tivemos foi apenas para marcarmos a entrevista. Fui até a sua casa e me apresentei. Sem nenhuma objeção, marcamos a entrevista para três dias depois, num domingo à tarde.

Sebastião é muito pobre economicamente. A casa onde mora é extremamente simples, ele mesmo a construiu com materiais ganhados. Moram nessa casa, de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, dez pessoas. Há também um pequeno quintal de terra, onde a família cria porcos e galinha. É um lugar um tanto inóspito: no quintal, ao lado do chiqueiro, há um fogão à lenha onde cozinham; no interior da casa, galinhas soltas pela sala, quarto etc.; tudo muito sujo de poeira e barro, devido ao entra e sai de pessoas e animais. O sustento de todos é garantido pela esposa, que trabalha como empregada doméstica e recebe um salário mínimo por mês. Sebastião é alcoólatra e não possui emprego fixo; trabalha prestando serviço nas redondezas: capinando, plantando, levando e trazendo alguma mercadoria etc.

Ao todo, ele teve nove filhos, mas o seu único “filho homem” morreu queimado antes de completar um ano de idade. Das oito filhas, sete moram com ele. A mais velha, de 23 anos, mora na casa de uma família em outra cidade. A diferença de idade entre elas é pequena; sua filha mais nova tem 7 anos. Uma de suas filhas, de 16 anos, é mãe solteira de uma menina de 3 anos, que também mora na casa. Enquanto crianças, todas freqüentam a escola, mas assim que entram na adolescência abandonam espontaneamente os estudos. Sebastião diz que faz a sua parte, dando conselhos.

O senhor não queria que elas parassem de estudar?

*Não! Mas não quer... Depois vai arrepender, chegar perto de mim e falar: "É pai...". Acharam que o conselho que o pai mais a mãe deram estava errado... Agora é tarde. O conselho nós deu: "Não pára!". Parou... Vai ser ruim para elas! Para mim não, né? Aonde*

*vai arrumar um emprego bom? Para ganhar bem? Com pouco estudo que elas têm, vai ganhar pouco! E se tivesse estudo, ia arrumar um emprego para ganhar mais.*

(...)

O senhor ficou bravo com a sua filha quando ela engravidou?

*A gente não acha bom não, mas vai fazer o quê, né? Pedir a Deus que não acontece mais não, né? Porque é ruim... Já tem uma porção para cuidar e ainda arruma mais... Ainda sem casar! Né? Se arrumasse um casamento, para não ficar nessa daí... né? É porque os outros de fora falam!*

E o senhor fica chateado?

*Uai! Chateado! Aí eu falo com a mãe, né? Que o povo está falando: "Ah lá [olha lá]! O pai mais a mãe deixa fulano ficar em casa arrumando filho...". É ruim ficar enchendo a casa de filho.*

E o senhor aconselha?

*A gente dá conselho, mas elas têm que aprender, né? Tem que panhá juízo, uai! Casa primeiro então, né? Arruma filho e casa! Né? Mas elas têm de compreender, né? Já estão moça, né? Não é possível, ué! Elas têm que entender que o negócio não é igual criação [animal] no pasto não!*

Apesar da vida difícil, Sebastião é muito alegre e, segundo ele, satisfeito. Ele é o típico caipira; desde a fala às vestes e às crenças. Ele morou na “roça” a vida toda; exceto durante dois anos, em que morou em Itu/São Paulo. Nasceu em Visconde do Rio Branco, era o mais novo dos seis filhos de uma família bastante pobre economicamente. Sebastião não se lembra da infância que teve junto à família biológica. Apenas diz que os pais morreram quando ele tinha 4 anos. Depois da morte dos pais, ele conta que ficou desamparado, e passou a viver na rua. Isso não durou muito, pois, ainda aos 4 anos de idade, uma família de Guiricema o acolheu. Era um casal, entre 50, 60 anos, com boa condição financeira. Sebastião conta que esse casal precisava de um menino para fazer companhia para as filhas mais novas, pois os filhos “já estavam todos casados e com o seu terreninho”. Ele fala com orgulho do “posto” que assumiu e lembra com carinho da infância. Sebastião sempre se sentiu parte dessa família e diz que era tratado da mesma forma que as irmãs; como se fosse “filho mesmo”. Apesar do tratamento, segundo ele,

indiferenciado, ele foi o único dos filhos que trabalhou nos serviços da fazenda e também foi o único a abandonar os estudos, sobretudo por causa do trabalho. Quando Sebastião estava com quinze anos, suas irmãs biológicas vieram lhe buscar para morar com elas. Seus pais “adotivos” já haviam morrido quando ele saiu de casa. No entanto, ele retornou pouco tempo depois porque sentiu a ausência do ambiente familiar, que ele coloca como ausência de amigos. Essa saída de casa fez com que seus irmãos “adotivos” não lhe incluíssem na divisão dos bens da família, o que não abalou o seu sentimento de “filho”. Ele conta que todos seus irmãos lhe gostam muito e que mantém contato freqüente.

Então, com quatro anos de idade o senhor perdeu seus pais e foi morar na casa de uma família?

*Isto. Quando me pegaram eu estava na rua. Na rua! Sem nada... Sem ninguém para me olhar, os irmãos mais velhos tudo oh! [“nem aí”]. Eu passava ali em algumas casas e falava: "Ô fulano, me dá um pão para mim comer". Pedia dinheiro para comprar as coisas para mim comer. Não tinha ninguém para me ajudar...*

Quando essa família “adotou” o senhor, foi melhor?

*Foi melhor ué?! Foi melhor! Eu andava tudo sujo, com o calçãozinho todo sujo... pelo meio da rua lá, entendeu?*

E essa família tinha outros filhos?

*Tinha. Ah... tinha acho que oito moças.*

Só tinham filhas?

*Não, tinham três homens também. Mas estavam todos casados e só ficou eu para fazer companhia para elas.*

Então eles queriam um filho para fazer companhia para as filhas?

*Isso. E eu fiquei lá. Vinha para Guiricema no sábado [ao centro da cidade. Ele se refere à região onde morava como se não pertencesse a Guiricema, dada à distância], para trazer elas para dar uma namoradinha... [risos] Eu é quem dava as ordens! Só tinha eu de homem no meio das moças, né?*

E o senhor era tratado como filho?

*Como filho! Como filho!*

Do mesmo jeito que eles tratavam as filhas eles tratavam o senhor?

*Do mesmo jeito, do mesmo jeito.*

O senhor tinha de tudo lá?

*Tinha de tudo! Dormia no mesmo quarto que as meninas. Igual irmão mesmo.*

E o senhor trabalhava lá?

*Trabalhava, trabalhava. Depois que eu panhei idade comecei a trabalhar, eu estudei...*

Até que série o senhor estudou?

*Ah! Eu estudei só até a terceira.*

Por que o senhor parou de estudar?

*Por causa do serviço.*

Do serviço?

*Do serviço. E outra coisa; a minha idéia não é puxada para o estudo a minha idéia é puxada para o instrumento. Portanto, eu tenho um violão. Às vezes chego em algum lugar, aí eles falam para tocar...*

O senhor gosta de música?

*Isso. A idéia é puxada para o instrumento.*

E o senhor gosta de tocar violão?

*Gosto.*

O senhor aprendeu sozinho?

*Não, eu estudei. Eu estudei três meses.*

Depois de grande?

*É, depois de casado! E eu já tinha casado, já tinha trabalhado na fábrica de queijo...*

Enquanto o senhor era criança, era só a escola?

*É, era só escola.*

Aí o senhor não gostava da escola e parou de estudar?

*É, e também por causa do serviço.*

O serviço na roça naquela época era muito?

*Era muito, porque a gente tinha que moer cana, para fazer rapadura...*

Para vender ou para casa?

*Para vender. Tirava para a despesa e para vender. Então era assim: as 3 horas da manhã já estava trabalhando, tocava boi, né? Porque no plantio não usava motor, não tinha luz, né? Era roda de boi para moer cana, colocava os bois para rodar aquilo ali e ficava*



*tocando os bois. Aí depois, dava 6 horas, eu trocava de roupa “de galope” e ia correndo para a escola. Eu já ia cansado... De vez em quando eu dormia na aula. E de noite para fazer o dever? Morrendo de cansado? Como que eu aprendia? Que jeito?*

E o senhor lembra de alguma coisa que aprendeu na escola?

*Lembro, ué! Lembro bastante! Eu já escrevo o meu nome, conta eu sei fazer um pouquinho... Sei fazer bastante conta. Lembro, ué! Lembro bastante coisa.*

O senhor tinha vontade de voltar a estudar?

*Ah, já passou tempo. Não compensa mais...*

O senhor acha que o estudo faz falta?

*Ah, boba! Com a idade que eu já estou... Não faz não. Não faz falta mais. Faz falta para essas moças aí [ele aponta para as filhas]; estavam estudando o ginásio e parou.*

Se o senhor tivesse mais estudo, o senhor teria um trabalho melhor?

*Teria um trabalho melhor e outra; não estava aqui... né? Não estava aqui na roça.*

O senhor não gosta de morar aqui na roça?

*Gosto, uai! Tô dizendo assim: se tivesse um estudo melhor, eu não estava morando aqui na roça, estava morando na rua [zona urbana]. Estava na rua, tinha uma casa na rua... Tá bom; nós tem luz, nós tem conforto aqui, mas...*

(...)

E os seus irmãos de criação estudaram?

*Estudaram.*

Só o senhor parou por causa do serviço?

*É, mas não era tanto por causa do serviço, a idéia minha era puxada mais para o instrumento.*

E as suas irmãs continuaram os estudos?

*Elas continuaram.*

E o senhor se importava de trabalhar?

*Não! De jeito nenhum! O que é isso? De jeito nenhum, ué!*

O senhor gostava?

*Gostava.*

O senhor é grato a eles?

*É, ué! Eles gostavam de mim...*

E aí o senhor não se importava?

*Não. Trabalhava, mas vinha à rua todos os sábados com as meninas... A gente vinha a pé!  
Vinha a pé a turma...*

Vocês moravam na zona rural?

*É, na roça. A gente vinha a pé! Ih! Era bom demais! [risos]*

O senhor era feliz naquela época?

*Feliz! Feliz, ué!*

Como era esse casal que te pegou para criar?

*Uai! Mesma coisa como se fosse filho deles. Me dava remédio, se precisasse... Me colocaram na escola...*

Eles eram nervosos, calmos...?

*Não, era carinhosos.*

E entre eles? Eles se davam bem?

*Davam bem! Já eram velhos, uai!*

Eles tinham o quê? Cinquenta, sessenta anos?

*É, por aí mesmo.*

Eles eram religiosos?

*Eram, eram religiosos.*

E eles passaram isso para senhor?

*Tinha reza todo domingo na rua e eu ia com as moças. Eles me colocavam na charrete domingo de manhã e a gente ia. Todo domingo. Não faltava um! Só se estivesse chovendo muito.*

O senhor gostava de ir ou ia por que era obrigado?

*Não, eu gostava, uai! Eu gostava! A gente arrumava a charrete e ia...*

Quando vocês iam à missa na cidade, vocês iam só para a igreja ou iam passear também?

*Não, ia passear também. Dar uma volta no jardim... Elas gostavam de passear no jardim, dar uma namoradinha...*

O senhor era mais velho ou mais novo do que elas?

*Mais novo.*

E o senhor também gostava de ir para a cidade dar uma namoradinha?

*[risos] Não tinha, né? Era novo... Ainda não tinha, só elas.*

O senhor ficava tomando conta delas?

*Isso, tomando conta.*

A mãe brigava se elas te desobedecessem?

*Brigava.*

Ela batia nelas?

*Não, bater não.*

E no senhor, se o senhor fizesse alguma coisa errada, eles te batiam?

*Não, davam conselhos, né? “Não pode fazer isso, tá errado...”.*

E os irmãos que moravam fora, eles vinham visitar vocês?

*Vinham algum domingo, né? Já eram casados... Eles já tinham o terreninho deles, cuidava das criações deles... Então, não vinham direto.*

E o senhor se dava bem com eles?

*Às vezes eu encontro com eles na rua: “Vamos embora para minha casa!”. Eu falo: “Não posso!”.*

Então eles gostam do senhor?

*Gostam. Eles falam: “Vamos passear lá em casa? Fica lá, depois eu trago você”.*

Então, o senhor se dá bem com a família toda?

*Claro!*

Essa família tinha boa condição financeira?

*Tinham, ué! Tinham boa condição.*

Era uma família conhecida aqui em Guiricema?

*É, é conhecida. Eles tinham fazenda. Era fazenda mesmo! Eles eram fazendeiros! Tinham dinheiro.*

Eles são vivos ainda?

*Não, já morreram.*

E eles deixaram alguma coisa para senhor?

*Não deixou porque... Igual eles [os irmãos] falou comigo: “Pois é, se você não tivesse saído de casa (porque com 15 anos eu saí de casa e foi morar em São Paulo), eles tinham passado um pedaço de terra para o seu nome”. Eles iam passar um pedaço de terra para o meu nome, mas eu saí... Fui dar um passeio... Aí eu perdi esse direito.*

Quando seus pais de criação morreram, o senhor estava fazendo o quê? Estava morando, trabalhando etc., onde?

*Não, quando eles morreram, eu morava lá com eles.*

Ah! Então o senhor foi para São Paulo depois que eles morreram?

*Isso, depois que eles morreram.*

Mas o senhor ficou só dois anos em São Paulo, né?

*Só dois anos.*

E não gostou?

*Ah, não! Não gostei!*

Por quê?

*Ah... Não tinha amigos. Lá não tem amigo... Lá a gente quer passear, mas na casa de quem? Entendeu? A gente vai numa pessoa que a gente não conhece?*

E o que o senhor fazia lá? O senhor trabalhava?

*Trabalhava! Trabalhava na fábrica de móveis.*

Todo o seu valor pessoal, sua auto-estima, provém da sensação de fazer parte de um grupo e de ser reconhecido, respeitado (atitudinalmente) por ele. Depois que Sebastião voltou de São Paulo, ele passou a morar e trabalhar em outra fazenda. Nesta fazenda ele era remunerado pelo trabalho, mas também se sentia “como da família” porque morava na casa, junto à família do patrão. Apenas depois que se casou e passou a morar separado, em uma casa na mesma fazenda, é que Sebastião se classifica como “empregado”.

E aí, quando senhor voltou, o senhor morou onde?

*Morei em uma outra fazenda. Aí eu trabalhava no curral e cortava cana para a usina.*

Eles te davam casa, comida...?

*Davam. Eu morava dentro de casa! Morava dentro da fazenda e trabalhava no curral e cortava cana.*

O senhor recebia?

*Toda semana! Pagavam direitinho! Era comida, cama, roupa, morava dentro de casa...*

O senhor ficou trabalhando nessa fazenda por quanto tempo, depois que o senhor voltou de São Paulo?

*Ah... Uns cinco anos.*

O senhor era solteiro naquela época?

*Era solteiro.*

Aí não deu certo, passou cinco anos e o senhor resolveu sair?

*Não, eu casei, uai!*

Aí senhor saiu de lá?

*Não, eu continuei morando lá. Só que eu saí de dentro de casa e fui morar em casa de empregado. Passei a ser empregado.*

Passou a ser empregado?

*“Aham”! Passei a ser empregado.*

E o senhor morou lá com a sua mulher por mais quanto tempo?

*Ah... Por mais uns três anos.*

E ela gostava de morar lá?

*Gostava.*

Como é que o senhor conheceu a sua esposa?

*A gente já morava lá, era vizinho. Moravam tudo no mesmo terreno. Era tudo da mesma fazenda. Aí a gente se conheceu.*

Depois dessa fazenda, Sebastião mudou-se com sua esposa e seus filhos para a zona urbana e começou a trabalhar em uma fábrica de queijo. Esse foi o seu único trabalho regularizado. Ele conta com orgulho sua função na fábrica e o reconhecimento dos colegas de trabalho, no entanto, pediu para sair da fábrica porque “enjoou” do serviço. Depois disso, retornou para a zona rural, mas em outra região, e se diz realizado trabalhando na roça.

Depois que vocês saíram de lá, vocês foram para onde?

*Vimos para a rua [zona urbana]. Trabalhava na fábrica de queijo.*

Era bom o serviço lá?

*Era um sufoco, menina! Eu vou falar para você, menina: tinha hora que a gente estava suadinho e tinha que sair de cá para ir lá pegar cinco formas de queijo, lá dentro da câmara fria... Suado! Era a mesma coisa de entrar dentro de uma geladeira!*

Era difícil, então, o trabalho?

*Difícil! Difícil...*

Eles pagavam o senhor? O senhor tinha carteira assinada... tudo?

*Pagavam salário... Tinha carteira assinada.*

O senhor ficou nessa fábrica quanto tempo?

*Oito anos.*

Gostava de trabalhar lá?

*Gostava. Só que vai indo, enjoa... né?*

O senhor saiu porque quis ou eles te mandaram embora?

*Eu saí porque quis.*

E como era o seu trabalho lá? As pessoas valorizavam o seu trabalho?

*Valorizava. Eu trabalhava na fabricação... Eu trabalhava lá dentro, direto mesmo, na fabricação de queijo!*

As pessoas de lá tratavam o senhor bem?

*Bem.*

O senhor se dava bem com todo mundo, era amigo dos funcionários?

*Era, uai! Amigos mesmo, todo mundo conhecido do Guiricema.*

Quando o senhor saiu de lá, o senhor foi fazer o quê?

*Fui para roça.*

Voltou para roça?

*Voltei.*

O senhor e a sua mulher?

*Eu e a minha mulher.*

O senhor tinha quantos filhos naquela época?

*Duas.*

O senhor voltou para roça e ficou trabalhando na casa dos outros?

*É, particular. Trabalhava para um, trabalha para outro... Igual eu estou aqui.*

Trabalhava como?

*Batendo pasto, plantando milho, esgotando brejo... Fazia de tudo.*

O senhor gosta de trabalhar?

*Gosto, ué!*

O senhor acha que o trabalho é importante?

*É importante, ué?! Olha aí, isso é serviço meu!* [ele aponta para o chão da casa e me mostra o piso que ele colocou. São pedaços de cerâmica de demolição que ele ganhou]. *É serviço meu!*

O senhor trabalha como pedreiro também?

*Trabalho, ué?! [risos com orgulho].*

Sabe fazer de tudo?

*De tudo!*

Então o trabalho é importante?

*Né? É importante!*

Se o senhor tivesse muito dinheiro, o senhor ainda trabalharia?

*Trabalhava, claro! Trabalhava! A gente já vem desde pequeno; pode ter muito dinheiro, pode não ter... Já está acostumado. Desde pequeno! Era 3 horas da manhã eu já estava lá; atrás de boi.*

Por que tem tanta gente desempregada?

*Uai! Porque faz o serviço errado e aí mandam embora.*

O senhor acha que tem muita gente que não gosta de trabalhar?

*Não, gosta... O problema é que o cara enjoa do serviço, aí, para mandar embora, faz um servicinho errado lá para o patrão mandar embora... Já tá com vontade de sair, para não pedir, porque recebe menos, aí faz errado. O patrão manda embora e recebe mais. Só isso.*

Sebastião se sente feliz com o que tem. Amigos e família são o que lhe basta. Sua vida é definida mediante essas duas esferas (social e familiar). Todos os acontecimentos felizes ou tristes; seu reconhecimento de valor pessoal, sua dignidade, e até sua identidade estão relacionados a elas. Sebastião se sente realizado e diz que não gosta de reclamar da vida. Nem mesmo a perda de seu filho é reclamada. Ele tem incorporado valores religiosos que lhe impedem de contestar; tudo é visto como “vontade de Deus”. Além disso, possui uma religiosidade prática, de causas e efeitos, que guia o seu cotidiano.

O senhor acha que o dinheiro traz felicidade?

[ele fica pensativo] *Bom... A gente não faz nada sem dinheiro. Mas é o tal negócio: o que manda mais, não é o dinheiro, mais é a amizade. Se você não tem amizade com ninguém, o que adianta ter dinheiro?*

Então não adianta ser rico e não ter amigos?

*Não é? O que adianta eu ser rico, mas não ter amigo? E na hora que eu precisar? Vou chamar quem? O dinheiro só, vai me valer? Aí que tá! Eu sou rico, eu lá vou daqui para São Paulo no meu carro, aí fura o pneu antes de eu chegar em Rio Branco, eu vou fazer o quê? Eu não tenho amizade com ninguém! O que eu vou fazer? Eu preciso de uma pessoa para me socorrer aqui agora, eu pago, mas, e daí? Onde é que eu vou achar? E aí?*

Então uma pessoa muito pobre, sem dinheiro para nada, se tiver amigos é feliz?

*É feliz! Amizade manda mais do que o dinheiro. Dinheiro faz falta, mas amizade faz mais ainda. A gente não tem o dinheiro, mas tem um amigo ali da frente que, se precisou: "Ô fulano, eu tô apertado...". E pronto! Ganhou! Né? E se não tiver amizade: "Ô fulano...", "Eu não te conheço não!". Né? E aí?*

Então o senhor procura ser amigo de todo mundo?

*Uai! É claro, ué! A gente tá apertado, não tem dinheiro, mas precisou... Se eu precisar de ir a Ubá, mas não tenho carro, eu chego: "Ô fulano, dá para fazer isso para mim?", "Ah, dá! Que horas? Agora? Quer que leva agora? Então entra no carro que eu te levo lá!". Aí! Né?*

O senhor tem muitos amigos?

*Tenho, bastante.*

O senhor é feliz por ter muitos amigos?

*Sou, ué! Seu não tivesse amigo, o que eu fazia? Dia de domingo, eu ia passear aonde? Ficar andando no caminho: vou ali, volto aqui... Tá doido?*

O que falta na sua vida para o senhor ser mais feliz?

*Ah... A gente pede a Deus a vida, saúde, né? Força para trabalhar...*

E o pessoal te dá muito (frequente) trabalho?

*Dá, dá. Tem serviço aí... Plantar, buscar um frango, limpeza... É assim.*

O senhor acha que falta alguma coisa na sua vida?

*Não.*

O senhor queria ter mais coisas?



*Não, o que eu já tenho está bom.*

O senhor reclama muito da vida?

*Eu não! Não adianta... Pra quê? Eu reclamando ou não reclamando, a vida hoje em dia está difícil para todo mundo. Já falo de uma vez, porque tá mesmo! Então, o que adianta ficar reclamando, porque você também já vai falar: "É tá difícil mesmo...". E aí? Né? Não adianta!*

Então o senhor conversa só sobre coisas alegres com seus amigos?

*Alegres, ué! Alegres... Pra quê conversar aborrecido? Aborrecido de quê? Eu vou chegar na casa dos amigos e já vou falar que estou aborrecido para aborrecer eles? Eu não! Porque às vezes eles não gostam, pra quê eu vou... Né? (...) Eu passo a mão no violão e vou para os amigos para tocar.*

As pessoas gostam de ouvir o senhor tocar?

*Gosta, uai! Meus amigos também sabe tocar...*

O senhor é muito alegre, né?

*Né? Eu tô vendo que cê tá gostando de conversar comigo!*

O senhor procura ficar alegre todos os dias?

*Todo dia! Eu canto no trabalho, brinco... Dou uns gritos! [risos] O dia passa, cê nem vê!*

Está tudo bom?

*Tá, tudo bom [risos]!*

O senhor agradece a Deus por isso?

*Agradeço, ué! Oh! Se não!*

O senhor agradece ou pede mais a Deus?

*Agradeço minha vida, minha saúde... Eu tendo saúde... A coisa melhor que eu tenho é a saúde. Tendo saúde, tá bom de mais da conta!*

O que deixa o senhor feliz?

*[silêncio] Ah, minha filha, eu sou feliz com tudo! [risos]*

E o que te deixa triste?

*Eu fico triste se tiver alguém da minha família doente. Aí eu fico triste! Se tiver algum filho doente, aí não fico alegre.*

O senhor só teve filhas?

*Não, tive um homem, mas Deus levou, né?*

Já faleceu?

*Já morreu.*

E ele morreu de quê?

*Queimado.*

Queimado?

*É... Estava faltando um mês para ele fazer um aninho, aí a mulher estava fazendo comida no fogão e ele pegou e pôs a mão no cabo da panela de pressão com a panela destampada. Ele bateu a mão no cabo da panela e ela virou em cima dele. Virou em cima dele, na cabeça! Eu fui tirando a roupinha e foi saindo a pele com tudo [silêncio]... Ele ficou quatro dias e quatro noites no hospital no balão de oxigênio e tudo... E não chorou não, tá?!*

E aí o seu filho não resistiu?

*Não teve jeito, né? Você ia tirando a roupinha e ia saindo pele com tudo... E não chorou não!*

Ele era o seu filho mais novo?

*Não, ele era o terceiro.*

E como foi para superar a perda deste filho? Foi difícil?

*Bom... Foi difícil, mas conforme a vida da gente, a gente é obrigado a conformar, né? Porque tinha mais para olhar... A gente perder a cabeça, não pode, né? Deus tirou... Tem que conformar com o que Deus faz, né?*

E a sua esposa? Também pensava assim?

*Eu falei com ela: "Não pode esquentar a cabeça não, porque Deus tirou... Vai fazer o quê?".*

Foi Deus quem quis?

*Deus que quis! Vamos supor, vou dar um conselho para você: se acontecesse isso com ele depois de grande? Ia ser pior, não ia?*

Aí a sua esposa se conformou?

*Uai! Tinha que conformar. Tinha mais outros para olhar...*

Vocês são religiosos?

*Nós somos.*

Qual é a sua religião?

*Católica, ué!?*

O que o senhor acha que acontece quando a gente morre?

*Aí eu não sei!*

O senhor acredita que existe céu e inferno?

*Bom... Muitos falam, né? Céu existe, agora, inferno... eu não sei não.*

O senhor acha que uma pessoa que fez o bem a vida toda vai para o céu?

*Bom... Pode até ir para o céu, né? Se não faz mal a ninguém, reza direitinho, não está roubando de ninguém, não está fazendo covardia com ninguém, é católico...*

O senhor acha que uma vida de sofrimento é sinal de que a pessoa vai ser salva?

*Ah, isso aí é, né? É mais certo, né?*

O senhor acha que a religião católica é melhor do que as outras?

*É melhor, né?*

O senhor acredita em simpatia?

*Acredito sim.*

E em macumba?

*Ah! Isso aí pega! Isso aí pega! Não precisa pensar que não pega não, porque pega!*

O senhor tem medo?

*A pessoa não pode abusar, né? Não pode abusar... É igual a benção. É boa! A pessoa acreditando, vale. Se não acreditar, não vale. Benção é bom, né?*

O senhor gosta de se benzer?

*Eu gosto, uai! Mas é aquele negócio: a pessoa tem que acreditar, se não acreditar num vale. Não precisa nem pedir! Se você está com dor de cabeça e pede a fulano para benzer a sua cabeça, se não acreditar, não vale. Se você panha maloiado [mal olhado], já sabe: maloiado dá dor de cabeça! Cê manda benzer lá, se não acreditou...*

Por que as pessoas colocam mal olhado nas outras?

*Inveja, uai! É, uai!*

O senhor acha que tem muito disso?

*Ah, tem, uai! Tem!*

Já colocaram mal olhado no senhor?

*Já, ué! Mas eu benzi direitinho... Fiz tudo direitinho e pronto!*

O senhor já sofreu algum preconceito?

*Já, ué! Já.*

Como foi isso?

*Muitos abusos...*

Abusos no trabalho?

*É, no trabalho... Tem outra; é que eu gosto de tomar um golinho... Aí a gente passa e alguns falam assim: "Lá vai o pinguço!". Ou às vezes pensam; quer dizer, tá abusando. Às vezes a gente tem o dinheiro para tomar uma cervejinha, mas mesmo assim eles dizem: "Lá vai...". E isso chateia. Quer dizer que eles não bebem, mas bebem mais do que a gente, entendeu?*

E o senhor gosta de beber todo dia?

*Não, todo dia não.*

E a sua mulher, ela não liga do senhor beber?

*Ela não acha bom não. Mas isso mulher de ninguém! Já falo de uma vez! Mulher nenhuma gosta que o marido bebe não. Não é que ele gosta, né? É o vício. É vício...*

E quando o senhor começou a ficar viciado em bebida?

*Ah, desde os 10 anos. Eu bebo desde os 10 anos.*

É mesmo? Então desde quando o senhor morava com seus pais de criação o senhor já bebia?

*Ah, já!*

Eles não se importavam?

*Não... Sempre tinha um da família que também gostava de um gole. Então... Fácil, deixava para lá! E também não tô mexendo com ninguém, nem nada... Deixa divertir.*

Hoje o senhor bebe quando vai para festa, tocar violão...?

*Algum domingo... No meio dos amigos.*

Guiricema, 28/01/2007.

## 2.6 - “O inferno é aqui”

Maria e Joana são irmãs, moram e trabalham na casa de Vera há setenta anos. Vera tem 70 anos, é viúva, tem três filhos e três netos. Maria tem 82 anos e Joana 80. Quando perguntei a idade delas, nenhuma das três soube me responder de imediato. Vera me perguntou se eu queria que pegassem os documentos delas, mas Maria, depois de pensar um pouco, lembrou. Maria foi morar com a família de Vera aos 11 anos de idade e Joana aos 9. Vera tem formação em pedagogia e em psicologia e sempre teve boa condição financeira. É de uma família rica e tradicional na cidade de Viçosa. Seus pais eram ambos “*farmacêuticos formados*” e possuíam farmácias na região. Além das farmácias, seus pais possuíam fazendas nas cidades vizinhas, inclusive em São Miguel do Anta, cidade natal de Maria e Joana.

Fiquei sabendo de Maria e Joana através de uma tia, que é amiga da nora de Vera. Depois fiquei sabendo que a minha mãe tivera alguns contatos profissionais com Vera, o que facilitou a minha aproximação. O primeiro contato que tivemos foi por telefone. Para conseguir falar sobre a pesquisa, primeiramente, tive de dar minhas “referências”: de quem era filha, sobrinha etc. Disse que estava estudando “laços de família entre pessoas sem parentesco” e que minha tia comentou que ela morava há vários anos com duas senhoras que não eram da família, mas que eram tratadas como se fossem. Diante disso, Vera foi muito receptiva e não colocou nenhum obstáculo à entrevista. Pedi a ela que perguntasse às irmãs, Maria e Joana, se elas estavam dispostas a me conceder a entrevista, mas, prontamente, Vera disse que não precisava: “*Pode vir sim, elas respondem. Você vai ver; elas são dóceis*”. Já nesse breve contato foi possível perceber o tipo de relação que existe entre elas. Na verdade, a informação que obtive de minha tia é a de que a relação delas não tem nada de familiar; pelo contrário, as duas irmãs sempre foram tratadas como “empregadas” e dormiam no porão da casa onde Vera morava. “*Acho que ela [Vera] não tem noção de como ela escravizou aquelas duas...*”, disse minha tia. Acho mesmo que a palavra é essa: escravidão. A “romantização” dessa relação de dependência e exploração que fiz no contato com Vera para conseguir a entrevista é a mesma que ela fez durante toda a entrevista.

Vera: *Você sabe quantos anos eu tenho? Eu tenho setenta anos! Quando eu fiz um ano, a Maria foi lá para casa. A mãe delas era muito amiga da mamãe, moravam na fazenda do vovô. Depois o pai delas adoeceu, morreu, e aí mandaram mais duas, a Joana e a Aparecida, mas a Aparecida não quis ficar... A Joana ficou lá em casa. Foi uma bênção de Deus!*

Cheguei para a entrevista no horário combinado, mas Vera ainda não estava pronta para me receber. Devido a alguns contratemplos, “*não deu tempo de me arrumar, de passar um batom, de colocar outro vestido... Este que estou é muito velho para te receber*”, lamentou-se durante toda a entrevista. As pessoas com quem conversei a respeito de Vera a descreveram como a típica “perua”: sempre maqueada e de cabelos louros e escovados, carregada de brincos, colares e anéis e só usa roupas feitas sob medida. Ela mora em uma bela casa, situada no bairro mais nobre da cidade. Apesar dos “contratemplos”, fui muito bem recebida. Vera pediu que eu aguardasse na sala de estar enquanto ia até a cozinha chamar as duas irmãs. Ela retornou sozinha e disse que aguardasse mais um pouco. Enquanto esperávamos, ela quis saber mais sobre a pesquisa. Percebi certa preocupação quanto aos meus interesses, o que fez com que ela se esforçasse para me convencer do “enorme carinho” que tem pelas duas irmãs e da relação “de família” que têm. Vera é uma pessoa calma, fala baixo e pausadamente, e se comunica muito bem. Disse a ela que precisava ficar a sós com as duas, mas ela, de forma persuasiva, negou: “*Nossa! Elas estão morrendo de medo de você! Quando eu disse a elas que ia vir uma moça entrevistá-las, a Maria me disse: “Ai! Não me deixa sozinha com ela não, Vera!”*. *É melhor eu ficar junto na entrevista porque elas não vão saber te falar direito; uma delas está meio doida*”. A tranquilidade com que fala, dissimula o seu autoritarismo. Não insisti com receio de perder a entrevista. Dada à sua apreensão, em várias passagens, Vera tenta me convencer de que sente mais carinho por Maria e Joana do que pelos seus próprios filhos.

Vera: (...) *Igual eu estava falando com a Maria, que a gente tem que ir ao banco para abrir uma conta conjunta para a gente; tanto da minha parte para elas como da parte delas para*

*mim. Porque eu não vou deixar as minhas confidências com os meus filhos. Eu vou deixar com ela e com a Joana. (...)*

Vera dá um exemplo da postura “firme” que tem com seus filhos, o que, segundo ela, não se estende às duas irmãs. Essa passagem, como outras, mostra como Vera legitima seu poder de mando e ainda ressalta sua benevolência, que a impede de guardar rancor. O assunto começou porque ela estava contando que aquele dia estava muito tumultuado em sua casa, pois o seu cachorro de estimação tinha acabado de passar por uma cirurgia e todos estavam muito preocupados com o pós-operatório:

*Vera: O meu filho Bebeto tá morando aqui comigo. Ele é professor de educação física e está separado da mulher... E ele é muito apegado ao cachorro, sabe? Hoje de manhã, ele me respondeu mal, gritou comigo. Ele está muito nervoso por causa do cachorro... Mas aí eu disse a ele: “Escuta aqui! Você mora dentro da minha casa, come a minha comida; então, você não fala desse jeito comigo!”. Aí, mais tarde, quando eu estava tomando banho, ele bateu na porta do banheiro e me pediu desculpa. Aqui em casa é sempre assim, não fica mal-entendidos, ninguém fica com raiva de ninguém.*

Ficamos conversando apenas Vera e eu por cerca de dez minutos, até que chegou uma senhora negra, franzina, de olhar cabisbaixo e andar pesado. Era Joana. Ela vestia uma roupa velha, bastante puída. Era uma saia abaixo dos joelhos e uma camiseta. Calçava chinelos e usava um lenço branco cobrindo os cabelos. Assim que chegou, Vera se levantou e foi abraçá-la. “Joana, essa daqui é a médica que eu disse que viria te consultar e dar uma injeção nessa bunda”. Depois deu um beijo em Joana, que não demonstrou reciprocidade e nem sinal de contentamento. Vera disse a Joana que se sentasse e puxou a cadeira para ela. Joana sentou-se de um modo estranho, como se não pudesse estar ali; como se ali não fosse o seu lugar. Sentou-se na ponta da cadeira, não se recostando. Permaneceu curvada, com as mãos entre as pernas e cabeça baixa, apenas erguia o olhar quando me respondia alguma pergunta. Logo que a cumprimentei, desfiz a “brincadeira” de que eu era médica, Joana não disse nada; apenas balançou a cabeça concordando. Segundo

Vera, Joana não é muito de falar e novamente, desta vez na frente dela, apenas com a voz um pouco mais baixa, disse: *“Ela está meio doida”*.

Vera: *A Maria é mais extrovertida, como é que eu vou te explicar... Ela é muito engraçada, muito viva, né, Joana?*

Joana: *É.*

Vera: *Ela [Maria] implica com todo mundo! Falante toda hora!*

Durante a entrevista, Joana não falou quase nada; apenas concordava com a irmã, com um “é”, quando eu lhe pedia alguma confirmação, caso contrário, ficava calada. No entanto, Joana não é tão tímida e nem tão sem opinião quanto parece ser na frente de Vera. Em dois momentos, no decorrer da entrevista, Vera precisou sair e nos deixou a sós e, nesses momentos, Joana falou espontaneamente, sem que eu lhe perguntasse nada. Ao contrário, foi ela quem me interrogou: *“Você é estudante? Onde você mora?”*. Quando eu lhe disse que morava em Juiz de Fora, novamente ela se pronunciou: *“Eu gosto de lá. Maria gosta mais daqui, mas eu gosto mais de lá”*. Elas moraram durante um ano em Juiz de Fora, há mais de trinta anos. No entanto, quando pergunto à Joana se ela tem vontade de voltar para Juiz de Fora ela me responde: *“Eu não. Vou ficar quieta aqui”*. Pouco antes de a entrevista acabar, Vera se despediu e saiu. Novamente Joana se mostrou diferente, perguntou por quê eu precisava da pesquisa e disse que era para eu voltar mais vezes. Disse ainda que eu esperasse dentro de casa com ela, enquanto Maria prendia o cachorro. Depois me acompanhou até o portão. Esses dois momentos foram muito significativos; pois pude comprovar que a relação familiar da qual Vera tentava me convencer não existia. Joana me pareceu perfeitamente lúcida, “apenas” uma pessoa anulada, reprimida.

Maria chegou à sala pouco depois de Joana. Chegou sorrindo, mas tímida com a minha presença. Também negra e trajava-se da mesma maneira. Tive a impressão de estar diante de duas mucamas. Devido, talvez, ao seu semblante alegre, parecia ser mais nova do que Joana. Seu biotipo é diferente do da irmã; apesar de também baixa, Maria é bem “gordinha”.



Vera: *Essa aqui é a mais feinha!* [risos] *Ela fica impossível quando os outros vêm aqui, porque fica todo mundo achando que ela tá nova, bonitona...* [Maria ri sem graça] *Aí a Joana falou que nem vem mais, né Joana? Porque a Maria fica muito saliente...* [tudo em tom de brincadeira].

(...)

Vera: *A Maria é uma excelente cozinheira! A Joana é ajudante. Elas cozinham... que você precisa vir almoçar com elas um dia! Tudo o que ela faz é muito gostoso. A Joana sabe arrumar uma mesa muito bem. Ela coloca os pratos, os talheres tudo direitinho. Elas são muito caprichosas. É a Maria quem lava a minha roupa. Aí eu falei para ela que eu não queria que colocasse na máquina. Mas ela não gosta nem de máquina nem de tanquinho, porque ela acha que estraga as roupas.*

Ela lava tudo à mão?

Vera: *Lava! Tudo na mão... As roupas delas são... de mais tempo, né? Aí elas estragam. E os lençóis também. Toda vez que minha filha vem aqui, ela me pergunta se eu estou com lençol novo, porque a Maria lava e engoma os lençóis e eles ficam parecendo novos!*

Maria também é uma pessoa reprimida, mas, ao contrário de Joana que se expressa melhor na ausência de Vera, ela sente-se incomodada; quase não fala. A relação que tem com Vera é necessária para o seu auto-reconhecimento. Ela mesma, de certa forma, sabe disso. Elas têm um irmão, pouco mais novo, que mora na mesma cidade. Quando lhe pergunto se ela tem vontade de se mudar, de ir morar com o irmão, Maria diz:

*Ah! Não dá... Já estou acostumada. Não dá para viver sem ela [Vera] não.*

Então a sua família é a família da dona Vera?

*É.*

A senhora acha a família importante?

*Acho.*

Vera: *É ela quem me dá conselho... Ela é muito criteriosa! Tudo eu pergunto para ela e para a Joana.*

A senhora gosta da dona Vera?

Maria: *Ela é boa para mim. É como uma mãe...*

A senhora se sente feliz?

*Sinto... Graças a Deus!*

A senhora tem algum sonho?

*Não.*

E a senhora, dona Joana, tem algum sonho?

Joana: *Tenho não.*

A senhora é feliz?

[Joana apenas balança a cabeça afirmativamente].

Essa postura, conformada e alegre, faz com que Maria seja ainda mais explorada. Vera elogia repetidamente o seu trabalho e coloca Joana sempre em segundo plano, apenas como “ajudante”. Os elogios de Vera são bem recebidos e importantes para a auto-estima de Maria, mas o seu efeito é perverso: criam uma espécie de obrigação de confirmação. Assim, quando Vera diz: “*Maria cozinha muito bem*”; “*ela é uma “máquina” que não sabe ficar parada*”; “*ela é extremamente caprichosa, ela lava minhas roupas à mão para não estragarem e engoma os meus lençóis*”; “*o prazer dela é comprar presentes para mim e para os meus netos*”; e, além de tudo isso, “*ela é muito alegre*”; Maria age (ora consciente, ora inconscientemente), exatamente nesses moldes, de forma a confirmar esses elogios e a se fazer digna deles. Esse é o fundamento do seu *habitus*. Além disso, Maria tem mais a sensação de que faz parte da família do que Joana, porque é madrinha da neta de Vera, Ana Carolina, de 16 anos. A análise de Weber (1979) do “empregado rural” por oposição ao “operário rural”, é aplicável a este caso. Weber fala que a dominação só pode funcionar, se o empregado é de alguma forma “domesticado”, isto é, vinculado por laços que não são os jurídicos. Para vinculá-lo, é preciso encantar a relação de dominação e de exploração, de modo a transformá-la em relação doméstica de familiaridade. Maria está presa a essa relação de familiaridade, Joana nem tanto. Porém, Joana não consegue fazer nada a respeito porque está presa a Maria, por isso diz “*vou ficar quieta aqui*”, mesmo tendo oportunidade de morar em outro lugar.

O trecho abaixo, da passagem em que falávamos sobre religião, mostra que, apesar de conformada, Maria tem certa consciência de sua condição. Ter consciência da relação de

submissão e de exploração que se estabelece, e não conseguir agir, mudar ou sair devido à dependência, sobretudo moral, dessa relação, é ainda mais cruel.

(...)

O que a senhora acha que acontece depois que a gente morre? A gente vai para o céu?

Maria: *Eu não sei... Quem merece vai, né?*

Ah! Quem merece é que vai?

*Eles falam que quem não merece vai para o inferno, mas eu acho que não é assim... Eu acho que o inferno é aqui mesmo.*

É? E por que a senhora acha isso?

*Eu acho que o inferno é aqui embaixo mesmo... Porque é aqui que a gente sofre, né?*

A senhora acha que uma pessoa que foi boa aqui na Terra vai para o céu?

*Eu acho que vai, né?*

E uma pessoa que sofreu muito, vai para o céu?

Ah! Vai!

E uma pessoa que não foi boa, que matou, que roubou... também vai para céu?

Ah! Não vai não!

Vai para o inferno?

Ah, não! O inferno é aqui embaixo mesmo.

O que acontece, então, com essas pessoas?

Ah! Não sei...

(...)

Foi Maria quem respondeu às perguntas, com a “ajuda” de Vera. “É que eu sei a vida delas todinha!”, contradisse Vera quando eu lhe disse que seria melhor que ela não ajudasse. Por ter convivido desde sempre com Maria e Joana, Vera acha que sabe exatamente do que elas gostam, o que as deixa felizes e até o que elas pensam.

(...)

Vera: *Engraçado, eu acho que pelo fato da minha mãe ser muito amiga da mãe delas, elas não sentiram nenhuma falta da mãe. Se a Maria sentiu alguma falta, ela não deixou transparecer, né, Maria? Porque eu nunca notei ela chorando...*

A senhora chora, dona Maria?

[ela faz que sim com a cabeça, mas não fala nada]

Vera [tentando se justificar]: *quando os meus filhos, os meus netos vão embora, elas choram muito.*

(...)

Peço à Maria que me conte sobre os seus pais, sobre a sua infância, e ela conta que naquela época tanto a sua vida, como a de Joana, eram marcadas pelo trabalho. A entrada de Vera na conversa dá continuidade à infância e entra na vida adulta das irmãs. O trecho abaixo resume a trajetória de vida delas.

O que o seu pai fazia?

*Trabalha na lavoura, plantava feijão, arroz...*

E sua mãe fazia o quê?

*Era dona-de-casa. Mas a gente ajudava ela também.*

E como era a infância junto com seus irmãos? Todo mundo trabalhava?

*Trabalhava. Na minha época não existia isso de ficar à-toa.*

Vera: *A Joana com 8 anos cozinhava, minha filha!*

E a senhora viveu quantos anos com seus pais? Naquela casa da fazenda?

Maria: *Ah! até onze anos, né? Com onze anos eu saí de casa.*

E o que vocês faziam naquela época para se divertir?

*Na roça? Ah! era trabalhar. De noite brincava de roda, era isso. Boneca de pano...*

*Naquele tempo não existia brinquedo nada!*

E quem fazia as bonecas de pano?

*Era minha mãe.*

A sua mãe era carinhosa?

*Era.*

E seu pai?

*Era também.*

E aí, com 11 anos, quando a senhora saiu de casa, a dona Joana saiu também?

*Não, a Joana não. A Joana saiu depois.*

E a senhora saiu de casa para ir onde?

*Fui para casa da mãe da Vera.*

Vera: *Ela foi lá para casa.*

E na época a sua mãe tinha quantos filhos, dona Vera?

Vera: *Tinha quatro filhos, né Maria?*

Quando a dona Maria foi para a sua casa, ela foi como uma filha ou para trabalhar?

Vera: *Não, como uma filha! Mas trabalhava. A mamãe era brava, né, Maria?* [Maria ri]

E a dona Joana foi para lá com que idade?

Vera: *Com sete, nove anos... Né, Joana?*

Joana: *É.*

E como foi quando a senhora saiu de casa? [pergunto isso para Maria].

*Ah! Nem me lembro mais... A minha mãe queria que saísse de casa porque eu tinha uma irmã mais velha que não gostava de trabalhar, ela foi para trabalhar na casa da tia da Vera, mas aí depois ela foi para o Rio [Rio de Janeiro] e sumiu.*

Vera: *Mamãe era muito severa. Nós morávamos em Viçosa e a mamãe não gostava de deixar ela [irmã mais velha de Maria] sair, por causa da universidade, dos estudantes... E o pai dela (desculpe toda hora eu te interromper), o pai dela foi lá em casa e deu autorização para ela sair. Aí mamãe levou ela para a casa da tia Delma e de lá ela sumiu.*

Ah! Então uma irmã mais velha também já passou pela sua casa?

Vera: *Já, já passou. A mãe delas era muito amiga da mamãe, porque o papai, nessa época, tinha uma farmácia lá na fazenda... Meu avô também era médico... Então a minha mãe trabalhava com meu pai na farmácia e ela ficou muito amiga da sua mãe, né, Maria?*

E eles (a família de Maria) moravam numa fazenda que era do seu pai?

Vera: *De um tio... né, Maria? Moravam num terreno dele.*

Quando a senhora morava na casa da mãe da dona Vera, a senhora sentia falta da sua mãe?

Maria: *Não, boba! Eu ia visitar, era perto.*

E como era lá na casa da dona Vera? A senhora me disse que, na sua casa, ajudava na lavoura, na plantação... e na casa da dona Vera? Como era o seu trabalho lá?

Maria: *Eu ajudava a outra empregada. Ajudava fazer o serviço.*

Ajudava a tomar conta das crianças? A dona Vera tinha apenas um ano quando a senhora foi para lá, não é?

[Vera responde antes de Maria]

Vera: *Ela tomou conta de mim porque a mamãe trabalhava fora com o papai. Ela arrumava uma bacia grande enchia de água e me dava banho ali. Eu falava com a minha mãe que ela me batia, e a mamãe não acreditava. Mas eu falava: "mas ela me bateu!"* [risos]. *Ela me dava banho, me enrolava numa toalha, me colocava em cima de uma mesa e me arrumava. Vestia minha roupa, me passava talco e eu ficava toda branca de talco...*

E a senhora brincava ainda, aos 11 anos de idade?

Maria: *Brincava...*

A senhora também, dona Joana?

Joana: *É.*

Vera: *Nós brincávamos de roda...*

As senhoras estudaram?

Maria: *Não. Lá tinha escola, mas a gente não ia.*

Vera: *Elas estudaram aqui [Visconde do Rio Branco, depois de grandes], lá [em Viçosa] elas iam à aula uma vez... Aqui é que elas iam todos os dias. Mas eu acho que elas nem prestavam atenção [Maria ri], porque senão elas tinham aprendido. Elas levavam na brincadeira.*

As senhoras gostavam da escola?

Maria: *Gostava...*

Sabem escrever?

Maria: *A gente sabia escrever alguma coisa, né, Vera? Mas vai indo a gente esquece.*

Sabem ler alguma coisa?

Maria: *Não.*

E a dona Joana, também foi à escola?

Joana: *Também.*

Gostava?

Joana: *Gostava.*

Por que as senhoras não levaram a escola a sério?

Maria: *Na roça ninguém ia nada... Era difícil!*

A senhora gostava de trabalhar?

Maria: *Gosto ainda!*

E o que a senhora gosta de fazer [Eu pergunto o que ela “gosta” e ela me responde o que ela faz]?

Maria: *Eu cozinho e lavo a roupa.*

E a dona Joana?

Joana: *Também.*

Maria responde por Joana: *ela gostava de arrumar [casa], mas aí arrumou uma arrumadeira e ela agora me ajuda.*

A senhora nunca pensou em se casar?

Maria: *Não, eu não [risos]!*

Por quê?

Maria: *Porque não.*

A senhora nunca pensou em ter filhos?

Maria: *Não. Eu não.*

A dona Vera que é a sua filha?

É [risos].

Vera: *foram elas que cuidaram dos meus filhos, de mim...*

A senhora é a caçula dos seus irmãos (pergunto à Vera)?

Vera: *Não, tenho mais dois irmãos.*

Ah! Então depois que elas chegaram na sua casa, elas viram nascer esses dois irmãos?

Vera: *Viram e ajudaram a criar.*

E como foi que elas vieram morar com a senhora?

Vera: *Mamãe morreu.*

Quando ela morreu, vocês ainda moravam lá?

Vera: *Não, eu já tinha casado.*

E elas ainda moravam com a sua mãe?

Vera: *Moravam, as duas. Aí mamãe morreu... E ela sempre disse que quando ela morresse, era para as duas ficarem comigo.*

E os seus irmãos, não se importaram?

Vera: *Não, pelo contrário, né, Maria? O Mário, meu irmão, falou comigo que eu podia buscar as duas no carro dele, porque eu estava sem carro na época... E ainda falou assim:*

*"Se você não for, eu vou, heim?". Mas eu estava sem jeito de ir... Você sabe o que é chegar lá e tirar uma preciosidade da casa da gente?*

E aí, como foi?

Vera: *o José Aurélio já sabia que as duas iam ficar comigo.*

José Aurélio é o seu irmão que estava com elas?

Vera: *É. Ele já sabia. Ele sentiu muita falta, mas...*

[pergunto para Maria] A senhora ficou quanto tempo na casa desse irmão da dona Vera?

*Um ano mais ou menos, não é Vera?*

Vera: *É, um ano.*

E a senhora, dona Maria, sentiu muito a morte da mãe da dona Vera?

*Senti, senti muito.*

Vera: *Eu me lembro da morte da minha mãe... Uma coisa que eu nunca me esqueci! As duas perdidas... Sabe? Ficaram assim; como se tivesse acabado o mundo delas. Elas choravam tanto! Elas falavam assim: "o que vai ser da gente?". Elas deviam estar apavoradas...*

Elas não tinham mais família? Só os irmãos, né?

Vera: *Não, não tinham mais.*

Tem quantos anos que a sua mãe morreu?

Vera: *Ih! Tem uns trinta anos, né Maria? Eu tenho marcado direitinho... Aí elas vieram e foi aquela festa, né? Porque elas mudaram de vida: aí elas começaram a freqüentar a aula, vieram morar aqui, porque elas moravam em Juiz de Fora...*

Elas moravam em Juiz de Fora? E quem morava em Juiz de Fora?

Vera: *O meu irmão. Eu estava casada e os meus dois irmãos menores foram estudar em Juiz de Fora, a minha mãe mudou com eles e as duas foram junto.*

E quando sua mãe morreu, ela estava morando onde?

Vera: *Em Juiz de Fora.*

(...)

Daqui para frente, eu entro mais incisivamente no jogo de Vera e ela encanta cada vez mais a relação de submissão e exploração que tem com Maria e Joana.

A senhora as trata como mãe, não é?



Vera: *Nossa Senhora! Eu nem tenho mãe mais. Elas são minha mãe, minhas irmãs... Os meus filhos chamam elas de tia, “tia Joana” e “tia Maria”. Quer dizer, elas são minha família, inclusive a família delas... Eu os adoro!*

(...)

Vera: *Nós combinamos demais, demais, demais! Graças a Deus! Aqui em casa é uma harmonia! Todas as faxineiras que vêm é uma harmonia, uma felicidade. A gente ri o tempo todo, a gente brinca... Elas não fazem nada que eu falo que está errado, nem elas falam comigo...*

(...)

Vera: *Todas as vezes que elas vão à rua, elas trazem um presente. Se eu disser que eu não sei o que tem na cozinha, você não acredita! Elas mesmas compram as coisas [com o dinheiro delas]! As coisas vão quebrando, estragando e elas mesmas repõem. Eu nem fico sabendo!*

É mesmo? É um carinho de mãe, né?

Vera: *Nossa Senhora! É a maior bênção que eu tenho na minha vida! Eu fico aqui com elas, porque eu também não gosto de sair... Ficamos nós três aqui em casa.*

(...)

Quando a senhora viaja assim, como é quando a senhora chega?

Vera: *Nossa Senhora! É uma festa! Tanto para mim quanto para elas.*

Quanto tempo a senhora já ficou longe delas?

Vera: *Acho que foi quando meus netos nasceram, né, Maria? Foi um mês, no máximo.*

A relação de vocês é muito estreita, né?

Vera: *Demais da conta! Eu acho que se algum dia alguma de nós se for, vai ser uma catástrofe!*

A única vez que vocês se separaram foi quando a senhora saiu da casa da sua mãe para se casar?

Vera: *É, foi isso mesmo. Mas depois mamãe morreu e elas vieram morar comigo.*

Com quantos anos a senhora se casou?

Vera: *Com 18 anos. Mas era assim: se algum filho meu ficasse doente, o Betinho, meu marido, mandava um carro ir buscar elas lá em Juiz de Fora. Então foi assim; a gente se separou, mas a gente convivia de todo jeito, né Maria? Uma coisa que eu lembro da minha*

*vida, que eu nunca esqueci, é que eu viajava muito com o Betinho... Aí um dia, eu estava voltando do Rio [RJ] e quando cheguei vi a Joana passeando em frente à farmácia do papai com o Beбето no colo...*

E como é a relação delas como seus netos? É uma relação de avó?

*Vera: De mãe! Ontem veio um cabeleireiro aqui em casa fazer escova no cabelo da Eliane [filha de Vera], aí a minha netinha [Ana Carolina] falou assim: "Vovó, eu quero fazer escova progressiva". Aí eu falei: "esse dinheiro que eu te dei não vai dar não!". Aí ela falou: "Ah! É a madrinha Maria quem vai pagar!". Quer dizer; elas dão tudo o que ela quer. Ela [Ana Carolina] tem celular do mais caro. Foi mil e tantos reais, né Maria? Foram elas que deram.*

Elas que deram?

*Vera: É. Eu dei um computador para a Ana Carolina e a Joana deu a mesinha.... Tudo o que a Ana Carolina quer, elas dão.*

O negócio funciona assim: elas moram aqui e não têm com o que gastar. Aí elas dão presentes para a sua família. É isso?

*Vera: É, mas elas têm uma poupança grande também. Ninguém na família sabe, só meu irmão. Os meus filhos, os sobrinhos delas... Eu falei que elas não deveriam contar para ninguém, porque é um negócio particular de vocês. Igual eu estava falando com a Maria, que a gente tem que ir ao banco para abrir uma conta conjunta para a gente; tanto da minha parte para elas como da parte delas para mim. Porque eu não vou deixar as minhas confidências com os meus filhos. Eu vou deixar com ela e com a Joana. Então nós temos que ter uma conta conjunta, porque se caso eu morrer, elas sabem e entregam o dinheiro para os meus filhos. Mas, enquanto nós estivermos vivas, ninguém vai saber que nós temos isso ou aquilo...*

(...)

Vera se preocupou em garantir a aposentadoria delas. Esse é um cuidado que se repete nessa pesquisa; a “família” quer se precaver das despesas comuns da velhice, além de ser um complemento na renda familiar ou, sem meios termos, mais uma fonte de exploração. Em um dos momentos que Vera se ausentou, perguntei se elas eram vaidosas, se gostavam de se arrumar, de comprar roupas, e Maria confirma que gasta seu dinheiro

com a casa e com presentes para Vera. Maria demonstra não ter noção de valor do dinheiro, além de não saber ler.

O que a senhora gosta de fazer quando vai à “rua” (centro)?

Maria: *Fazer compra, né?*

Quando a senhora está na rua, como a senhora faz para ler alguma coisa?

*Ah, não leio nada não.*

O preço das coisas que a senhora compra, como a senhora faz para saber?

*No lugar que eu compro todo mundo me conhece, né? Aí não tem problema.*

Mas que compra a senhora faz?

*Para mim? Para mim eu quase não compro nada; eu compro para os meninos [filhos e netos de Vera]. Para os meninos eu compro “Danoninho”, “Nescau”...*

A senhora gosta de comer alguma coisa diferente?

Maria: *Não, eu gosto de comer nada de diferente não. Às vezes, quando eu vou na rua, eu compro alguma coisa de diferente, mas não é para mim não, é para a Vera. Mas agora ela está de regime... Eu não compro nada para mim não.*

Logo Vera chega e eu a coloco a par do assunto:

Estamos conversando sobre vaidade.

Vera: *Vaidosas elas não são, mas são muito limpas.*

Essa foi a segunda vez que tive a impressão de que Vera se refere à Maria e à Joana como se elas fossem animais domesticados. A primeira vez em que senti isso foi no telefone, quando ela disse que não precisava perguntar se elas aceitavam ou não me conceder a entrevista (“*Pode vir sim, você vai ver, elas são dóceis*”).

(Continuamos o assunto)

A senhora não gosta de comprar roupas, sapatos?

Maria: *eu ganho muito, não precisa.*

E quem te dá tanta roupa?

*As meninas [filhas de Vera] me dão, o irmão dela me dá muita coisa, as cunhadas dela me dá...*

*Vera: No Natal eu dei dinheiro para cada uma. Eu dei cem reais para cada uma e falei assim: este dinheiro é para vocês comprarem alguma coisa para vocês. Até hoje elas não compraram. Elas gostam de gastar dinheiro com outra pessoa. De vez em quando a Maria sai e compra sandália, né Maria?*

A senhora gosta de ajudar os outros?

*Maria: Eu gosto! Outro dia, né Joana, tinha uma senhora pedindo dinheiro na rua e eu dei dez reais para ela. As pessoas falaram que não pode dar dez reais de esmola, mas eu dei.*

*Vera: Ah! Se você estava com vontade, tem que dar mesmo, Maria.*

*Maria: Ela pediu, né? Aí eu dei. Quando os outros me pedem dinheiro eu dou.*

(...)

A senhora sabe se elas já sofreram algum tipo de preconceito?

*Vera: Não. Não sofreram não. Porque elas moram com a minha família e aqui todo mundo tem adoração por elas. Olha, eu tenho um irmão que mora no Rio [RJ], e ele todo mês manda cem reais para elas, fora os presentes, né Maria? A Joana ficou doente e os remédios são caros e ele falou comigo assim: "Olha, Vera, eu não quero que ela gaste o dinheiro dela com remédio". Então, ele compra os remédios da Joana... Na nossa família, elas são como se fossem assim: deuses!*

Visconde do Rio Branco, 24/01/2007.

## 2.7 - Tudo na camaradagem! Graças a Deus!

Fiquei sabendo da história de João Paulo através da mãe de uma amiga, que conviveu com ele, durante a infância e a adolescência, no bairro em que moravam na zona rural de Visconde do Rio Branco. Ela me apresentou Henrique, filho dos antigos patrões de João Paulo. Henrique me recebeu muito bem, fiquei em sua casa cerca de uma hora e meia conversando sobre João Paulo. Ele me contou que João Paulo nasceu nas terras de seu avô, pois os pais dele eram empregados da fazenda e tiveram todos os filhos lá. João Paulo cresceu trabalhando para o avô de Henrique. O pai de Henrique casou-se e foi morar em outra casa, na mesma fazenda, apenas a 150 metros de distância. Quando os pais de João Paulo morreram, ele disse ao seu patrão, o avô de Henrique, que “precisava correr o mundo”. Henrique conta rindo: *“o mundo que João Paulo correu não passou de 150 metros; ele saiu dos da casa do meu avô e foi morar na casa do meu pai”*.

Henrique diz que João Paulo faz parte da família e que todos têm grande estima por ele. Hoje João Paulo está com 93 anos, muito lúcido e ativo. Henrique o descreve como uma pessoa extremamente boa, sempre disposta a ajudar, porém muito “sistemática”. Segundo ele, quando João Paulo chegou à casa de seus pais, todos queriam que ele morasse dentro de casa, mas ele não quis; preferiu morar em um quartinho nos fundos do terreno. Num primeiro momento, Henrique diz que foi por vontade própria, depois fala que João Paulo sempre teve hábitos muito diferentes dos de sua família e, por isso, era melhor que ele ficasse no quartinho. *“Ele não gosta de tomar banho, ou melhor, está acostumado a tomar banho apenas uma vez por semana e gosta de uma cachacinha...”*. Henrique faz questão de frisar que isso não mudou em nada a relação familiar que tinham: *“... mas ele só dormia no quartinho; passava o dia inteiro dentro de casa, comia da mesma comida, era tudo igual... Só a noite é que ele ia para lá”*. Depois que os pais de Henrique morreram, João Paulo ficou sozinho na fazenda, mas continuou dormindo no quartinho. Henrique conta que, com o passar dos anos, foi ficando perigoso João Paulo continuar no quartinho, pois há uma escada de acesso perigosa e escorregadia nos tempos de chuva; porém, nada fazia com que ele aceitasse morar “dentro de casa”. Então, Henrique inventou e disse a João Paulo que viu passar na televisão que choveria um mês sem parar. Temendo ficar

preso durante um mês ou arriscar um tombo na escada, João Paulo aceitou morar na casa dos antigos patrões.

A região onde fica situada a fazenda é bastante distante da zona urbana, fica a, aproximadamente, 20 km e chega a fazer divisa com a cidade vizinha. O acesso ao local é difícil, não há pavimentação, e com chuva fica ainda pior. Henrique conta que costuma visitar João Paulo uma vez por semana, levando mantimentos e artigos de primeira necessidade, mas na época de chuva não é possível manter essa frequência, pois a estrada fica praticamente interditada dado aos “atoleiros”. Nessa época, Henrique leva para João Paulo o suficiente para passar até um mês de “isolamento”. Não é uma região de muitas casas, a mais próxima à de João Paulo fica cerca de 400 metros de distância. As demais estão a mais de 2 km.

Com muita boa vontade, Henrique me levou até João Paulo. Além de nós, foram suas duas netas adolescentes, pois, como era janeiro, época das chuvas, era preciso garantir ajuda, caso o carro atolasse. A “fazenda” que Henrique me descreveu ficou no passado. O lugar está muito depredado pela ação do tempo e pelo abandono humano. Mesmo assim, Henrique me mostrou tudo com a mesma veracidade de suas lembranças: a casa do seu avô (em ruínas); o pomar (que o mato tomou); o curral (que as árvores escondem); o paiol (que guarda entulhos), (o lugar onde ficava) o cafezal etc. A casa onde João Paulo mora está preservada, mas circundada por uma vegetação silvestre, que dificulta, ainda mais, o acesso. É uma casa com três quartos, sala, cozinha, banheiro e uma varanda, mas não é uma casa grande, todos os cômodos, exceto a cozinha, são muito pequenos. O quartinho onde ele dormia tem menos de 10 m<sup>2</sup> e fica em um barranco próximo da casa. Há apenas um ano que a rede elétrica foi instalada naquela região.

Quando chegamos, João Paulo estava no paiol pegando um pouco da lenha armazenada para o fogão. Assim que ouviu o barulho do carro, veio nos receber com seu sorriso banguela e “pitando” um cigarro de palha que ele mesmo fez com “fumo-de-rolô”. Fiquei impressionada com a sua aparência. A sensação que tive é de estar diante de uma ilustração encarnada do capítulo “escavidão” dos livros de história. João Paulo é negro e sua pele conta os 93 anos vividos; tem, aproximadamente, 1,5 m de altura; é magro; seus cabelos estão brancos, assim como seus olhos, tomados pelas cataratas. Apesar de muito ativo, suas articulações estão rígidas o que restringe a amplitude de movimento e dificulta o

andar, o manuseio das coisas etc. Vestia-se com uma calça dobrada na barra até quase a altura dos joelhos, uma camisa de manga longa (apesar do calor) também dobrada nos punhos, chinelo e chapéu de palha. Uma das netas de Henrique elogiou a sua roupa e lhe perguntou se ele estava querendo arrumar uma namorada. De forma risonha, ele respondeu: “*Eu não! Hoje é segunda-feira, uai! Dia de trocar de casca!*”. Foi com esse tom, com esses termos, com essa naturalidade que ele me contou toda a sua vida. Henrique me apresentou dizendo que eu estava ali para lhe fazer algumas perguntas. Com um olhar “matuto” ele veio me cumprimentar. Disse a ele que estudava a “vida na roça” e que gostaria que ele me contasse algumas das muitas histórias que Henrique me disse que ele tinha para contar. Imediatamente sua desconfiança se desfez e muito animado disse ter “história demais para contar”.

Sentamos na cozinha. Espontaneamente, Henrique se retirou e pediu a suas netas que nos deixassem a sós. A entrevista durou uma hora e quarenta minutos. João Paulo tem um comportamento pueril; conta com grande satisfação e alegria as suas peripécias. A educação que recebeu dos pais é a que o orientou durante toda a vida. Seus pais lhe criaram para o trabalho, sob os mandamentos religiosos da benevolência, do perdão e da gratidão. As disposições adquiridas na infância foram totalmente preservadas, dada à consonância com as estruturas objetivas da vida de adulto. A vida de João Paulo segue um curso linear: ele nasceu e mora até hoje no mesmo lugar; nunca saiu daquela região nem mesmo para uma viagem, o único lugar que conhece é a zona urbana da cidade em que mora; os padrões de seus pais, bem como o trabalho de seus pais, tornaram-se os seus; sempre conviveu com as mesmas pessoas; não se casou; estudou apenas por poucos meses; não tem acesso a notícias, apenas às ocorrências policiais da própria cidade, que ele ouve no rádio a pilhas; viveu a vida inteira com os hábitos que a ausência de energia elétrica obriga, está de tal modo acostumado que, mesmo não precisando mais, continua tomando banho no rio, fazendo comida no fogão à lenha, se “recolhendo” ainda à luz do dia etc.

O senhor tem quantos anos?

*Eu estou na casa dos 90... Eu entrei no ano de 2007, então eu estou com 93.*

E como é ter 93 anos de idade? É bom?

*Bom! Eu tenho saúde, ando daqui para ali, dali para aqui... Está muito bom! Trabalho um bocadinho... Agora eu estou ficando mais velho, não fico andando muito mais não, mas ainda posso dar uns pulinhos ainda [risos].*

E como foi sua infância? Como era a sua mãe, o seu pai, como era a relação entre os dois...?

*Eles combinavam bem! Combinavam muito bem, o “véio” e a “véia”. O meu pai chamava ela de “véia”, o nome dela era Guilhermina Barbosa. Ela veio de fora; era a única Guilhermina Barbosa daqui. E foi é aqui em Rio Branco que eles casaram. Eu sei de tudo! Porque eu nasci aqui e aqui mesmo eu estou, vou morrer naquele mesmo lugar.*

O senhor tinha irmãos? Combinava bem com eles?

*Combinava. Era três irmãos, e ficou nós dois; o pai morreu e a mãe morreu, ficou nós dois. Um chamava João Pedro e eu; João Pedro e João Paulo. (...) Tinha mais irmãos, mas morreu e ficou só um. Esse casou e eu fiquei aqui. Nunca mais eu vi; não sei se morreu, se tá vivo... Até hoje, nem notícia mais eu não tenho.*

O senhor era feliz naquela época?

*Graças a Deus [ele levanta o chapéu]!*

O senhor tem saudade daquele tempo?

*Ah! De vez em quando a gente sente saudade... A gente pula dali, pula daqui... Agora, depois que eu cresci também, eu fiquei meio andeiro; passeava para todo lado, de dia e de noite. Nunca nada me amolou! Andava daqui, andava de lá... Nada me amolava! Bebia umas cachacinhas! [risos] Fazia tudo, fazia de tudo!*

E o senhor ia com os seus irmãos ou sozinho?

*Não, foi depois que eu mudei pr'aqui. Eu ia sozinho, depois que pai e mãe morreu. Agora; junto deles, aí não. Aí eu era quietinho e se malcriasse, entrava no couro! Meu pai gostava de bater! [risos]*

Ele batia na sua mãe também?

*Não, isso não. Discutia, mas bater não. Isso não. Às vezes esquentava um bocadinho, batia um papo assim, meio bravo, mas era de passagem! [risos] Ele gostava de bater... Ele já era velho, bonzinho, respeitava, tinha um santo Antônio... até tá ali! [depois ele me chama para conhecer a imagem do santo de devoção do pai que ele ainda guarda] Ia na igreja, rezava...*



E ele gostava de festa? A sua família gostava de festa?

*Nós ia... Quando eu era mais pequeno, eu não ia sozinho não. Mas depois que eu fiquei mais grande, eu ia sozinho. Quando eu era pequetinho, era grudado na barra da saia da mãe [risos].*

E a sua mãe era carinhosa?

*A minha mãe era! A dona Guilhermina... eu gostava dela!*

E do seu pai, o senhor também gostava ?

*Gostava. O pessoal gostava muito da minha mãe...*

O senhor gostava mais da sua mãe do que do seu pai?

*Não, eu estou falando assim: o pessoal gostava muito da minha mãe, mas ele também gostava muito dela. Eu não vou falar que não gostava não, porque gostava sim. Ela era muito boa, ela nunca bateu em mim não, só meu pai. O pai era mais batedor...*

E o que o senhor fazia que deixava o seu pai tão bravo?

*Era menino, ué?! [risos] E eu fazia muita arte! [risos]*

O seu pai trabalhava com o quê?

*Ele trabalhava na roça. Ele plantava. Já plantou ali embaixo, já plantou aqui...*

Quando o seu pai morreu, o senhor tinha quantos anos?

*Agora você me pega... Eu sei que eu sou de 1913. Faço anos no dia 3 de novembro, já passou. Agora, a idade que eu tinha quando meu pai morreu que eu não tenho certeza...*

O seu pai morreu primeiro que a sua mãe?

*É, morreu antes.*

Quando seu pai faleceu, o senhor ficou vivendo com a sua mãe?

*Fiquei.*

Os seus irmãos também?

*Não, o irmão que eu tinha, já tinha casado.*

Só ficou o senhor e a sua mãe?

*É, ficou só eu e minha mãe.*

O senhor deve ter ficado muito triste quando a sua mãe morreu, não é?

*Ah! Eu fiquei sozinho, né? Eu morava lá, aí depois que eu vim morar nessa casa aqui... Vim dormir nesse quartinho aqui.*

Apesar de Henrique dizer que João Paulo é parte da família, ele mesmo nunca se sentiu assim; ele sempre se sentiu e se comportou como um empregado. Desde criança, ele foi criado e acostumado a servir àquelas pessoas, a respeitá-las e a lhes render gratidão. A sua identidade sempre dependeu da proximidade, do contato, do “respeito atitudinal”, da sensação de estar no seio daquela família, ou, como ele mesmo diz, “*de ficar no meio deles*”. João Paulo sempre agiu de modo a preservar essa relação. A possibilidade de comprometer o “respeito atitudinal” que essa família lhe tinha, devido ao seu vício em álcool, fazia com que ele agisse de acordo com uma lógica de compensação: nos dias em que não agüentava trabalhar por causa da bebida, ficava sem comer; além disso, se isolava em seu quartinho. Henrique conta que ele tinha vergonha de comer porque ficava o dia inteiro “*à-toa*” e dava a desculpa de que “*a bebida atrapalhava o estômago*”.

Então, foi quando a sua mãe morreu que o senhor veio morar com a família do seu Henrique?

*Foi. Eu estava sozinho, aí eu mudei para cá, ia dormir nesse quartinho aqui e ficava no meio deles... Tudo na camaradagem! E estou até hoje! Graças a Deus [levanta o chapéu]!*

O senhor dormia naquele quartinho?

*Eu dormia no quartinho, depois que eles quiseram que eu viesse morar dentro de casa mas eu morava era no quartinho. Nunca que eu gostava de dormir dentro de casa não... [risos] Mas foram eles que mandaram eu passar para dentro de casa. Eu já tô sozinho na casa há um bom tempo, desde que o pai dele morreu.*

Quando senhor veio para cá, o seu Henrique era pequenininho?

*Era, eu sou mais velho do que ele. Ele era menininho mesmo. Ele até gostava muito de mim! [risos] Teve um dia que eu falei que ia embora e ele começou a chorar [risos]... Nós dois combina muito bem! Eu combino com ele aí muito bem, não tem briga não. Eu conheço toda a família dele; pai, mãe, avó... tudo é conhecido!*

E quando o senhor veio para cá, o senhor fazia o quê? O senhor ajudava no trabalho?

*Ah, já! Eu já era molecão! Eu capinava na roça, pegava a lenha para a avó dele... Eu acostumei! Se você perguntar onde é a minha terra, eu vou te falar que a minha terra é aqui. Eu ando para todo lado aqui; é aqui que eu tomo umas e outras [risos]... Conheço todo mundo aqui...*

Além do senhor trabalhar, o senhor também brincava com seu Henrique e com os irmãos dele?

*Quando eu mudei para cá, elas todas eram mais novas do que eu [as irmãs de Henrique].  
Aí a gente ia para a escola.*

Quando senhor mudou para cá, o senhor começou a ir à escola?

*É, eu fui. Eu fui porque tinha que levar elas. Eu que mandava! [risos] Nós brigava porque eu mandava nelas, mas depois a gente fazia as pazes... [risos]*

E o senhor gostava da escola?

*Eu gostava! Aprendi pouco também, né? Porque eu já era bem grande...*

E depois de grande não se aprende mais?

*Não, é porque eu fiquei pouco também...*

E por que o senhor ficou pouco?

*Porque eu saí... fui trabalhar, fui capinar. Trabalhava na roça.*

O senhor gostava mais de estudar ou de capinar?

*Aqui eu fazia uma porção de coisa; tinha cafezal, eu plantava café, cuidava do café... Tudo eu fazia! Era varredor do café, assoprava o café... Eu fazia de tudo! Eu não tinha pai nem mãe, aí eu vim para cá.*

O senhor considerava os pais do senhor Henrique como seus pais?

*A mãe dele chamava Jurema, ela brigava muito comigo [risos]... Mas antes de ela morrer, nós fizemos as pazes, não ficou nada não. Ela gostava muito de fazer farra com a gente [risos]...*

Que tipo de farra?

*Ela ficava mexendo.*

Mexendo como?

*Ela ficava fazendo raiva em mim contando minhas coisas para todo mundo... Uma vez, na cidade, eu teimei com ela lá, aí depois eu pedi a ela uma cachaça e ela não quis me dar! Ela falou assim: "Ah, não vai beber mais não!". Ela desceu ali naquela rua, brava, e não me deu nenhum golinho de cachaça! Nós era meio teimado... Ela tinha raiva de mim... Mas nós brincava muito, ninguém ficava com raiva do outro não.*

E o pai do senhor Henrique, como ele chamava?

*Luciano.*

O senhor gostava do seu Luciano?

*Gostava, ué?! Nós brincava junto, nós trabalhava junto... Mas também nunca briguei. Trabalhei muito tempo com ele ali... Até quando ele morreu a gente trabalhava e nunca briguei. Ajudava o pai dele e o avô dele [de Henrique]. Eram os dois patrão meu.*

E o senhor ganhava dinheiro nessa época?

*Ganhava.*

O seu Luciano pagava ao senhor?

*Pagava.*

E o que o senhor fazia com o dinheiro?

[risos] *Era pouco... [risos] O dinheiro era pouco! Eu gastava um bocadinho [risos]...*

E com que o senhor gastava?

[risos] *Eu bebia umas cachacinhas... [risos] Gastava o dinheiro tudo! E eu costumava beber na venda, depois eu ia lá e pagava certinho o que eu devia e o restinho do dinheiro também acabava. Eu não ligava para dinheiro não! Eu recebia pouco, mas eu... Agora que eu sou... [risos]*

Agora o senhor é o quê?

*Agora eu seguro um bocado. Tem que guardar um bocado! (...) Se eu tô juntando dinheiro, eu ponho tudo na mão dele ali [Henrique]. Ele é que guarda para mim.*

O senhor Henrique é quem guarda o seu dinheiro ?

*É, ele põe lá [no banco] para mim. Segura, porque se eu sofrer por aí e precisar, ele sabe onde é que a minha segurança está, né? A gente tem que ser mais ou menos... não pode ser muito cabeça no ar não. (...) Mas ricasso eu não queria ser não. Nunca juntei dinheiro! Mas eu trabalho! Eu sempre segurei um bocadinho de dinheiro. É pouco, não ganha muito não, mas um bocadinho guardado tem. Não fico sem dinheiro de tudo não. Ao menos um bocadinho! Eu trabalho, tenho serviço... Depois que eu comecei a trabalhar, sobrar um dinheirinho, eu coloco um bocadinho lá. Ficar sem dinheiro de tudo é muito ruim, né? Porque às vezes, a gente passa mal, precisa de dinheiro de repente e não tem. Ocupar os outros também não dá certo não! A gente tem que ter juízo e andar direitinho.*

Mas naquela época o senhor gastava tudo...

*Eu recebia era sábado. Domingo eu ia para venda, bebia, pagava para os outros... Chegava aqui bebim e pronto!*

E era feliz?

*Era feliz! [risos] Eu ia para lá, vinha bebim e cantando... De noite!*

Sozinho?

*É, sozinho! Vinha cantando, chegava aqui e ia dormir naquele quartinho ali.*

E que música o senhor gostava de cantar?

*É versos.*

Versos? O senhor lembra de algum que o senhor cantava?

*Eu cantava era verso... Pagode... Eu lembro!*

Canta um para mim?

[ele canta um pedacinho] *Aí! Eu tenho voz boa! Quem canta melhor aqui nessas bandas é eu!*

É mesmo? A voz mais bonita dessas bandas é a sua?

*É eu mesmo! A voz mais bonita é eu mesmo!*

Então o senhor gosta de cantar!

*Eu gosto! Eu vou ali para aquela rocinha ali e vou capinando e cantando. O dia todo. Eu gosto de cantar, de dançar... Por aqui não tem mais não. Se eu morasse na cidade eu ia no forró .*

O senhor gosta de dançar forró?

*Eu gostava de forró, porque eu ia aprender para ir dançar lá [na cidade]... Agora os bailes da roça acabou tudo, né? Agora tem só os forró lá da cidade.*

O senhor ainda sabe dançar forró?

*Ah! Se eu for dançar eu danço! É fácil! [risos]*

O senhor bebe cachaça até hoje ?

*Eu bebo um golinho!*

Todos os dias?

*Tem dia que eu bebo, tem dia que eu não bebo... Agora, que nem hoje, eu não bebi nenhum golinho de cachaça. Agora parei um bocado. Mas eu bebia muito.*

Mas o senhor bebia até cair?

*Não, cair, eu não caía não. Mas eu bebia, ia lá para os lados da Serra da Onça [região da cidade vizinha]... Para lá para roça, lá para aquelas terras... Para baixo de Guidoal [cidade vizinha], lá para aqueles lados... Eu ia a pé! Sozinho! A noite inteira... [risos]*

Bêbado?

*É! Saía daqui, assistia uma missa ali num culto que tem aqui em baixo, e ia.*

E a mãe do senhor Henrique, não ficava brava com o senhor já que ela não gostava que o senhor bebesse?

*É, tinha dia que ela falava... Mas eu... Mas nós não brigava não. Já perdi também muita segunda-feira aí... Ficava à-toa aí, não ia trabalhar não. Ia trabalhar só dentro de casa.*

E eles não achavam ruim não?

*Ele não achava ruim comigo não. Ele era meu patrão, mas não achava ruim não. Ele ia trabalhar, ele mais o Henrique, filho dele. Eles iam trabalhar, e eu ficava aí à-toa... Também não almoçava e nem jantava; ficava sem comer o dia inteiro!*

Por quê?

*Perdia a vontade de comer. Não comia não! Já fiquei muitos dias sem comer.*

Por causa da cachaça?

*É, atrapalhava o estômago... Não agüentava nada não.*

O senhor gostava bem de uma festinha, né?

*Todo sábado tinha baile para todo lado!*

Aí não agüentava trabalhar no outro dia?

*Não, [risos] eu perdia era a segunda-feira. Eu ia para a venda beber de domingo. Domingo ia lá para venda, depois vinha andando bêbado e segunda-feira não agüentava trabalhar; ficava à-toa.*

Aí também não comia nada?

*Não. Podia ser a comida boa que fosse, eu não comia de jeito nenhum!*

Toda vez que João Paulo se refere a Deus, ele levanta o chapéu. Sua religiosidade é herança de seus pais. João Paulo diz que Deus é muito presente em sua vida, é graças a Ele que nada de mal lhe acontece, que ele tem saúde etc. Ele procura ser bom para “ir para o céu”. Além disso, se atém a uma religiosidade folclórica.

E o senhor aprendeu a rezar com seus pais?

*Aprendi um bocadinho [risos]... Padre Nosso, Ave Maria, Santa Maria... Ele [o pai] ensinava nós aqui, nessa casa mesmo. O meu pai gostava muito de rezar e a minha mãe*

*também. Ele fazia promessa de santo Antônio... Meu pai fazia a festinha dele. Gostavam muito de reza... O meu pai gostava muito de reza!*

O senhor acredita em Deus?

*Uai! Graças a Deus [ele tira o chapéu e o coloca contra o peito]! Vou deitar e rezo o Padre Nosso.*

Todo dia o senhor reza?

*Uai! Tem que rezar, né?*

O senhor reza para agradecer ou para pedir?

*Rezo o Padre Nosso e peço a Deus que me proteja, que eu vou deitar sossegado! Peço a Deus e peço à virgem Maria. Durmo direitinho! Acordo também... Com um soninho bom! Não tem problema não!*

E o senhor acredita em santo também?

*Acredito!*

Em qual santo o senhor acredita mais?

*É Cristo! É o primeiro. Eu posso ter fé com santo e tudo, mas deixar de falar de Deus? Eu vou deitar, tiro o chapéu da cabeça e falo: "Com Deus e Nossa Senhora!". E pronto! É a primeira coisa que eu faço! E graças a Deus não tem acontecido nada comigo. Tô aqui há muitos anos e nunca passei mal sozinho. Nunca passei mal nenhum, nenhum dia, até hoje! Tô aqui há muito tempo... Já tem muito tempo que o pai dele mais a mãe dele [de Henrique] morreu e eu fico aqui! Agora passei para aqui [para a casa], isso aqui é dele, e eu fico aqui no mesmo canto.*

E nunca passou mal?

*Graças a Deus não. Vou deitar com fé Nele!*

E quando o senhor era mais novo, que senhor trabalhava lá na roça, Deus ajudava lá também?

*Uai! Eu falo mesmo; eu levo fé é em Deus! E pronto! Agora, falar com o outro [Diabo] eu não falo não! Porque quando eu nasci, foi primeiro Deus que eu resolvi acompanhar. Agora vou falar com você: eu já gostei muito de ir na procissão, na Semana Santa. (...) Gostava! Toda a vida eu fui. De vez em quando até hoje eu vou à missa, lá perto da casa dele [de Henrique, na cidade]. Ele me leva lá. Eu vou lá na igreja no [bairro] Santo*

*Antônio. Eu gosto! De vez em quando eu vou lá assistir. Lá é bom de assistir missa! Eu acho bom pra daná!*

O senhor acha que é possível viver sem acreditar em Deus?

*Uai! Não tem jeito não! Deus faz tudo para nós! Aí: tudo o que está aí... Quem é que pôs as frutas na terra para nascer? A folha de um remédio... as frutas... quem é que pôs? [risos] Nós não pode fazer isso que Deus fez. De jeito nenhum! Tem que ter consciência com Deus direitinho!*

O senhor gosta de ajudar as pessoas?

*Eu gosto sim, ué! Se tiver no jeito, eu faço questão de ajudar. Se os outros me pede para dar uma mãozinha e eu estiver folgado, eu vou sim, ué! Nem que seja até meio-dia! Eu gosto de ajudar, eu não gosto de ruindade, eu não sou ruim não! Igual os outros me falam comigo: "me dá um dinheirinho aí?". Se eu estiver com dinheiro no bolso eu dou a quantidade que for. Pode ser para comprar pão, pode ser para comprar cachaça... eu dou. Se eu tiver, eu não falo que não tenho não. Eu dou para ele comprar o que ele quiser. Dou para lá e pronto!*

O senhor acha que as pessoas que não acreditam em Deus, que não são boas, vão para o céu?

*[ele fica pensativo] Agora eu não sei... Se Deus ajudar ele às vezes ele vai, mas se Deus não ajudar, aí ele não vai, né?*

E para onde ele vai?

*Uai! E ele vai para... [risos] o inferno. Ele vai para o inferno! Só se for, uai! Agora, o inferno ninguém não sabe... Ninguém não sabe onde é o fim dele!*

E uma pessoa que trabalhou a vida inteira, que teve uma vida muito difícil, que sofreu, merece ir para o céu?

*Eu acho que merece . Porque tem gente que é muito bonzinho mesmo. Tem gente que não é ruim mesmo não. Tem gente que é bonzinho mesmo! Eu não falo que eu tenho inimigo não. Eu lido bem com todo mundo, todo mundo me trata bem, eu também trato eles bem, não tem conversa, não tem nada. Mas tem gente aí que não dá para ser seguro não, que não trata bem os outros não. É só vem a nós; ao vosso reino, nada!*

E o senhor acha que vai para o céu?



*Uai! Eu não sou muito ruim não, uai! Às vezes... [risos] Às vezes é capaz de eu ir, uai! Agora, esse negócio de ser muito ruim para os outros, ser muito ruim demais; aí não vai não. Por causa disso que eu lido com todo mundo bem e todo mundo lida comigo. Eu não posso ser ruim para ninguém. (...) A gente não fazendo muita maldade, às vezes a gente vai. Agora, tem uns que fala assim com outro: "Vai para o inferno!". [risos] Tem uns que gosta de mandar o outro para o inferno.*

O senhor acha que essa praga pega?

*Capaz de não pegar não. Agora, se o outro não gostar dele, e fizer maldade para ele, aí é capaz que pega.*

O senhor acredita em macumba?

[ele fica pensativo e me responde com a voz baixa] *Eu não! E nunca fui em macumba. Nunca fui não.*

Tem medo?

*Se eu tiver lá, no meio do pessoal lá, eu não tenho medo não.*

O senhor acredita em assombração?

*Se eu acredito em assombração? Eu... Eu não! Eu falo que eu não tenho medo e eu nunca vi! Muita gente conta que tem, né? Mas eu ... Eu tenho rodado para todo lado, já andei pra todos os lados a noite inteira e nunca vi nada na minha frente; nem preto, nem branco e nem nada de bicho. Uai! Eu num tô falando com cê que eu já fui lá, lá para aqueles lado da Serra da Onça; andei a noite inteira, saí daqui, andei a noite inteira, fui embora mesmo... Cheguei aqui às 2 horas da tarde, andei é a noite inteira, a noite inteira, até amanhecer e não vi em lugar nenhum!*

E o senhor queria ver?

*Eu não! [risos] Mas, tem gente que parece que tem um medo de assombração! Agora, falam que assombração é vivo... Diz que já viu lobisomem, mula-sem-cabeça... Eu nunca vi. Nunca vi! Na quaresma...*

E o senhor acha que isso existe mesmo, o senhor que nunca viu, ou isso não existe?

*Eles falaram que existe. Me contaram, não sei se é mentira que pegaram em mim, mas me contaram: ali onde tem aquele negócio ali, logo na saída do Barreiro [um bairro de Visconde do Rio Branco], tem uma casa grande, eles falaram que pegaram uma mula-sem-cabeça ali. Falou mesmo! Há muito tempo, eu já ouvi falar. Eu era menino!*

E o senhor não viu?

*Eu não vi não. Diz que pegaram uma mula-sem-cabeça ali. Era uma mulher [risos]. Eles falam que é mulher que vira mula-sem-cabeça...*

E o que fizeram com ela?

*Eles pegaram ela lá, mas diz que depois ela... sumiu! Lobisomem também, diz que é homem que vira lobisomem.*

E o senhor acredita nisso?

*Eu não acredito não. Graças a Deus, eu nunca vi também. Nunca! Andava de noite... Agora a quaresma passa, eu nem alembro de lobisomem e nem de mula-sem-cabeça mais... Acabou! Antigamente, quaresma era tempo de lobisomem. Mas agora eu não tô vendo ninguém falar mais... A quaresma passa a gente nem vê que ela acabou.*

O senhor tem algum comportamento diferente durante a quaresma? Por exemplo, o senhor faz jejum?

*A gente faz um respeito sim.*

O senhor faz?

*Faço! Eu gosto de jejuar, a gente tem as horas para comer... Depois que come acabou: oferece o jejum.*

A vida de João Paulo sempre seguiu o mesmo curso e sempre foi pautada pelos mesmos valores. O reconhecimento e o respeito da família pelo seu serviço e, com isso, a sensação proveniente de ser necessário, de ser útil, constituíam seu sentimento de valor pessoal e a orientação de sua vida. Ele diz que sempre foi feliz e que nunca lhe faltou nada. Assim, nunca quis sair daquela região, trabalhar para outra pessoa ou se casar. Mesmo depois que os patrões morreram e ele ficou sozinho, ele não quis sair de lá. Sua identidade está lá, ele se reconhece trabalhando naquela terra, preservando a casa e a memória dos patrões.

O senhor gosta daqui?

*Eu gosto, uai! Eles até me chamam: "Vamos para a cidade hoje?". Eu falo: "Eu não, hoje eu não vou não. Outro dia eu vou". Aí outro dia, eu panho uma carona aí, eles me leva e eu vou.*

E o senhor não tem vontade de morar lá na cidade, lá na rua?

*Posso ir, mas é capaz de eu custar acostumar...*

Mas lá tem forró!

*Pois é, lá tem... Mas, agora eu não vou mais não... No forró não. Eu já estou velho prá daná! [risos] Não danço mais, eu já dancei muito. Antes tinha baile, todo aniversário que o véio mais a véia fazia, tinha baile... Era bom prá daná aqueles bailes lá! Juntava um tanto de gente! Era uma festinha boa prá daná!*

Falta alguma coisa na vida do senhor?

*Para mim não falta nada!*

O senhor é feliz?

*Uai!... Graças a Deus [levanta o chapéu]! Não falta nada. Eu não tenho amolação! Ninguém me amola! Eu fico aqui sozinho, ando sozinho, vou para aqui, vou para ali... Nada me faz chateação! E acho isso bom!*

O senhor gosta de ficar sozinho?

*Gosto! Eles me chamam para ir na cidade, eu falo: "não, hoje não, outro dia eu vou". Se eu gostasse, eu ia todo dia, aproveitava a carona. Mas eu ficar lá, para mim ficar parado, às vezes não fazer nada, ficar lá sentado à-toa o dia inteiro... Eu vou num dia para lá, durmo, no outro dia às vezes eu quero vir embora, eles me trazem.*

O senhor tinha vontade de se casar?

*Não, não tenho não! Nunca quis casar não. Não tinha idéia de casamento. Eu achava bastante, mas nunca... queria moça para casar e nunca tratei casamento também não. Eu até hoje acho bom não ter casado [risos]! A gente fica mais folgado, fica mais sozinho, pode ir onde quiser; não tem nada, não tem conversa não.*

O senhor tinha vontade de ter filho?

*Eu não!*

Nunca teve?

*Eu não! Nem vontade de casar eu nunca tive! Nunca tive vontade de casar! Às vezes, tinha umas crioulinha que às vezes gostava de querer eu... Eu saía fora delas só para não ir na casa delas. Eu não tinha idéia de casamento não. A minha mãe mais um homem aí, quase pegou eu para casar... Mas eu escondi!*

Mas se senhor tivesse casado, talvez o senhor teria filhos que te ajudassem aqui hoje.

*E isso é mesmo. Mas, eu não tinha vontade de casar não. Não tinha vontade de casar e achei bom não ter casado. Agora, se fosse para combinar bem, aí tava muito certo. Mas se fosse para ficar brigando, igual tem muitos aí que brigam, que largam para lá; isso não dava para mim não.*

E por que o senhor achava que não ia combinar?

*Às vezes... Porque tem umas mulherzinhas aí que é duro na parada! E os homens também às vezes é meio bravo, é meio forte... Aí não combina. Mas eu não era brigador não; eu não tinha idéia de casamento.*

O senhor já conheceu alguma “mulherzinha duro na parada”?

*Ah, antigamente, as mulher mais os homem era aquela brigaiada!*

Os seus pais brigavam?

*Meu pai não. Meu pai não brigava não. Antigamente tinha muitas brigas, né? Agora é que parou esse negócio de muita briga de casado. A gente quase não vê falar que uma dona tá brigando com o marido. É muito difícil. Agora está combinando mais. Mas mesmo assim, ainda briga prá daná!*

Quem faz a comida para o senhor?

*A comida eu faço também.*

O senhor sabe fazer?

*Eu acostumei a fazer... Um bocadinho, eu faço.*

A sua comida é boa?

[risos] *Eu faço tudo numa panela só!* [risos]

E fica gostosa?

*Fica! Bem cozidinho, mais temperado.... Eu não como muito não, mas faço direitinho. Mas comida ruim também, eu não faço não. Mas custei aprender, heim?! Eu aprendi foi depois que eu passei para aqui, porque aqui tinha uma dona que cozinhava, que morava ali embaixo. Mas depois que fiquei sozinho, eu passei fazer comida pra mim. Eu mudei para aqui dentro de casa, tem fogão, tem as coisas tudo direitinho... Agora eu acostumei. Tem dia que eu faço comida, eles trazem comida para mim... Eu como e até sobra.*

O que o senhor mais gosta de comer?

*Eu como quase toda comida... Um arrozinho com feijão, um macarrãozinho amarelinho, um pedacinho de frango, um pedacinho de carne... É muito bom! Agora, verdura, jiló, essas coisas diferentes eu gosto também. Não vou falar que não gosto não, porque gosto; como tudo! Uma abobrinha amarelinha com quiabo também é bom, nós come. Tudo é bom!*

O senhor almoça e janta?

*É, eu como um bocadinho do que eu faço, depois como de tarde, depois a noite eu como mais um bocadinho, aí arrumo e vou deitar. Rezo o meu Padre Nosso e vou dormir! Nada me amola!*

O senhor não reclama de nada?

*Não, tô satisfeito! Eles vai [Henrique e a família]... Deixa aí a casa aí... Eu fico cozinhando aí... Como um pão, eles deixa pão para mim aí ou se eu tenho dinheiro, eu mando trazer para mim da cidade. Não passo um dia sem uma merenda. É muito difícil! Só se eu quiser. A comadre [esposa de Henrique] faz doce e traz para mim. Ela traz para mim, às vezes ela faz aqui mesmo. Quando tem manga aí, nós faz doce e eu como doce de manga o ano inteiro! [risos] Eu... Agora eu vou falar com você: a gente acaba de comer, tira um pedacinho de doce e põe na boca. Vai comendo, vai comendo, custa acabar! Ela deixa um docinho para mim aí e eu vou comendo devagarzinho. De manga é bom pra daná! E não atrapalha! Eu como doce o ano inteiro! E não acho ruim! Ela faz lá na cidade um docinho e traz para mim. Ela trata bem de mim! Ela é boazinha prá daná, a comadre. Nós combina desde... ela era mocinha, desde antes dela casar. Boazinha mesmo! Ela nunca me deu uma má resposta, eu também nunca dei uma má resposta nela. Nós nunca brigamos de mal-criação um com o outro não!*

O senhor quer chegar aos 100 anos?

*Eu lá vou, né? Já estou bem perto.*

Vai fazer festa quando chegar aos 100 anos?

*[risos] Vamos ver se dá, né? Às vezes dá para fazer uma festa. Às vezes dá para fazer uma festinha... Com forró dos 100 anos! É eu, é nós dois; é eu e um companheiro ali [um*

vizinho]; *nós lá vamos... Ele é velho, da mesma idade de mim. É quase da mesma idade. O meu companheiro aqui é ele.*

O senhor passeia, anda, com ele?

*Anda! Ele anda de bicicleta. Nós vai de bicicleta, engalopado na garupa!*

Visconde do Rio Branco, 29/01/2007.

**CAPÍTULO 3 - A importância moral do reconhecimento: da  
subalternidade à dignidade**

### 3.1 - Das disposições à sua gênese

Como já destacado anteriormente, as reflexões acerca da família, enquanto instituição, presentes nesse trabalho, não se situam no âmbito de uma sociologia da família. Não é meu objetivo uma análise desta instituição, da sua constituição, da sua estrutura, do seu papel social etc. No entanto, como é um tema interligado ao que analiso, alguns pontos da enorme discussão que o envolve devem ser tocados. As considerações teóricas feitas aqui são apenas para iluminar uma dada realidade empírica.

Espero que tenha ficado claro em cada entrevista o papel central da família na produção e preservação do *habitus* dos filhos-de-criação. Em todos os casos, exceto os de Anita e de João Paulo, as pessoas foram “acolhidas”/“adotadas” ainda criança, de modo que a educação e a socialização ficaram por conta da família “adotiva”. Cada entrevistado relatou com precisão a sua origem e as condições em que foi “adotado”. A história é sempre a de um passado difícil, sofrido e problemático; o que faz da “adoção” uma espécie de salvação, que os livrou da precariedade das condições da família biológica e do triste destino a que estariam condenados. Essa é a reprodução do discurso no qual foram educados. A própria família “adotiva” foi quem lhes contou sobre as suas origens, sempre os lembrando que “se não fosse ela, talvez nem vivos estariam” ou então que “adoção é uma escolha; que poderia não ter sido feita”.

A minha mãe [biológica] já estava com uns sete meses de gravidez, aproximadamente, e ela estava comendo macarrão, mas macarrão cozido na água... Não tinha gordura, não tinha sal, não tinha alho, não tinha nada! Era o cúmulo da pobreza! (Laura).

Porque o negócio com a minha mãe [biológica] é o seguinte: quando ela me teve, eu sou a mais velha, ela não queria filha mulher. Ela não quis filha mulher. (...) Ela me batia... Eu creio assim; que ela me batia, me fazia muito medo... Porque as poucas coisas de medo que eu lembro, era ela que me fazia. (...) Ah! Ela era meio maluca! [risos] Não sei não, mas era mesmo. Você sabe por quê? De vez em quando ela cismava que ia suicidar... Toda problemática também, tá? Toda problemática! Porque o pai dela morreu matado... Toda problemática... (Clara).



Eu creio que a minha família [biológica] não tinha condições de me criar, então, esse senhor me pegou para criar. [A família que te pegou para criar tinha uma condição financeira boa?] É, eles também eram pobres, né? Mas, perto da situação em que eu me encontrava, aquela situação de... humilhação, era melhor eles me pegarem para criar do que eu viver daquele jeito, né? (Alessandro).

Quando me pegaram eu estava na rua. Na rua! Sem nada... Sem ninguém para me olhar, os irmãos mais velhos tudo oh! [“nem aí”]. Eu passava ali em algumas casas e falava: “Ô fulano, me dá um pão para mim comer”. Pedia dinheiro para comprar as coisas para mim comer. Não tinha ninguém para me ajudar... (...) Eu andava tudo sujo, com o calçãozinho todo sujo... pelo meio da rua lá, entendeu? (Sebastião).

Em todos os casos, os filhos-de-criação foram criados com a certeza de que foram livrados de um triste destino. Até mesmo os casos de Anita e de João Paulo, que passaram a infância com a família biológica, as condições de desamparo em que ficaram depois que os pais morreram foram resolvidas ao ir morar com uma família. Assim, é compreensível que as disposições mais marcantes e recorrentes em todos os casos sejam:

- Gratidão: à família, aos amigos, a Deus etc. A gratidão é um princípio cultivado pela família e atualizado pela religião. Em todos os casos, a gratidão é vista como um dever; por isso, aplicada a tudo.
- Prestimosidade: em toda relação social (à “Igreja”, aos amigos e aos vizinhos), sobretudo à família. É uma disposição associada ao dever de retribuição que têm para com a família.
- Aceitação: tanto das coisas boas quanto das ruins.
- Resignação: em todas as situações e em todos os estágios da vida. Esta é uma disposição ligada à aceitação; aceitam as adversidades e se conformam, sempre.
- Obediência: às pessoas, às normas, às situações, às instituições etc. Não foi relatado um caso sequer de desobediência a qualquer coisa. Sempre de obediência.

- Submissão: principal das disposições. Reúne todas as anteriores. São submissos à família “adotiva”, aos amigos, e até à família que (alguns) constroem depois que os pais “adotivos” morrem.

Em função do histórico de vida anterior à “adoção”, a família é vista pelos filhos-de-criação como um privilégio. A concepção que têm está muito próxima da concepção do *family discourse*, onde a família é vista como uma realidade que transcende seus membros, uma personagem dotada de uma vida e de um espírito coletivos e de uma visão específica do mundo; o que lhe permite agir como uma espécie de “sujeito coletivo” e não como um simples agregado de indivíduos. Em todos os casos analisados, a subordinação dos filhos-de-criação não se dá a uma pessoa específica da família, mas à família como um todo; à família enquanto instituição social. A mesma postura submissa que têm com os “pais”, têm também com os “irmãos”, inclusive com os “irmãos” mais novos.

A família produziu a estrutura necessária de formação e atualização destas disposições. Vimos, na parte dedicada a Bourdieu, que a família exerce exatamente esse papel. A família, como uma “categoria”, funciona como um princípio comum de visão e de divisão e é um dos elementos centrais da constituição do *habitus*. Para Bourdieu (1996: 128), a família como categoria social objetiva (estrutura estruturante) é o fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria mental que é a base de milhares de representações e de ações que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva.

Ainda de acordo com Bourdieu (Idem: 117), há, no próprio interior da família, um trabalho de reprodução da unidade doméstica, de sua integração, que é encorajado e sustentado por instituições como a Igreja ou o Estado. De fato, a maneira como a família “adotiva” educou, criou e socializou os filhos-de-criação, como também os biológicos, contava com o respaldo da religião. Nas disposições listadas acima, é visível a presença dos principais princípios religiosos, sobretudo o da gratidão. Em todos os casos, os pesquisados relataram a infância religiosa que tiveram – o hábito de ir à igreja, à missa etc. – que seus “pais” lhes passaram e a intensidade com que essa religiosidade ainda se faz presente em suas vidas. Desse modo, é como se a religião legitimasse a educação recebida. Ir contra os princípios familiares significaria ir contra os princípios da Igreja; contra Deus.

Viu-se ainda, na parte dedicada a Bourdieu, que a família, abordada como uma categoria, funciona como um princípio coletivo de construção da realidade coletiva que é ele próprio socialmente constituído e que é comum a todos os agentes socializados de uma certa maneira. Esse princípio de construção da realidade funciona como uma espécie de lei tácita da percepção e da prática que fundamenta o consenso sobre o sentido do mundo social, fundamenta o senso comum. No entanto, Bourdieu ressalta (Idem: 132), contra a percepção do *family discourse*, que nem todas as famílias e, no interior da mesma família, nem todos os seus membros, têm a mesma capacidade e a mesma propensão a conformar-se à definição dominante. Isso explica por que o *habitus* dos filhos biológicos não é, sequer, semelhante ao dos filhos-de-criação. Nenhum dos filhos biológicos, nos casos em questão, submeteram ou sacrificaram suas vontades às vontades dos pais. A estrutura objetiva sobre a qual foram socializados, educados, com o respaldo religioso, foi, em certa medida, a mesma, como atesta os próprios entrevistados. No entanto, os filhos-de-criação tinham a estrutura subjetiva (consciência de suas histórias anteriores com a família biológica) necessária para a incorporação plena dos princípios de visão e de divisão provenientes da família e, assim, para a constituição das disposições destacadas. O princípio da gratidão, por exemplo, não funcionava apenas como um princípio que todos devemos nos esforçar para praticá-lo, como no caso dos filhos biológicos, mas funcionava antes como um dever; um dever de retribuição à generosidade da família que os livrou de um triste destino.

Bourdieu critica o *family discourse* que concebe a unidade doméstica apoiada em um conjunto de pressupostos cognitivos e de prescrições normativas que dizem respeito à maneira correta de viver as relações domésticas: universo no qual estão suspensas as leis corriqueiras do mundo econômico, a família é o lugar da confiança e da doação – por oposição ao mercado e à dádiva retribuída. Para Bourdieu, a família não passa de uma ficção (bem fundamentada, já que funciona no *habitus*), produzida e reproduzida com a garantia do Estado; “*ela sempre recebe do Estado os meios de existir e de subsistir*” (Idem: 135).

Me pareceu claro em todos os casos que há, de fato, uma espécie de “espírito de família” que une seus membros, mas isso não permite dizer que todos os seus membros são socializados da mesma forma; ou melhor, que possuem os mesmos *habitus*, que julgam o mundo com os mesmos princípios de visão e de divisão. Segundo Bourdieu, as forças de

“fusão”, especialmente as disposições éticas que levam à identificação dos interesses particulares dos indivíduos com os interesses coletivos da família, devem contar com as forças de “fissão”, isto é, com os interesses dos diferentes membros do grupo, mais ou menos inclinados a aceitar a visão comum e mais ou menos capazes de impor seu ponto de vista “egoísta”. As disposições incorporadas dos filhos-de-criação estão fundadas em uma maneira específica de criação, que tem a ver com o fato de a família ter feito uma “caridade” em “adotá-los”. Assim, os princípios de visão e de divisão podem variar em uma mesma família.<sup>20</sup>

Bourdieu diz que para existir e subsistir, a família tende a funcionar como um campo, com suas relações de força física, econômica e sobretudo simbólica (vinculadas, por exemplo, ao volume e à estrutura dos capitais que seus diferentes membros possuem) e suas lutas pela conservação ou transformação dessas relações de força. O “trabalho simbólico”, de que fala Bourdieu, refere-se à instituição em cada um de seus membros, de sentimentos adequados a assegurar sua integração, sem a qual ela não existe. Nesse sentido, por meio de um trabalho simbólico e prático, a família tende a transformar a obrigação de amar em disposição amorosa e a dotar cada um dos seus membros de um “espírito de família” gerador de devotamentos, de generosidades e de solidariedades. Bourdieu destaca que o trabalho simbólico de constituição ou de consagração necessário para criar um grupo unido tem tanto mais oportunidades de ser bem sucedido quanto mais os agentes sobre os quais ele se exerce estejam inclinados a se reconhecerem mutuamente e a se reconhecerem em um mesmo projeto.

Taylor também aborda a família como algo que fundamenta sentimentos. A família tem, antes de tudo, importância moral. Ela torna os sentimentos moralmente relevantes. Taylor mostra, historicamente, como a família torna-se uma realização humana essencial, como ela transforma o afeto, o amor, em sentimentos de importância moral, em parte crucial daquilo que torna a vida valiosa e significativa. A importância moral dos sentimentos aliada à cumplicidade entre as estruturas objetivas e o *habitus* configuram, ao meu ver, o suporte teórico necessário para entendermos a particularidade dos casos em questão.

---

<sup>20</sup> Bernard Lahire levou a cabo essa discussão em *Retratos sociológicos* e em *A cultura dos indivíduos*.

Associando a idéia de que a família produz um “espírito de família”, onde os sentimentos adquirem relevância moral, à idéia de que cada um dos seus membros tem o *habitus* predisposto a incorporar em maior ou menor grau esse espírito, pode-se compreender o peso dessa instituição para os filhos-de-criação, dado o histórico de vida com a família biológica. A inexistência de estrutura familiar biológica e a consciência do abandono e da precariedade, fizeram com que o *habitus* dos filhos-de-criação estivesse predisposto a incorporar plenamente esse espírito de família e a depender dele. Todos os casos mostraram como esse espírito está inscrito no *habitus*. Nos casos em que os filhos-de-criação conviveram com a família “adotiva” desde a primeira infância, isto é evidente. Até o caso de João Paulo, que foi morar diretamente com os patrões já na fase adulta, pode ser analisado dentro dessa ótica, pois, ele nasceu e cresceu nas terras dos patrões, convivendo com a família destes e se considerando parte dela; resguardando o respeito à hierarquia, como na análise do agregado. O caso de Anita destoa dos demais, no entanto, serviu para confirmar o raciocínio desenvolvido até aqui. Anita foi o único caso em que houve ruptura com a família “adotiva”, ainda que a relação de submissão e exploração tenha sido apenas substituída. Não por acaso, esse também foi o único caso em que não houve convivência com a família “adotiva” desde a infância; Anita foi morar com os patrões quando já tinha vinte e dois anos. Ainda que seja possível observar em Anita as mesmas disposições recorrentes nos demais casos, estas não foram constituídas pela família “adotiva” e sim pela biológica. A família biológica de Anita a criou para o trabalho árduo e para a obediência, devido à precária condição econômica em que viviam e a educação autoritária que recebeu do pai. Desse modo, ela nunca sentiu o peso do excesso de trabalho em sua vida e sempre se dispôs a se subordinar tanto ao trabalho como às ordens. Isso explica a naturalidade da sua relação com os patrões bem como a tenuidade de seu vínculo com a família destes.

A relação familiar de todos os casos pode, se estou certa, ser analisada dentro da lógica das relações simbólicas de que fala Bourdieu. Bourdieu (1996: 115-118) ressalta que as relações de força mais brutais são, ao mesmo tempo, relações simbólicas e os atos de submissão, de obediência, são atos cognitivos que, como tais, põem em prática as estruturas cognitivas, as formas e categorias de percepção, ou seja, os princípios de visão e de divisão. Essas estruturas cognitivas não são, segundo Bourdieu, formas de consciência, mas disposições do corpo, e a obediência que prestamos às injunções do mundo não pode ser

compreendida como submissão mecânica a uma força nem como consentimento consciente a uma ordem. Essa ordem, ou “chamados à ordem”, como define Bourdieu, só surtem efeito para aqueles que estão predispostos a percebê-los e que “reanimam” disposições corporais profundamente enraizadas, que não passam pela via da consciência e do cálculo. É uma submissão “dóxica” dos dominados às estruturas de uma ordem social da qual suas estruturas mentais são o produto. A submissão à ordem estabelecida é produto do acordo entre as estruturas cognitivas que a história coletiva (filogênese) e individual (ontogênese) inscreveram nos corpos e nas estruturas objetivas do mundo ao qual se aplicam. É a particularidade da história individual dos filhos-de-criação que faz com que o acordo que se estabelece com a história coletiva produza resultados diferentes do dos filhos biológicos. É nesse acordo imediato e tácito que se apóia a relação de submissão dóxica que nos liga, por todos os liames do inconsciente, à ordem estabelecida, afirma Bourdieu.

Ao agir naturalmente de forma submissa, dada à cumplicidade entre *habitus* e estrutura objetiva que coloca em cena as disposições adquiridas desde a mais tenra idade, os filhos-de-criação obtém o reconhecimento, o respeito atitudinal da família. É aí que se fundamenta a relação de submissão e exploração.

### 3.2 - A dignidade como *illusio*

O reconhecimento da família é de extrema importância para os filhos-de-criação, ele atua no próprio auto-reconhecimento dessas pessoas. Não é um reconhecimento no sentido comum do termo, é um reconhecimento que provém do respeito atitudinal das pessoas e que ajuda compor os pressupostos necessários para a constituição da noção de dignidade. No caso dos filhos-de-criação, o reconhecimento não ajuda compor os pressupostos; ele próprio é o pressuposto do sentimento de dignidade. A teoria de Taylor complementa, a meu ver, de forma precisa a filosofia disposicional de Bourdieu e permite compreender o fundamento da relação entre os filhos-de-criação e a família que, sozinha, a cumplicidade entre *habitus* e estrutura objetiva não permite.

Segundo Taylor (1997: 55), só nos definimos como *selves* em relação a certos interlocutores: de um lado em relação àqueles em que foram essenciais para alcançarmos nossa auto-definição; de outro, em relação aos que hoje são essenciais para a continuidade de nossa auto-compreensão. É essa situação que confere sentido ao que Taylor chama de “identidade”. Para Taylor, só definimos a nossa identidade ao definir a posição que ocupamos na árvore genealógica, no espaço social, na geografia das posições e funções sociais, nas relações íntimas com aqueles que amamos e, de modo também crucial, no espaço de orientação moral e espiritual no qual vivemos nossas relações definitórias mais importantes. Desse modo, só podemos aprender o que são a raiva, o amor, a ansiedade, a aspiração à plenitude etc., por meio de nossa experiência com os outros, deles como objetos de *nós* em algum espaço comum. É nesse sentido que Taylor diz que um *self* só existe no âmbito de uma “rede de interlocução”.

No caso dos filhos-de-criação, a auto-definição, a auto-compreensão estão presas ao pertencimento à família em todas as etapas da vida. Se de um lado a família funciona como o espaço social destas pessoas, de outro, ela funciona com exclusividade no espaço de orientação moral. O reconhecimento do valor pessoal dos filhos-de-criação, de ser como pessoa ou *self*, nos termos de Taylor, está ligado ao reconhecimento proveniente da família. Como vimos, a dignidade é definida por um conjunto de pressupostos que nos tornam merecedores do respeito atitudinal, ou seja, do reconhecimento, da admiração, das pessoas que nos cercam. Devido à ausência de contextos de ação para os filhos-de-criação, a família

constitui a sua única fonte de reconhecimento, de dignidade, o que a coloca na posição de “bem” maior, ou “hiperbem”. Como mostra Taylor, aquilo que consideramos como bem é fruto de nossas avaliações fortes, que existem independente de nossos desejos e representam padrões com base nos quais julgamos o que é melhor ou pior, certo ou errado etc. São as avaliações fortes que nos fazem sentir, pensar e agir com a sensação de que alguma ação ou modo de vida é mais importante do que outros. Ainda de acordo com Taylor, é a orientação na direção desse bem, que mais se aproxima da definição da identidade da pessoa e, portanto, o direcionamento para esse bem tem para ela importância ímpar. Nosso sentido de integralidade, de plenitude, de ser como uma pessoa ou *self*, está atrelado à nossa orientação ao que julgamos como bem.

Foi recorrente em todas as entrevistas o papel central desempenhado pela família na vida dos filhos-de-criação. A vida dessas pessoas é orientada pela e para a família. É a família o que lhes confere identidade e dignidade, ainda que num jogo de submissão e exploração. Não há participação em outros universos que lhes possa conferir esse sentido de reconhecimento, necessário para o próprio auto-reconhecimento. Desde a infância, o universo de ação dessas pessoas se resume à família. Todos os filhos-de-criação tiveram pouquíssimo contato com a escola (exceto Laura), não trabalharam fora de casa, se relacionavam sempre com as mesmas pessoas, não participavam de qualquer atividade social, comunitária etc. Bourdieu destaca (1996: 35) que a instituição escolar contribui para reproduzir a distribuição do capital cultural e, assim, a estrutura do espaço social. A reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural se dá na relação entre as estratégias da família e a lógica específica da instituição escolar, ou seja, no cerne da carência dos filhos-de-criação. Nenhum deles possui as “características” necessárias para o ingresso nas instituições-chaves do mundo moderno. Todos possuem baixo capital familiar, baixo capital econômico, baixo capital escolar, baixo capital cultural etc., o que faz com que a posição que ocupam no espaço social, dentro deste contexto “moderno”, não lhes confira nenhum tipo de reconhecimento, que lhes possa render dignidade. Desse modo, o pertencimento à família é, como diz Taylor, de “importância ímpar” para essas pessoas.

Em *A integração do negro na sociedade de classe*, Florestan Fernandes aponta um significado semelhante da família para a “população de cor”, como ele diz. Não cabe aqui uma reconstrução do caminho percorrido por Fernandes para chegar até esse significado, no



entanto, por questões de entendimento, dedico este parágrafo a uma brevíssima introdução a essa análise para depois abordar o ponto que me interessa. Entre outras coisas, Fernandes discute nesse trabalho a pauperização e a anomia social no “meio negro” na cidade de São Paulo no período que vai do final do século XIX a 1930. Do ponto de vista sociológico, ele faz uma crítica aos estudos que consideram fatores tópicos, como o desemprego, o alcoolismo, o abandono do menor, dos velhos e dos dependentes, a mendicância, a vagabundagem, a prostituição, as doenças e a criminalidade; como as causas da desorganização social do “meio negro”. Sem dúvida, afirma Fernandes (1987: 153), estes fatores constituem problemas sociais de inegável importância na história cultural dessa população, mas não podem ser encarados como “as causas” da desorganização social e tampouco devem ser compreendidos como fenômenos isolados. A inexistência da família como instituição social integrada ou o seu funcionamento inconsistente, por estar formando-se em condições sumamente adversas, é que vem a ser, segundo Fernandes, os elementos centrais. A ausência da família ou da constituição do seu influxo psicossocial e sócio-cultural na modelação da personalidade básica, no controle de comportamentos egoísticos ou anti-sociais e na criação de laços de solidariedade moral, explicam, para Fernandes, a amplitude e a virulência com que se manifestavam os referidos problemas sociais.

Para provar a tese de que a ausência ou a deficiência da estrutura familiar produz conseqüências danosas, entre elas os problemas sociais citados como as causas da desorganização social do “meio negro”, Fernandes relaciona um a um desses problemas ao contexto familiar. São de extrema congruência com o tema deste trabalho alguns pontos dessa análise; entre eles, as duas fortes motivações psicossociais que, segundo Fernandes, imprimiam significado especial às reuniões que aconteciam nas esquinas, nos terrenos baldios, nos bares e nos botequins, devido à ausência de outras formas conspícuas de utilização construtiva do lazer para o negro:

Primeiro, elas foram reiteradamente proibidas no passado escravista e reprimidas pela polícia nos primeiros anos subseqüentes à Abolição. Realizar essas reuniões adquiria, pois, o caráter de desafio e de uma auto-afirmação grupal. Segundo, o negro sempre foi privado da liberdade do convívio com o outro e da comunicação em grupo. As

reuniões permitiam explorar uma nova esfera da experiência humana, de participação da vida em grupo e dos prazeres da conversação. Essas duas motivações insinuam que o consumo de bebidas alcoólicas não surgiu, primariamente, como o objetivo central dessas reuniões. (...) No fundamental, ali os homens (e, eventualmente, também as mulheres) ‘conversavam’, mostravam-se ‘gente’ e competiam entre si por ‘consideração’ – isto é, pelo respeito, pela admiração e pelo amor dos outros. (...) Tratava-se, essencialmente, de corresponder aos desejos básicos da ‘pessoa humana’, que impulsionam os indivíduos no sentido de verem reconhecido o seu ‘valor’ e de sentirem-se ‘parte de um grupo’. Porque esses desejos não podiam ser satisfeitos normalmente pela família, pelo grupo de trabalho ou por outros agrupamentos institucionalizados é que se formavam aquelas claquas (...) (Idem: 165/166).

Em outra passagem, referida ao abandono dos jovens negros à própria “sorte”, Fernandes ressalta a importância da família na concessão de dignidade, ou seja, de reconhecimento e de respeito atitudinal, fundamentais para a formação da auto-estima, do auto-reconhecimento do valor pessoal. Além disso, essa passagem mostra claramente a família vista como um privilégio, o que lhe atribui uma importância ainda maior do que em condições comuns.

Um dos sujeitos das histórias de vida, que vivia com a mãe e a irmã, ‘ao deus-dará’, relata o deslumbramento que sentiu, por volta de 1911, ao passar a viver, aos dez anos, na casa de um italiano. Viu, então, ‘o que era viver no seio de uma família, o que entre eles (os italianos) era coisa séria’. ‘Gostava porque comia na mesa...’ e podia apreciar em que consistia ‘viver como gente’ (Idem: 174).

O que está em questão nas duas passagens é a importância do reconhecimento, seja de um grupo social, seja da família, para o próprio auto-reconhecimento. O que está por trás de “ser gente” não é “ser branco”, mas ser digno de respeito ativo e atitudinal das outras pessoas. O caso dos filhos-de-criação se encaixa nas condições analisadas por Fernandes: o pertencimento à família lhes assegura identidade, auto-reconhecimento como “gente” ou como “*self*”. No entanto, isso não é refletido, não aparece de forma explícita, o que faz com que outras questões, aparentemente, dêem conta de explicar a relação de submissão que se

estabelece; como, por exemplo, questões de carência material ou, como no caso do estudo de Fernandes, de “cor da pele”. A análise de Bourdieu explica o mecanismo de dissimulação do que realmente está em jogo que atua nesse tipo de relação.

Bourdieu ressalta (1996: 144) que quando a percepção é constituída de acordo com as estruturas do que é percebido, tudo parece evidente, tudo parece dado. “*É a experiência dóxica pela qual atribuímos ao mundo uma crença mais profunda do que todas as crenças (no sentido comum) já que ela não se pensa como uma crença*”. Bourdieu diz que os agentes possuem o sentido do jogo incorporado, no *habitus*, e é exatamente por isso que reconhecem os alvos sem, no entanto, colocá-los como fim. Para ele (Idem: 164), o melhor exemplo de disposição é o sentido do jogo: o jogador tendo interiorizado profundamente as regularidades de um jogo, faz o que faz no momento em que é preciso fazê-lo, sem ter a necessidade de colocar explicitamente como finalidade o que se deve fazer. O *habitus* é esse senso prático do que se deve fazer em dada situação, o que no esporte, como destaca Bourdieu, é chamado de “senso do jogo”; arte de antecipar o futuro do jogo inscrito, em esboço, no estado presente do jogo. Da mesma forma, os agentes sociais que têm o sentido do jogo, que incorporaram uma cadeia de esquemas práticos de percepção e de apreciação que funcionam, seja como instrumentos de construção da realidade, seja como princípios de visão e de divisão do universo no qual se movem, não têm necessidade de colocar como fins os objetivos de sua prática. Os fins estão envolvidos no “afazer”, no “por vir”, que não é posto como objeto do pensar, mas inscrito no transcórre do jogo. As antecipações pré-perceptivas são criadas pelo próprio sentido do jogo, que está incorporado.

A abordagem da família como um “campo” permite compreender, de forma mais específica ao que é analisado nesse trabalho, essa noção de “sentido do jogo”. A noção de “campo” é definida por Bourdieu como um espaço de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um espaço de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme a sua posição, contribuindo, assim, para a conservação ou transformação de sua estrutura.<sup>21</sup> De acordo com Bourdieu, é uma propriedade muito geral dos campos que a competição pelo o que se aposta dissimule o conluio a propósito dos princípios do jogo. Todo campo tem suas

---

<sup>21</sup> Em *A dominação masculina* (1999), Bourdieu coloca que o funcionamento da unidade familiar como um campo encontra seus limites nos efeitos da dominação masculina.

relações pautadas na *illusio*; e cada campo produz sua forma específica de *illusio*. Os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos e a *illusio* é essa relação encantada com um jogo, que é o produto de uma relação de cumplicidade entre estruturas mentais e estruturas objetivas. Isso é o cerne da noção de interesse para Bourdieu.

A relação que os filhos-de-criação têm com suas famílias está pautada nessa cumplicidade entre os *habitus* e as estruturas objetivas em que vivem (que pouco variou com o tempo). O que está em jogo para os filhos-de-criação é o pertencimento à família, e não a questão da dignidade propriamente; pelo contrário, esta compõe, nesse caso, a *illusio* do campo familiar. E, como diz Bourdieu (1996 (1): 258/259), a *illusio* é tanto a condição como o produto do funcionamento de qualquer campo. Eles têm incorporado o sentido do jogo, de modo que reconhecem a *illusio* desse campo, sem necessariamente colocá-la como alvo. “*Se você tiver um espírito estruturado de acordo com as estruturas do mundo no qual você está jogando, tudo lhe parecerá evidente e a própria questão de saber se o jogo vale a pena não é nem colocada*” Bourdieu (1996: 139).

Inicialmente essa relação de submissão e exploração é apenas uma questão de cumplicidade entre *habitus* e estrutura objetiva, no entanto, o que está por trás legitimando e sustentando essa relação são questões morais. É o aparato moral que garante a preservação e continuidade desse jogo. Sem esse aparato, uma mudança na estrutura objetiva pode causar uma quebra da cumplicidade com o *habitus* e, conseqüentemente, uma quebra da *illusio*. Bourdieu ressalta (Idem: 194) que mudanças na estrutura objetiva podem causar mudanças no *habitus* e que nesses períodos de “crise” os agentes podem ter ações cuidadosamente pensadas (o que não significa calculadas) com base numa espécie de relação de custo – benefício. Em analogia à economia dos bens simbólicos, que se apóia na crença, a reprodução ou a crise dessa economia baseiam-se na reprodução ou na crise da crença, isto é, na perpetuação ou na ruptura entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas. Mas a ruptura não pode resultar apenas de uma simples tomada de consciência, como destaca Bourdieu; a transformação das disposições não pode ocorrer sem uma transformação anterior ou concomitante das estruturas objetivas das quais elas são o produto e às quais podem sobreviver.

### 3.3 - A tríade do reconhecimento

A relação de exploração e submissão dos filhos-de-criação com a família pode ser analisada dentro da lógica da “violência simbólica”. A violência simbólica é, segundo Bourdieu, essa violência que extorque submissões que não são percebidas como tais, apoiando-se em “expectativas coletivas”, em crenças socialmente inculcadas. De acordo com Bourdieu (Idem: 170-171), um dos efeitos dessa violência é a transfiguração das relações de dominação e de submissão em relações afetivas. O reconhecimento da dívida torna-se reconhecimento, ‘sentimento’ duradouro em relação ao autor do ato generoso, que pode chegar à afeição, ao amor. Para que o ato simbólico tenha, sem gasto visível de energia, essa espécie de eficácia mágica, é preciso, destaca Bourdieu, que um trabalho anterior, freqüentemente invisível e, em todo caso, esquecido, recalcado, tenha produzido, naqueles submetidos ao ato de imposição, de injunção, as disposições necessárias para que eles tenham a sensação de ter de obedecer sem se colocar a questão da obediência. A violência simbólica apóia-se em uma teoria da crença ou, melhor, em uma teoria da produção da crença, do trabalho de socialização necessário para produzir agentes dotados de esquemas de percepção e de avaliação que lhes farão perceber as injunções inscritas em uma situação ou em um discurso e obedecê-las. Essa crença não é uma crença explicitamente colocada como tal, mas uma adesão imediata, uma submissão dóxica às suas injunções. Ainda de acordo com Bourdieu (Idem: 193), inaugura-se no centro do mundo social um universo no interior do qual a lei da dádiva retribuída torna-se a regra explícita e afirmada publicamente. Essa lei envolve o universo familiar enquanto instituição social.

Para que as trocas entre gerações continuem, ressalta Bourdieu (Idem: 179), é necessária também a intervenção da lógica da dívida como reconhecimento e a constituição de um sentimento de obrigação ou de gratidão. As relações entre as gerações são um dos lugares por excelência da transfiguração do reconhecimento da dívida em reconhecimento, piedade filial, amor. A piedade dos filhos-de-criação, que expressa o reconhecimento da dívida que têm com a família que os “livrou” da precariedade da situação da família biológica, se traduz em submissão, em subordinação. É uma submissão dóxica, que não é percebida e nem colocada pelos agentes, porque é fruto de suas disposições. A análise de Bourdieu (Idem: 207) da expressão “*noblesse oblige*”, aborda bem, ainda que de forma

invertida ao caso dos filhos-de-criação, a lógica específica da maneira como as disposições são postas em ação: o *habitus* do nobre dirige (no duplo sentido) suas práticas e seus pensamentos à maneira de uma força (“é mais forte do que eu”), mas sem constrangê-lo mecanicamente; ele também guia sua ação à maneira de uma necessidade lógica (“não há nada mais a fazer”, “não posso agir de outro modo”), mas sem se impor a ele como se aplicasse uma regra ou se submetesse ao veredicto de uma espécie de cálculo racional. A submissão dos filhos-de-criação ocorre da mesma forma, ou seja, sem cálculo racional, “é mais forte do que eu” ou “não há mais nada a fazer”, e sem constrangê-los mecanicamente.

Tanto a sociedade como a própria família esperam dos filhos-de-criação o reconhecimento da dívida, da “caridade” que a família lhes fez. Ao reconhecer esse “favor”, os filhos-de-criação obtêm o reconhecimento da família e da sociedade. Esse é um jogo extremamente articulado, mas que não é percebido por nenhuma das partes: para os filhos-de-criação, porque está inscrito no *habitus* e para a família e para a sociedade porque funciona de acordo com a “dívida retribuída”.

A dignidade dos filhos-de-criação é constituída primeiro pelo próprio auto-reconhecimento de ser como “pessoa”, “*self*” ou “gente”. Depois é sustentada pelo reconhecimento proveniente da família, expresso em respeito atitudinal. Por fim, é legitimada e preservada pelo reconhecimento oriundo da sociedade, também no sentido do respeito atitudinal. Como colocado na introdução deste trabalho e como espero que tenha ficado claro no estudo dos casos, as cidades onde a pesquisa se realizou, Guiricema e Visconde do Rio Branco, são duas cidades pequenas, provincianas, cuja organização social é pautada pelas relações pessoais. Os filhos-de-criação são conhecidos em suas cidade como pessoas boníssimas, que souberam retribuir a “caridade” da família “adotiva”. Eles são conhecidos e reconhecidos exatamente pela postura de submissão e subordinação que têm.

- \_ “É filho adotivo, mas é melhor do que filho legítimo...”;
- \_ “Nem os filhos legítimos tiveram tanto carinho e cuidado com os pais como ele tem”;
- \_ “É tratado com escravo, mas não abandona a família que o acolheu”;

- \_ “É o ‘braço direito’ de Conceição”;
- \_ “Cuidou dos pais até a morte!”;
- \_ “É uma ótima pessoa; sempre disposta a ajudar”.

O reconhecimento da sociedade preserva tanto a dignidade dos filhos-de-criação como também a relação de submissão e exploração com a família. Bourdieu diz (1996:152) que quando as representações oficiais daquilo que um homem é oficialmente em um dado campo social tornam-se *habitus*, elas se tornam o fundamento real das práticas. Exatamente por estar de acordo com essa análise é que acredito que o reconhecimento da sociedade é o elo que completa e fortalece a relação de subordinação e dominação. Um rompimento com a família significaria a perda do reconhecimento não só da família, mas também da sociedade. No caso de Anita isso não aconteceu por dois motivos: primeiro porque o rompimento com a família não partiu dela, mas dos “patrões”, e segundo porque a sua submissão apenas foi transferida da relação com a família para a relação com a Igreja; e ambos aconteceram “sob os olhos” da sociedade, preservando, assim, a sua imagem de “pessoa de coração bom”, bem como o reconhecimento e o respeito decorrentes dela.

É explícita, como demonstra Taylor, a relação de dependência entre o sentimento de dignidade e o coletivo. Nosso sentimento de valor pessoal é configurado de acordo com o reconhecimento dos outros para conosco; com o que os outros pensam ou vão pensar de nós. Taylor mostra como o nosso comportamento,

(...) a maneira como andamos, nos movemos, gesticulamos e falamos é moldada desde os primeiros momentos por nossa consciência de estar na presença de outros, de nos encontrarmos num espaço público e de que esse espaço pode trazer potencialmente o respeito ou o desprezo, o orgulho ou a vergonha. Nosso estilo de movimentação física exprime a maneira como nos vemos gozando de respeito ou carentes dele, como merecendo-o ou deixando de merecê-lo (Taylor, 1994: 29/30).

A sociedade não reconhece o jogo de submissão e exploração que envolve os filhos-de-criação. É como diz Bourdieu, só reconhece o jogo, só percebe seu alvo, quem tem o sentido do jogo incorporado, ou seja, o *habitus* constituído de acordo com as estruturas

objetivas. “*O que é vivido como evidência na *illusio* parece ilusório para quem não participa dessa evidência, já que não participa do jogo*” (Bourdieu, 1996: 142). Durante a pesquisa, conversei com várias pessoas da sociedade, com ou sem ligação direta com os filhos-de-criação, obtive várias informações sobre eles, sobre a relação de submissão e exploração que se estabelece entre eles e a família, e todas as pessoas, sem exceção, primeiro colocavam e denunciavam como um absurdo esse tipo de relação, mas em seguida conferiam uma série de elogios ao caráter dos filhos-de-criação justamente pela postura de submissão e subordinação que prestam à família. Em “A economia dos bens simbólicos” (1996), Bourdieu ressalta que aquele que se ajusta às expectativas coletivas, que, sem qualquer cálculo, ajusta-se de imediato às exigências inscritas em uma situação, tira todo o proveito do mercado de bens simbólicos. Ele é tanto mais elogiado pela consciência comum por ter feito, como se fosse natural, algo que era a única coisa a fazer, mas que ele poderia não ter feito. É exatamente por ser um tipo de relação que aos olhos da sociedade, por não ter o *habitus* predisposto a reconhecê-la, poderia não existir, caso os filhos-de-criação apenas não “quisessem”, que ela ganha ainda mais importância. É uma relação paradoxal: ao mesmo tempo em que a sociedade não entende e até condena a postura submissa dos filhos-de-criação em relação à família, o seu respeito, no sentido de reconhecimento e admiração, depende justamente do cumprimento dessa submissão, que se passa como voluntária.



## CONCLUSÃO

A questão que norteou este trabalho, como já colocada, foi: “o que leva algumas pessoas a se subordinarem voluntariamente?”. O que pude concluir depois da análise dos casos, com o suporte das teorias de Bourdieu e de Taylor, é que não se trata de uma subordinação voluntária e sim de uma subordinação cuidadosamente construída e legitimada por um mecanismo complexo de dissimulação.

A filosofia disposicional de Bourdieu me permitiu, através do acesso à gênese das práticas dos filhos-de-criação, compreender a lógica que estrutura a relação de submissão e exploração que se estabelece com a família “adotiva” que, do ponto de vista da minha lógica, parecia não haver lógica. Esse é um engano nefasto para o qual Bourdieu alertou já na sua etnologia da sociedade cabila e que, ainda hoje, é cometido com frequência.

A relação de submissão e exploração que envolve os filhos-de-criação não se apresenta como tal porque é fruto da cumplicidade entre a estrutura mental e a estrutura objetiva. Os filhos-de-criação possuem as disposições necessárias para reconhecer e naturalizar esta relação a ponto de concebê-la como uma relação afetiva. Como visto, para Bourdieu, a família para garantir a sua integração e, com isso, a sua sobrevivência, tende a transformar a obrigação de amar em disposição amorosa, através de “um espírito de família”, que funciona como uma espécie de “chamado à ordem” e que une seus membros. Ainda de acordo com Bourdieu, a incorporação desse espírito ocorre mediante as estruturas mentais das pessoas envolvidas, que variam entre si. Assim, para os filhos-de-criação cujas “estruturas mentais” são totalmente abertas à incorporação desse espírito de família, dada à inexistência de estrutura familiar biológica que os condiciona a conceber a instituição familiar como um privilégio, a submissão a ele ocorre de maneira “dóxicamente”. Ao agir “dóxicamente”, de acordo com as disposições incorporadas desde a mais tenra idade, os filhos-de-criação obtêm o reconhecimento da família.

Vimos em Taylor que, inicialmente, a nossa identidade, nosso auto-reconhecimento como *self*, se dá na medida em que definimos nossa posição no espaço social e nos relacionamos com as pessoas com as quais compartilhamos esse espaço. Depois, a nossa identidade é definida quando nos orientamos rumo àquilo que nossas avaliações fortes nos

“apresentam” como “bem”. A garantia de que estamos na direção desse bem é o que configura nosso sentido de valor pessoal; de uma vida significativa, que vale a pena ser vivida. No caso dos filhos-de-criação, a rede de interlocução que os envolve se resume à relação com a família, em qualquer estágio da vida. Suas avaliações fortes foram constituídas no e pelo universo familiar. Como não houve, e não há, outros contextos de ação, suas avaliações fortes estão voltadas para a própria família, de tal modo que esta é concebida como um “hiperbem”; o que os prende inexoravelmente a ela. O reconhecimento da família aos filhos-de-criação acontece mediante esse “prendimento”; que se passa como voluntário, e que representa o reconhecimento por parte dos filhos-de-criação da “dívida” pela “caridade” recebida. Esse reconhecimento da família é o que configura o sentimento de valor pessoal, de dignidade, no sentido tayloriano do termo, dessas pessoas.

Bourdieu afirma que é uma propriedade geral dos campos (e aqui a família é concebida dentro dessa lógica) que a competição pelo o que aí se aposta dissimule o conluio a propósito dos próprios princípios do jogo. Trata-se da *illusio* de cada campo que só é reconhecida subjetivamente por aqueles que têm as disposições dispostas para isso, ou seja, construídas de acordo com as estruturas objetivas do campo. Nesse sentido, a sociedade, que não entende e não reconhece a *illusio* desse campo, que prende de tal maneira os filhos-de-criação, passa a admirá-los exatamente pela subordinação que prestam à família, que, a seus olhos, é voluntária. O reconhecimento (no sentido do respeito atitudinal) da sociedade, nessas condições, atualiza as disposições adquiridas da família e ajuda a dar continuidade à relação de submissão e exploração que se estabelece.

## BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W., FRENKEL-BRUNSWIK, E., LEVINSON, D. J., NEVITT SANFORD, R. *The authoritarian Personality*. New York: Norton, 1982.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BECKER, Howard. De que lado estamos? In: *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. The peasant and his body. In: *Ethnography*, Vol. 5, No. 4, 579-599, 2004.

\_\_\_\_\_. *La distinción: criterios y bases sociales del gusto*. México: Taurus, 2002.

\_\_\_\_\_. *Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Paris: Seuil, 2000.

\_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996 (1).

\_\_\_\_\_. Espaço social e espaço simbólico. In: *Razões Práticas*. 8ª ed. São Paulo: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. Espaço social e campo do poder. In: *Razões Práticas*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: *Razões Práticas*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. Espíritos de Estado: gênese e estrutura do campo burocrático. In: *Razões Práticas*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. O espírito de família. In: *Razões Práticas*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. É possível um ato desinteressado? In: *Razões Práticas*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. A economia dos bens simbólicos. In: *Razões Práticas*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. Um fundamento paradoxal da moral. In: *Razões Práticas*. 8ª ed. São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.

\_\_\_\_\_. Célibat et condition paysanne. In: *Études Rurales*, (5-6) 32-135, 1962.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. À guisa de introdução: o que perguntamos à família e à religião? In DUARTE, L. F. D.; HEILBORN, M. L.; BARROS, M. M. L.; PEIXOTO, C. (orgs.). *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

\_\_\_\_\_. O Sacrário Original. Pessoa, Família e Religiosidade. *Religião & Sociedade*, v. 26, p. 25, 2006.

DURKHEIM, E. & MAUSS, M. Algumas formas primitivas de classificação (1903). In MAUSS, M., *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

EDER, Klaus. *A nova política de classes*. São Paulo: Edusc, 2002.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978, vol. 1.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Unesp, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

\_\_\_\_\_. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LEWIS, Oscar. *Five families: mexican case studies in the culture of poverty*. New York: Basic Books, 1959.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

POLLAK, Michael. *L'expérience concentrationnaire: essai sur le maintien de l'identité sociale*. Paris: Éditions Métailié, 1990.

PUTNAM, Robert. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Ed. UnB, 2000.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. The politics of recognition. In: GUTMANN, Amy. *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. (org.), *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WEBER, M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora UnB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Metodologia das ciências sociais*. Partes 1 e 2. São Paulo/Campinas: Cortez/Ed. da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. A Política Como Vocação. In: H. H. Gerth e C. W. Mills (eds.), *Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. Capitalismo e sociedade rural na Alemanha: o caráter nacional e os Junkers. In: *Ensaio de Sociologia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.